



UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE

CENTRO DE ESTUDOS GERAIS

INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E FILOSOFIA

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

ILDETE VIANNA SOARES

**SURDO ORALIZADO NO CONTEXTO
DE OUVINTES E DE SURDOS:
IDENTIDADE E DIFERENÇA COMO DESAFIO**

Niterói – RJ
2020



UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE

CENTRO DE ESTUDOS GERAIS

INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E FILOSOFIA

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

ILDETE VIANNA SOARES

**SURDO ORALIZADO NO CONTEXTO
DE OUVINTES E DE SURDOS:
IDENTIDADE E DIFERENÇA COMO DESAFIO**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal Fluminense como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Psicologia.

Área de Concentração: Estudos da Subjetividade
Linha de Pesquisa: Subjetividade, Política e Exclusão Social

Orientadora: Prof^a Dr^a Ana Claudia Lima Monteiro

Niterói – RJ
2020

Ficha catalográfica automática - SDC/BCG
Gerada com informações fornecidas pelo autor

S676s Soares, Ildete Vianna
Surdo oralizado no contexto de ouvintes e de surdos:
Identidade e diferença como desafio / Ildete Vianna Soares ;
Ana Cláudia Lima Monteiro, orientadora. Niterói, 2020.
109 f. : il.

Dissertação (mestrado)-Universidade Federal Fluminense,
Niterói, 2020.

DOI: <http://dx.doi.org/10.22409/PPGP.2020.m.87529300768>

1. Surdez. 2. Produção intelectual. I. Monteiro, Ana
Cláudia Lima, orientadora. II. Universidade Federal
Fluminense. Instituto de Psicologia. III. Título.

CDD -

ILDETE VIANNA SOARES

**SURDO ORALIZADO NO CONTEXTO
DE OUVINTES E DE SURDOS:
IDENTIDADE E DIFERENÇA COMO DESAFIO**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal Fluminense como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Psicologia.

Área de Concentração: Estudos da Subjetividade
Linha de Pesquisa: Subjetividade, Política e Exclusão Social

Orientadora: Prof^a Dr^a Ana Claudia Lima Monteiro

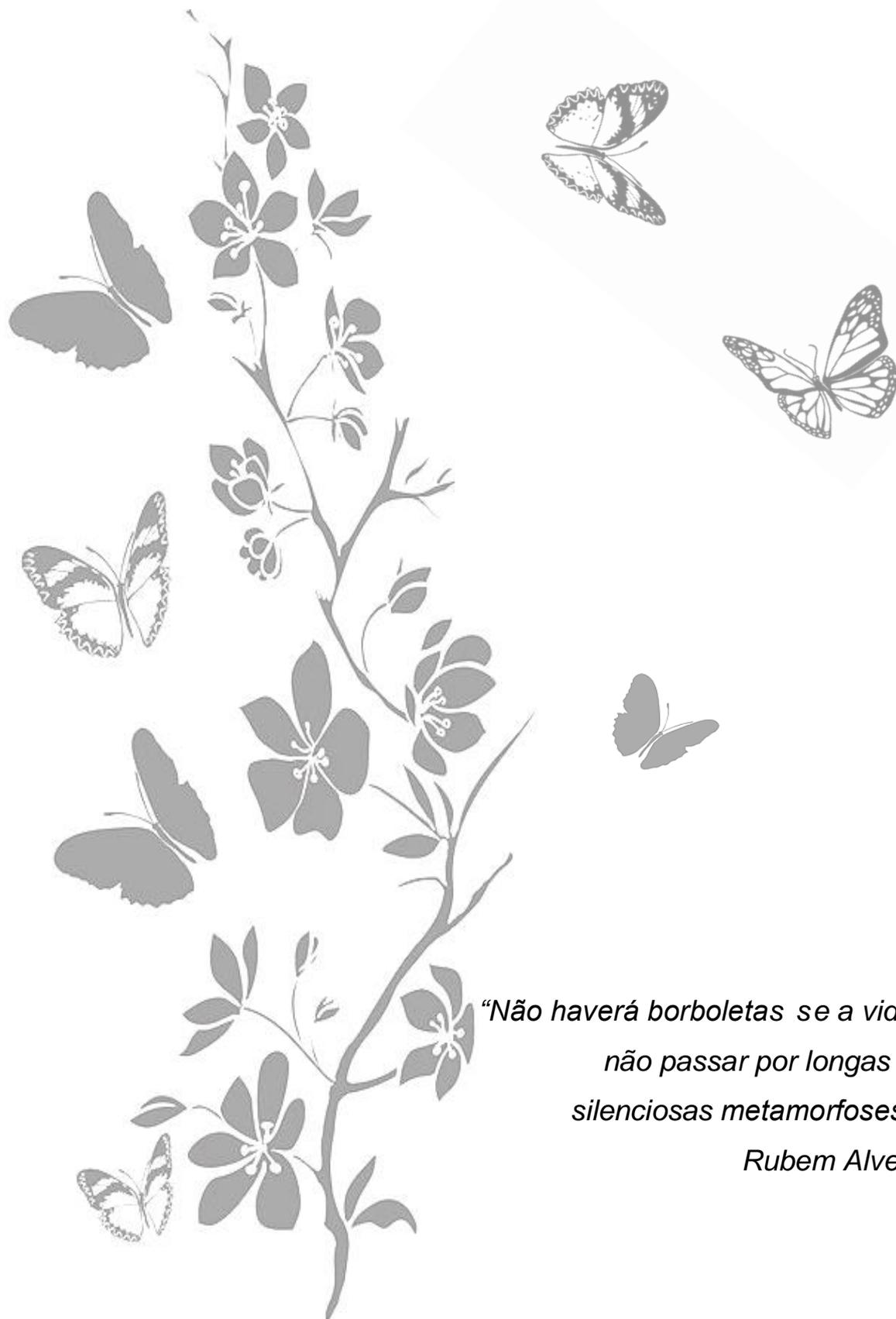
Aprovada em: 16/ 12 / 2020.

BANCA EXAMINADORA:

Prof^a Dr^a Ana Claudia Lima Monteiro
(Orientadora)
Universidade Federal Fluminense
UFF

Prof^a Dr^a Márcia Moraes
Universidade Federal Fluminense
UFF

Prof. Dr. Armando Guimarães Nembri
Escola Nacional de Saúde Pública - ENSP/FIOCRUZ



*“Não haverá borboletas se a vida
não passar por longas e
silenciosas metamorfoses”*

Rubem Alves

AGRADECIMENTOS

Chegado um momento muito especial, o a-gra-de-cer! Desafio tão grande quanto escrever esta dissertação, tanta coisa para ser dita... Quantas pessoas... Quantos afetos... meu coração está tão acelerado para escrever... Quanta emoção...

Lembrei-me de Chaplin: "Cada pessoa que passa em nossa vida, passa sozinha, porque cada pessoa é única e nenhuma substitui a outra. Cada pessoa que passa em nossa vida passa sozinha e não nos deixa só, porque deixa um pouco de si e leva um pouquinho de nós. Essa é a mais bela responsabilidade da vida e a prova de que as pessoas não se encontram por acaso".

Para além de qualquer protocolo ou tradição que possa simbolizar estes agradecimentos, desejo deixar aqui, apesar de pouco extenso, o registro afetivo e potente, que surgiu com alguns; se redimensionou com uns e se fortaleceu com outros.

Sendo assim, preciso começar agradecendo à **Força Divina, ao meu Deus**, que com seu amor, paz e, acima de tudo, fortaleza sustentou-me e animou-me nos momentos mais difíceis ao longo desta árdua caminhada: Sou grata, Senhor!

À **minha família**, Anna Raquel Vianna Soares, minha Kel e Regina Coeli Pires Monteiro, minha Gina. Duas pessoas maravilhosas, que são presenças constantes em minha vida e são a peça-chave para esta conquista. Vocês foram "colo que acolhe, braço que envolve, palavra que conforta, silêncio que respeita, alegria que contagia, lágrima que corre, olhar que sacia e amor que promove" (Cora Coralina). Além disso, não poderia esquecer das comidinhas deliciosas, inclusive as sem tempero algum, como também, as ardidinhas de tanto sal, do cafezinho por volta das 15h, das dicas práticas na arte de cozinhar, dentre elas, receita de bolo para preguiçoso via whatsapp e tantos outros detalhes que me permitem dizer apenas uma coisa: O-bri-ga-da! Só vocês sabem da minha dificuldade em acreditar na possibilidade de chegar aqui! Saibam que cada parágrafo desta pesquisa tem uma "pitadinha" do incentivo e apoio de vocês. Obrigada por acreditarem e nunca desistirem! Amo vocês!

À **minha amiga Sil** (Silviene Florentino), como chamo carinhosamente, pela competência profissional, com sugestões e correções relevantes, no processo de revisão da Língua Portuguesa nesta dissertação. Sil, só tenho uma coisa a dizer: O-bri-ga-da!!

Em minha trajetória de mestranda, encontrei pessoas da graduação, do próprio mestrado e do doutorado, **amigas/os** que não só estiveram comigo lado a lado no percurso de escrita; mas que também me deram forças para encarar essa grande empreitada. Encontrei pessoas que, incondicionalmente, mantiveram-se inabaláveis na fé e na certeza da finalização desta pesquisa, mesmo quando minha confiança mostrou-se frágil e afetada. A vocês, pessoas lindas, que tanto amo, o meu mais sincero: Obrigada!

Dentre todas estas pessoas especiais, o destino me fez cruzar com aquelas que neste momento, carinhosamente, chamarei de "**amigos da alma**". E a cada um destes, com encontros potentes, preciso dizer:

Minha Lu (**Lucila Lima da Silva**), como chamo carinhosamente, obrigada por me embalar com toda sua intensidade nas orientações, nas dicas, e, principalmente, por me embalar com sua parceria intelectual através das trocas de e-mails com direito a réplicas e tréplicas... Faltam-me palavras para expressar o quanto você foi importante nesta pesquisa, desde o vídeo apresentando o mestrado até aqui, na conclusão. Lu, não tem jeito, nossa conexão é eterna! Saiba que encontrar você foi o melhor presente que o mestrado me deu. Obrigada por estar comigo. "Amu tu"!

Áurea (**Áurea Alves Cardoso**), desde o primeiro contato, no curso preparatório, você já apresentara uma delicadeza e um cuidar tão especial... Verdadeiros afetos nascidos ali, impossível esquecê-los! Apesar da distância, minha Linda, nunca esqueça, nossa parceria está selada.

Nilson (**José Nilson Cerqueira de Oliveira**), agradeço pelas risadas, pelo ensinamento e, principalmente, por ser uma das pessoas que compuseram, como um tijolo humano, a "muralha da resistência", neste espaço, tão frio e sombrio, chamado UFF (Universidade Federal Fluminense). Obrigada pela torcida antes mesmo de me conhecer. Nossos caminhos não foram cruzados por acaso, obrigada!

Paty (**Patrícia dos Santos Muniz**), de sorriso largo, uma fortaleza, mesmo quando fraquejando! Uma "parceiraça" de resistência num lugar tão preconceituoso e discriminatório chamado UFF (Universidade Federal Fluminense), não foi fácil, né, Miga?? Obrigada por me ouvir e me escutar de forma tão bonita, sem dar conselhos, mas estendendo a mão para caminharmos juntas ("ninguém larga a mão de ninguém!"). Foi muito bom poder contar com você!

Aos meus "ouvidos humanos", forma carinhosa de chamar os meus **intérpretes de Libras** (Língua Brasileira de Sinais), não tenho palavras para dizer o quanto sou grata

ao trabalho de imensa competência de cada um que esteve comigo nesta caminhada. Sem vocês, nada disso seria possível!

E aos meus "ouvidos" mais chegados:

Graci (**Gracielle de Menezes Silva**), Igor (**Igor da Silva Mesquita**) e Cássia (**Cássia Maia**), vocês formaram duplas infalíveis, como dizia, carinhosamente para vocês: meu ouvido direito e meu ouvido esquerdo, nada pode apagar nossa história... Tudo que passamos juntos, nossos risos, nossos choros, nossos momentos ... A vocês três, o meu mais profundo: O-bri-ga-da!

Às/aos **colegas da turma 2018 e 2017** do mestrado e doutorado em Psicologia da UFF (Universidade Federal Fluminense), em especial aos cotistas que foram companheiras/os de muitas conversas, de muitas risadas e gargalhadas regadas a muita bebida e comida pelos bares da Cantareira. Não caberia aqui o nome de todas/os, mas saibam o quanto vocês foram importantes. Valeu!!! Temos que be-be-mo-rar!

À "**caixa de gatinhos**" nosso lugar de COMchego, estudo e produção. Nome dado ao grupo de alunes orientado pela nossa professora Ana Cláudia. Mesmo com nossas diferenças formamos uma linda família de gatinhos. Eita lugar gostooooossssoooo! Um lugar de encontros potentes e de muitas afecções, como também de muitas comilanças (Hummmm Sinto o gosto de cada lambiscaria que compartilhávamos!). Obrigada crianças! Vocês são D+!

Agora, um momento particular... Um momento singular...

Ana Cláudia Lima Monteiro, agradeço a você, minha orientadora, por ter me acolhido como sua orientanda e por não ter medido esforços para apoiar-me em todos os momentos deste percurso tão difícil. Foram tantas vivências! Tantos afetos!

Saiba, Ana, que lhe sou grata pela leitura atenta do trabalho, pelas contribuições, questionamentos, correções, disponibilidade, pela confiança e, acima de tudo, por você "estarCOM". Desse tempo compartilhado de orientadora-orientanda, guardarei com muito carinho nossas conversas, nossa amizade e até mesmo alguns entreveros que passaram por esta relação. Como sempre lhe disse: Tinha que ser você! Obrigada por ser minha "mãe científica" ensinando-me cada passo, sempre com a mão estendida e o sorriso no rosto. Uma luz serena que me ajudou a não desistir. Tudo isto, Ana, compôs um somatório fundamental não só para a construção desta pesquisa, mas para a

maturidade de toda uma vida a seguir. Muito orgulho de ter sido sua orientanda. O meu eterno O-bri-ga-da! Tal qual reverenciamos um grande mestre de jiu-jitsu no tatame, curvo-me diante de você e pronuncio: Oss¹.

Aos **membros da banca**, que durante o exame de qualificação e neste momento final de defesa, tão gentilmente, dispuseram do tempo e do conhecimento para analisar esta pesquisa. Prof^a Dr^a Luiza Rodrigues de Oliveira pelas brilhantes considerações que guiaram a elaboração deste trabalho e Prof. Dr. Armando Guimarães Nembri, pelo privilégio de tê-lo além de referência no mundo surdo, tê-lo como amigo de todas as horas. Deixo registrado com muito orgulho que suas reflexões e tensionamentos desencadeados na qualificação e todas as suas observações escritas foram igualmente imprescindíveis e valiosas para o aprimoramento desta pesquisa. A vocês: O-bri-ga-da!

Aos **professores do Mestrado**, os quais concederam-me a honra de poder compartilhar de seus conhecimentos, seja durante as disciplinas que cursei, seja nas conversas pelos corredores da UFF (Universidade Federal Fluminense). A vocês, Mestres: Obrigada!

Manifesto, também, a minha gratidão à equipe da secretaria do **Departamento de Pós-Graduação em Psicologia da UFF** pela ajuda, generosidade e profissionalismo com que atendeu às minhas solicitações sempre que precisei. E um agradecimento especial à Coordenadora deste Programa, Prof^a Dr^a Luiza Rodrigues de Oliveira, pelo apoio e luta incansável na superação das barreiras da comunicação e atitudinal, ainda presentes no espaço acadêmico, seja nas aulas, seja nas reuniões de colegiado, com o intuito de possibilitar mudanças conceituais e políticas que possam resultar na transformação da cultura universitária. Obrigada!

Além de todas estas pessoas citadas, devo agradecimento a muitas outras que, apesar de não registrar neste escrito, estão definitivamente registradas em mim e guardadas no

¹Oss - é uma expressão fonética usada universalmente para expressões do dia a dia, como "sim", "por favor", "obrigada", "entendi", "desculpe-me". Também diz ao mestre ou sensei (expressão utilizada para denominar alguém que acumulou mais experiência e alguma determinada função) que as instruções foram compreendidas, e que o estudante irá fazer o melhor para segui-las. A expressão usada no texto, tem como significado: Obrigada, aprendi as "instruções" (conhecimentos) compartilhadas; agora sairei da caixa de gatinhas e proliferarei tudo que aprendi com você!

mais belo cantinho do meu coração. Portanto, a cada um de vocês, o meu muito obrigada!

Por fim, deixo aqui registrado de como o meu coração se traduz neste momento:

Muito obrigado é tudo que eu tenho a dizer
Cantar é meu jeito de agradecer
O calor desse afeto que eu guardo aqui dentro
Um arranjo de estrelas brilhando no peito

E quem subiu comigo pra colher nas nuvens
Um buquê de sonhos no quintal das musas
Vou celebrar nos versos dessa canção
Porque a gratidão é a memória do coração [...]

Muito obrigado é tudo que eu tenho a dizer
Muito obrigado
Muito obrigado a você!

Leoni, 2015

SOARES, Ildete Vianna. Surdo Oralizado no contexto de ouvintes e de surdos: Identidade e Diferença como desafio. Dissertação de Mestrado. Orientadora: Ana Claudia Lima Monteiro. Programa de Pós-graduação em Psicologia, Universidade Federal Fluminense, Niterói, RJ, 2020.

RESUMO

Neste espaço de tão poucas linhas, preciso compartilhar algumas questões que provocam esta pesquisa: Quem eu seria? Qual corpo me pertenceria? Teria eu que desconsiderar uma marca em conformidade com a outra? Aprisionaria o meu corpo a apenas um mundo? Partindo dessa inquietude de dois mundos (ouvinte e surdo) e do sentimento de não-pertencimento a nenhum deles, sigo em uma proposta de olhar para o meu corpo e seus significados e, assim, pensar na possibilidade de, sem apagar as minhas singularidades, de compor os dois mundos em uma construção constante. Confirmando, desta forma, a existência de um corpo de fronteira que estabelece conexões múltiplas. Esta pesquisa baseia-se em uma política de escrita compromissada com a transformação social, pela qual convoco algumas mulheres pesquisadoras como Judith Butler, Vinciane Despret, Marcia Moraes, dentre outras, para juntas contarmos uma história diferente, uma escrita-corpo para além do olhar e do modo de contar masculinista. Diante desta perspectiva de escrita-potência, escrevo em narrativas alguns fragmentos da minha história, não só com o intuito de diversificar os formatos rígidos da escrita acadêmica, mas também com a intenção de compartilhar a maneira como meu corpo surdo oralizado bilíngue entende os processos que constituem a minha identidade, bem como as questões de opressão social contra as diferenças corporais.

Palavras-chave: surdez; identidade; pertencimento; composição; psicologia

ABSTRACT

In this space of so few lines, I need to share some questions that provoke this research: Who would I be? Which body would belong to me? Would I have to disregard one brand in accordance with the other? Would I trap my body in just one world? Starting from this restlessness of two worlds (hearing and deaf) and the feeling of not belonging to any of them, I follow a proposal to look at my body and its meanings and, thus, think about the possibility of, without erasing my singularities, to compose the two worlds in a constant construction. In this way, I confirm the existence of a frontier body that establishes multiple connections. This research is based on a writing policy committed to social transformation, for which I invite some female researchers such as Judith Butler, Vinciane Despret, Marcia Moraes, among others, to together tell a different story, a body-writing beyond the gaze and the masculinist way of telling. Faced with this perspective of power-writing, I write in narratives some fragments of my history, not only in order to diversify the rigid formats of academic writing, but also with the intention of sharing the way in which my bilingual deaf body understands the processes that they constitute my identity, as well as issues of social oppression against bodily differences.

Keywords: deafness; identity; belonging; composition; psychology

CURRÍCULUM

En este espacio de tan pocas líneas, necesito compartir algunas preguntas que provocan esta investigación: ¿Quién sería yo? ¿Qué cuerpo me pertenecería? ¿Tendría que ignorar una marca de acuerdo con la otra? ¿Atraparía mi cuerpo en un solo mundo? A partir de esta inquietud de dos mundos (oyente y sordo) y el sentimiento de no pertenecer a ninguno de ellos, sigo una propuesta de mirar mi cuerpo y sus significados y, así, pensar en la posibilidad de, sin borrar mis singularidades, para componer los dos mundos en una construcción constante. De esta forma confirmo la existencia de un cuerpo de frontera que establece múltiples conexiones. Esta investigación parte de una política de escritura comprometida con la transformación social, para lo cual invito a algunas investigadoras como Judith Butler, Vinciane Despret, Marcia Moraes, entre otras, a contar juntas una historia diferente, una escritura corporal más allá de la mirada. y la forma masculinista de contar. Frente a esta perspectiva de poder-escritura, escribo en narrativas algunos fragmentos de mi historia, no solo con el fin de diversificar los rígidos formatos de la escritura académica, sino también con la intención de compartir la forma en que mi cuerpo sordo bilingüe comprende los procesos que constituyen mi identidad, así como cuestiones de opresión social contra las diferencias corporales.

Palabras clave: sordera; identidad; pertenencia; composición; psicología

LISTA E DESCRIÇÃO DE IMAGENS

Imagem 1 - Árvore florida com borboletas	04
Imagem 2 - Pintura da artista surda Luisella Zuccotti	21
Imagem 3 - Corte vertical do ouvido humano	25
Imagem 4 - O caminho do som	26
Imagem 5 - Meu sinal	43/46
Imagem 6 - Alfabeto Manual	45
Imagem 7 - Datilologia do meu nome	46
Imagem 8 - Pintura do artista surdo Charles Wildbank	52
Imagem 9 - Pintura do artista surdo Ulrich Braig	83

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

- LIBRAS** - Língua Brasileira de Sinais
- IBGE** - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
- PcD** - Pessoas com deficiência
- UFF** - Universidade Federal Fluminense
- RJ** - Rio de Janeiro
- UERJ** - Universidade do Estado do Rio de Janeiro
- PT** - Partido dos Trabalhadores
- UENF** - Universidade do Estado do Norte Fluminense
- LBI** - Lei Brasileira de Inclusão
- ONU** - Organização das Nações Unidas
- CDPD** - Convenção dos Direitos das Pessoas com Deficiência

SUMÁRIO

INICIANDO UMA CONVERSA... (Introdução?)	16
CAPÍTULO 1 - PASSADO	21
1.1 - SER SURDA SEM SABER, COMO ASSIM?	22
1.2 - CORPO INQUIETANTE AO ENCONTRO DA SURDEZ	35
1.3 - LIBRAS, UM DESPERTAR EM CORES NUMA ORALIZAÇÃO DESBOTADA	42
CAPÍTULO 2 - PRESENTE	52
2.1 - ONDE TUDO COMEÇOU	53
2.2 - O DIA DA FALTA	61
2.3 - MURALHA HUMANA, POSSÍVEL E REAL!	76
CAPÍTULO 3 - FUTURO	83
3.1 - FUTURO	84
AINDA TENHO ALGUMAS PALAVRAS... (Considerações Finais?)	93
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	100

INICIANDO UMA CONVERSA... (Introdução ?)

Respiro fundo diante da folha de papel branca e vazia do computador, procurando as palavras certas para escrever, mas do teclado as letras fugiram! Bateram em retirada tão depressa que nem consegui juntar nenhuma letra para formar qualquer palavra! Agora não tenho dúvida, realmente o ato de escrever numa pesquisa, não é tarefa tão fácil! É muito solitário e sofrido. Produz um silêncio tãããooo alto por dentro, que no meu corpo abriam ranhuras nas cicatrizes já existentes. Ranhuras, ao mesmo tempo, delicadas e brutais, sinalizando que estou num processo de encontro comigo mesma para re-conhecer e re-significar minhas inquietações, como dizem Fiadeiro e Fernanda Eugênio² (2012, p.1) "[...] alargar o possível e o pensável, sinalizando outros mundos e outros modos para se viver juntos, ao mesmo tempo que subtrai passado e futuro com a sua emergência disruptiva". Então, diante disso, recorro aos meus pensamentos para tentar encontrar as letras e, assim, formar palavras para compor o meu texto.

Lembro que esta pesquisa se faz no compromisso político e epistemológico feminista³, onde o "pessoal é político", expressão que surge com a compreensão de que os problemas vividos no nosso cotidiano tem raízes sociais e que demandam, portanto, de soluções coletivas (Cecília Sardenberg, 2018). Pensando assim, entendo que o que acontece na nossa vida, no campo pessoal, é também político e que quando compartilhado, fica mais fácil de combater.

De fato, acredito que a tomada de consciência é a condição primordial no deslanchar do processo de empoderamento, sobretudo quando acontece a partir da troca de vivências e experiências e reflexões coletivas, que levam a uma ação coletiva transformadora. (Id. 1994,p.92)

Como política de escrita, tenho a honra de convidar, para escrever junto comigo, algumas autoras como Judith Butler, Marcia Moraes, Ana Claudia Lima Monteiro, Gloria Anzaldúa, dentre outras, e dando-lhes destaque em cada citação, usando nome e

² Inserir o nome e o sobrenome de mulheres em cada citação foi uma opção nossa (eu e minha orientadora, Ana Claudia Lima Monteiro) como uma política de escrita, para a retirada das mulheres escritoras dessa situação de invisibilidade. No decorrer do texto será mais aprofundada essa opção de escrita.

³ O conceito de feminista aqui utilizado, como define Vera Soares (1995), parte do princípio de que é uma ação política das mulheres, que interliga teoria, prática e ética para tornar as mulheres sujeitos históricos da transformação de sua própria condição social e do mundo em que vivem. É uma luta pela conquista à cidadania, portanto, não se distingue pelo desejo de transformar as relações de gênero, ou seja, "deslocar" a posição do homem, não! É uma luta para sermos incluídas como cidadãs.

sobrenome, numa tentativa de opor-me à perspectiva de neutralidade da ciência, cuja figura do pensador é relacionada ao masculino. Essa escrita conjunta reforça o compromisso assumido por esse trabalho a transformação social, reforçando, também, nossa afirmação como sujeitos do conhecimento, do político e do histórico, pois, durante muito tempo, nós mulheres, fomos destinadas à passividade, silenciadas, desvalorizadas e, ainda hoje, somos esquecidas não só em nossas lutas, mas também em nossos direitos. Trago esta política de escrita, não somente para destacar mulheres, mas como proposta de contar uma história de forma diferente, de forma a não deixar de lado os detalhes, as afetações e os desejos; uma oportunidade de trazer uma narrativa que não fosse possível pelo olhar e modo de contar masculinista.

No percurso de pesquisa que temos trilhado assumimos, justamente, o compromisso de fazer pesquisa COM o outro e não SOBRE o outro. [...] A escrita na ciência está longe de ser o simples relato dos resultados de uma pesquisa. Ela é antes, uma forma de povoar o mundo. Uma forma de fazer mundo. (Marcia MORAES e Alexandra TSALLIS, 2016, p.43-4).

Mas por que escrever? Por que permanecer horas e horas diante do papel? Porque escrever é ato democrático, ultrapassa fronteiras geográficas, de classe, de sexo e de raça. Escrever significa lidar com toda a minha vida e, como diz Gloria Anzaldúa (2000), é a busca do meu eu, do centro do eu. Escrevo para me localizar, entrar em conexão com multiplicidades que sacodem minha certeza mais sólida, ser outra; ou melhor nem ser mais. O ato de escrever, hoje, para mim, significa abrir as minhas portas mais ocultas e perceber que minhas/meus parceiras(os) de escrita se conectam comigo, proporcionando-me um mundo de possibilidades. O ato de escrever é sobretudo, ser corpo.

A escrita é uma ferramenta para penetrar naquele mistério, mas também nos protege, nos dá um distanciamento, nos ajuda a sobreviver (Id. 2000, p.232).

Partindo desse pensar, junto algumas letras e dou início à minha escrita, colocando em evidência a minha posição enquanto sujeito de fala para localizar-me dentro deste espaço e no mundo como mulher real; no caso eu! Nessa pesquisa falo do lugar de mulher, surda oralizada bilíngue, pedagoga, cisgênero, brasileira, artesã como *hobby*, praticante de jiu-jitsu, vegetariana, trazendo marcas do interior praiano do Rio de Janeiro e cidadã.

Apostamos, eu e minha orientadora, Ana Claudia Lima Monteiro, na pesquisa em narrativa como caminho para esvaziar-me diante do desconhecido, ou seja, usar a narrativa enquanto forma artesanal⁴ de comunicação, a fim de possibilitar-me mergulhar em mim, em seguida, retirar-me de mim, como uma espécie de "exotopia" ao contrário, para assim, imprimir a marca do meu corpo vivido e sentido, e só desta forma, compartilhar com você, leitora/or, que nunca vi, pois acreditamos que exista no inesperado, uma chance de outras possibilidades de ser, de existir e de se relacionar de outros tantos modos que antes dessa pesquisa eu nem conhecia. Como diz Glória Anzaldúa (2000), choque você mesma com novas formas de perceber o mundo, choque seus leitores da mesma maneira. Considerando isso, hoje compreendo que a partir dessas narrativas tenho a possibilidade de voar para tempos e espaços inesperados e dessa forma não correr o risco, como pesquisadora, de produzir relatos repetitivos, frios e desinteressantes (Vinciane Despret, 2004), mas proliferar e transbordar.

[...] propomos pensar um trabalho de escrita como a possibilidade de um exercício [...] de liberdade, pois trata efetivamente de um movimento sobre nós mesmos, no sentido não só de produzir desvios diante dos formatos vigentes (muitas vezes sufocantes), mas também, liberdade de estilização da nossa própria existência. (MACEDO e Magda DIMENSTEIN, 2009, p.154)

E nessa perspectiva de uma "escrita-potência" (Ana Claudia Lima Monteiro em sala, 2018) com a marca da liberdade de estilização que escrevo, não só no sentido de pluralizar os formatos presentes na escrita acadêmica, quanto a neutralidade e o distanciamento do pesquisador (como um "Pequeno Príncipe" solitário em seu planeta), mas compartilhar sobre de que maneira minha subjetividade como surda oralizada bilíngue entende questões sobre identidade e opressão social contra às diferenças corporais e, dessa forma, conversar sobre as minhas marcas com as possíveis marcas de quem lê - afetar e coletivizar. Produzir conhecimento requer ousadia e criatividade. Como diz Judith Butler (1993, p. IX): "[...] vida corporal não pode estar ausente da teorização."

⁴ Entenda este "artesanal de comunicação" não como uma forma rudimentar ou menos científica de compartilhar conhecimento, não! Uma artesã não se torna uma artesã apenas porque está empregando uma técnica artesanal, mas porque está inserida num contexto em que ser uma artesã possui um significado social em articulação com outros significados, dos quais ela compartilha. Por isso, fazemos "arte": não podemos sustentar o silêncio! Tarefa paradoxal desta escrita: não conservar o que está oculto!

Assim, esse modo de pesquisar que sustentamos, não é apenas o produto de um "ato de contar", ela também tem um poder de efetuação sobre o que narra (Christine Delory, 2012), constituindo neste ato, o modo pelo qual o sujeito compreende e experimenta o mundo.

A narrativa desta pesquisa está organizada em três disposições (passado, presente e futuro) não sequenciais e autônomas entre si, que se compõem por fragmentos de momentos da minha história. No entanto, quero que você, leitora/or, sinta-se à vontade para iniciar sua leitura pela disposição que desejar ou seguir esta ordem, como por exemplo. Ah! Dois detalhes importantes. O primeiro é que no início de cada disposição, faço destaque à Cultura Surda⁵, apresentando pinturas de artistas surdos. O outro, é que eu e minha orientadora, Ana Claudia Lima Monteiro, optamos por apresentar minhas narrativas em uma formatação de fonte distinta (*Segoe Script*) com o intuito de demarcá-las no contexto.

Na disposição "passado", a apresentação dos fragmentos é sequencial e narra o percurso do aparecimento da minha surdez até o meu encontro com a Libras (Língua Brasileira de Sinais). Nesse momento, convoco você, leitora/or, a compartilhar a experiência da invisibilidade a qual me levou ao questionamento sobre ser diferente e sobre como estar nesta diferença, até o encontro mágico com uma língua puramente visual.

Na disposição "presente", os fragmentos são narrados de forma que cada um tenha autonomia entre si. A ordem obedece a uma sequência de acontecimentos vividos, ou seja, a minha trajetória para entrar no mestrado, os estranhamentos diante de um espaço de pesquisa e a resistência como resposta.

Na disposição "futuro", faço uso do "tempo" e por isso, não terá fragmentos. Partindo de um olhar metafórico, associado à ideia de metamorfose, narro as descobertas que fiz com esta pesquisa, e as possibilidades de composição na fronteira e os desafios dessa

⁵ Cultura Surda - expõe comportamentos, olhares e costumes característicos de um grupo minoritário que utiliza uma comunicação espaço-visual como meio de conhecer o mundo, ou seja, uma rede de significados que concentram aspectos morais, estéticos e valorativos, que se configuram num estilo de vida totalmente visual.

Para saber mais:

<https://www.todoestudo.com.br/sociologia/cultura-surda>

<https://culturasurda.net/>

<http://educa-tube.blogspot.com/2018/01/pequeno-manual-da-cultura-surda-para.html>

identidade de estilo fronteiro. Como diz Ciampa (1989, p.59): "Será tão fácil dizer quem somos? [...] este é um problema digno de uma pesquisa científica [...]".

Ao término destas três disposições (presente, passado e futuro) "ainda tenho algumas palavras... (considerações finais?)" onde compartilharei o que ficou. Mas só isso? É, penso que este será o momento de uma ponderação de tudo que ficou em mim e, certamente em você.

Nooosssaaaaa !!! Quantos afetos... Quanto de corpo... Quanto de vida...

E nisso não há como colocar um limite, então, talvez coloque reticências...

No mais, é como disse Marisa Monte (2006) na música "Infinito Particular":

Eis o melhor e o pior de mim
O meu termômetro, o meu quilate [...]
Eu não sou difícil de ler [...]
Eu sou daqui, eu não sou de Marte
[...] sou porta-bandeira de mim
Só não se perca ao entrar
No meu infinito particular.
Em alguns instantes
Sou pequenina e também gigante [...]
O mundo é portátil
Pra quem não tem nada a esconder
Olha a minha cara
É só mistério, não tem segredo
Vem cá, não tenha medo
A água é potável
Daqui você pode beber
Só não se perca ao entrar
No meu infinito particular.

CAPÍTULO 1

PASSADO

[...] minha presença no mundo não é a de quem a ele se adapta, mas a de quem nele se insere. É a posição de quem luta para não ser apenas objeto, mas sujeito também da história.

Paulo Freire

Leio em seus lábios as palavras ditas,
e em suas expressões, as deixadas aí dentro.

Danielle Kraus Machado

1.1 - Ser surda sem saber, como assim?

O início provável dos primeiros sinais da minha perda auditiva, segundo os médicos, apareceu depois dos sete anos de idade no ouvido esquerdo de forma bem acentuada e durante muito tempo eu não sabia o que era surdez e nem tampouco o que tinha! Parece estranho, como ter uma perda acentuada e não perceber? Eu não me sentia surda! Minha família só se deu conta da deficiência depois de esgotar todas as outras possibilidades da minha chamada "distração".

Na escola, sempre fui uma aluna um "pouco" arteira e bagunceira, sentava mais ou menos no meio da sala, tinha amigos do lado direito, do lado esquerdo, na frente e atrás. Num determinado momento comecei a sentir uma certa irritabilidade por parte dos amigos e dos professores por causa da minha "falta de atenção". Uma irritabilidade tão marcante e crescente que, não sei quando, um amigo, que se sentava ao meu lado esquerdo, fala com todas as letras que não queria mais sentar-se perto de mim por causa da minha distração. E por mais que eu tivesse tentado me explicar, não houve jeito, ele trocou de lugar. Não entendi o porquê de estar sendo rotulada daquela forma; o que me causou muita

tristeza. Passo, então, a sentar no lugar dele, colada à parede, e como por encanto, deixo de ser "a distraída" para eles naquele espaço. Entretanto, nas aulas de Português, a dificuldade em entender solicitações básicas por parte da professora, em pronunciar algumas palavras corretamente em leituras orais, bem como a produção de textos foram aumentando ainda mais, um verdadeiro pesadelo! Quanto as aulas de Educação Física, comecei a inventar desculpas para não participar de esporte coletivo, ficava sempre perdida sem saber direito o que estava acontecendo e, por mais que o professor advertisse os colegas por me colocarem apelidos ou não ser escolhida para compor o time, não adiantava muito!

Em casa, a família sempre colocava "desculpas" para a distração alegando conflitos familiares bem presentes na época. Mas acredito que no fundo, minha mãe já sabia, pois sempre incentivava a brincadeira chamada de "vamos adivinhar o que o outro fala". E no que consistia essa brincadeira? Ficávamos em frente da TV vendo o "Jornal Nacional" sem o som e "traduzindo" o que o repórter falava, ou seja, um treino de leitura labial.

E assim, nessas descobertas, às escuras, sem compreender o que realmente acontecia comigo, prossigo!

Conceituar perda auditiva⁶ não é uma tarefa simples, considerando a visão médica, ainda hegemônica, acerca da condição das pessoas que perdem a capacidade de ouvir com os ouvidos. Esta ideia pré-concebida sobre surdez direciona pessoas com um não-funcionamento-padrão da audição ao campo do tratamento para que, assim, possam ser "corrigidas".

Confesso que, nessa época, nada sabia sobre surdez, sobre ser surda e, durante muito tempo, aceitei a ideia única de que captamos os sons apenas através do "sistema auditivo" e que, por não tê-lo funcionando nos parâmetros considerados padrão, este apresentava um defeito. Contudo, hoje, posso afirmar que sou uma surda com perda⁷ de severa a profunda nos dois ouvidos (bilateral) e que mesmo assim, escuto. Como assim escuto?!?! É, escuto! Não estou biruta e nem tampouco faço contatos de sei-lá-que-grau, mas afirmo, eu escuto com meu corpo!

⁶ **Perda auditiva:** é quando a pessoa perde a capacidade de ouvir corretamente com um ou ambos ouvidos, conforme os padrões biomédicos da nossa sociedade. No Cap. 2 conversaremos mais detalhadamente sobre a visão biomédica da deficiência e a visão social da deficiência.

⁷ **Tipos de Perda:** **condutiva** - quando há um comprometimento da passagem do som pelo ouvido externo e/ou médio; **neurossensorial** - quando há problemas no ouvido interno (cóclea) ou nas vias nervosas que vão do ouvido interno ao cérebro; **mista** - quando há uma "mistura" da perda auditiva condutiva com a neurossensorial.

Graus de Deficiência: **Audição normal** - 0 – 25 dB - permite que ouçamos todos os sons da fala;

Leve - 26 – 40 dB - ouve os sons das vogais, porém muitas das consoantes como o f, s, p, t, k podem estar inaudíveis, assim como o tique-taque do relógio;

Moderado - 41 – 60 dB - apresenta dificuldade para ouvir em diversas situações, e para manter um diálogo. Apenas sons fortes como choros de crianças e o de aspirador de pó funcionando são audíveis;

Severo - 61 – 80 dB - nenhum som de fala é audível em nível de conversação natural. Poucos sons podem ser entendidos, como latidos de cachorro, sons graves de piano ou o toque do telefone em volume máximo;

Profundo - >81 dB - nenhum som é entendido. Sons como o da serra elétrica, motocicletas e helicópteros podem se captados.

Quanto à lateralidade: **bilateral** - é uma perda auditiva em ambos os ouvidos; **unilateral** - apenas um ouvido apresenta perda auditiva.

Causas da surdez: **congênita** - ocorre na fase gestacional, tendo como principais causas as doenças durante a gestação, como rubéola ou toxoplasmose. Pode ocorrer nos períodos pré-gestacional e pré-natal; **adquirida** - pode ser provocada por diversas doenças, pelo envelhecimento natural, ou mesmo, por exposição contínua a ruídos muito altos.

Quando ocorre: dependendo de quando acontece, a perda auditiva pode ser: **pré-lingual** - ocorre quando a criança já nasce surda ou perde a audição antes do desenvolvimento da fala; **pós-lingual** - perde a audição após a aquisição e desenvolvimento da fala.

Para saber mais, acessar os links: (acesso em 12 dez.2019)

<https://www.resound.com/pt-br/hearing-loss/understanding>

<http://www.fiocruz.br/biosseguranca/Bis/infantil/deficiencia-auditiva.htm>

<http://blog.handtalk.me/surdo-ou-deficiente-auditivo/>

<https://www.direitodeouvir.com.br/blog/tipos-deficiencia-auditiva>

<https://comunicareaparelhosauditivos.com/deficiencia-auditiva/>

<http://professor.pucgoias.edu.br/SiteDocente/admin/arquivosUpload/17962/material/Conhecendo%20a%20surdez.pdf>

Entretanto, neste momento, penso que seja preciso, primeiro, explicar, de forma bem resumida, este "ouvir" utilizando o sistema auditivo, para, depois, compartilhar este "escutar" com o meu corpo e desta forma, deixar claro o meu lugar de não ouvinte, ou seja, o lugar que me percebo, conforme Donna Haraway (1995), posicionando-me no lugar de onde "fala com" e "não fala por".

O ser humano possui o chamado sistema auditivo que através do ouvido⁸, formado pelas partes: ouvido externo, médio e interno (fg.1), as ondas sonoras são transmitidas ao cérebro sendo decodificadas e interpretadas, fazendo com que emoções e sentimentos sejam despertados, dando a sensação de audição (fg.2).

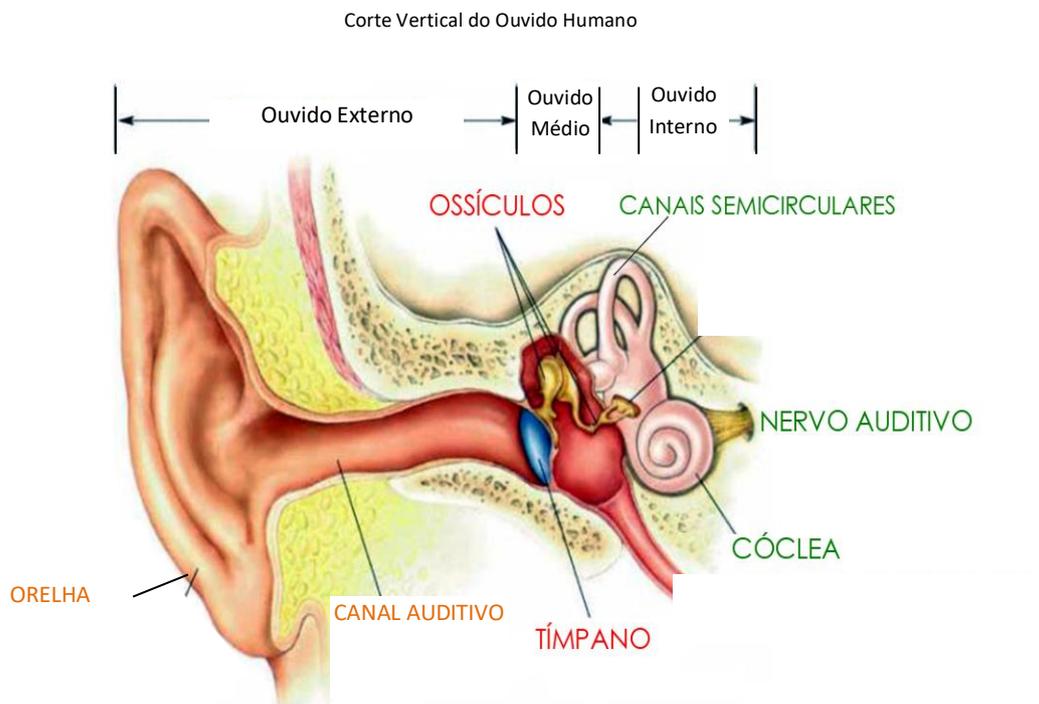


Figura 1 - Fonte: <https://enfermagemflorence.com.br/anatomia-do-ouvido/>

⁸ Funcionamento do ouvido humano: Cada parte do ouvido possui uma função específica para decifrar o som. O ouvido externo, onde estão localizados a orelha e o canal auditivo, serve para coletar o som e levá-lo através do canal ao ouvido médio. O ouvido médio é uma cavidade cheia de ar composto pelo tímpano e três ossículos interconectados (martelo, bigorna e estribo). O tímpano vibra e aciona os ossículos que se movem e pressionam a cóclea. O ouvido interno é composto pela cóclea (estrutura com formato de caracol) e pelo labirinto (com três canais semicirculares). Quando o som é conduzido até a cóclea é transformado, em impulsos elétricos que são encaminhados até o cérebro através do nervo auditivo, onde são decodificados e interpretados

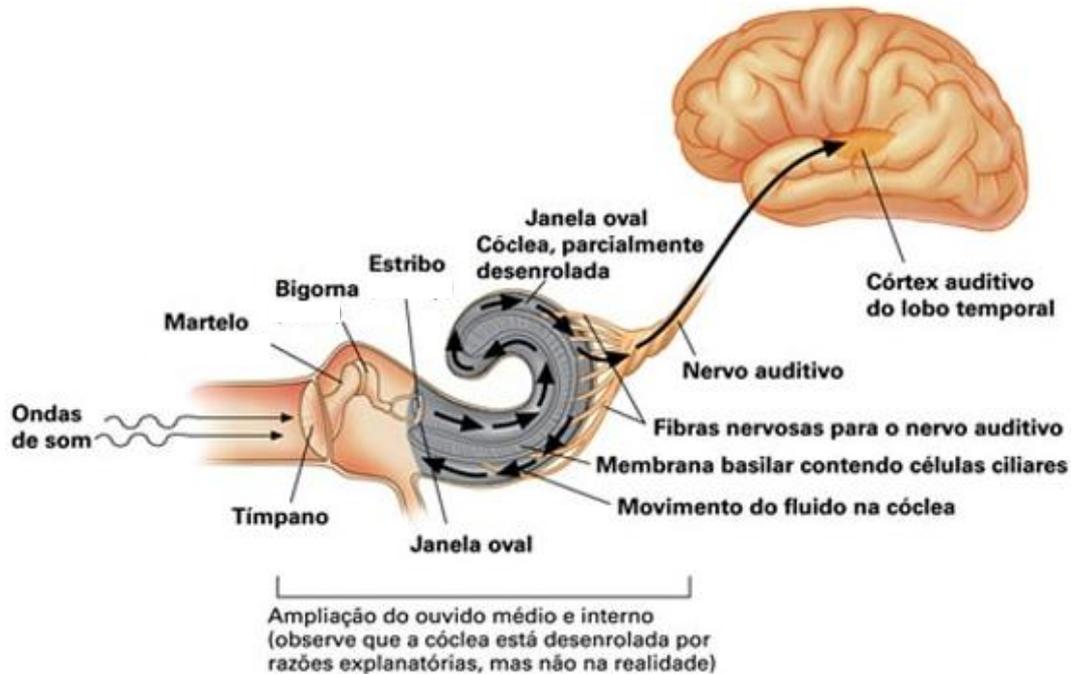


Figura 2 - Fonte: http://www.confrariaaudiovisual.com.br/post/audicao_consciente_a_anatomia_da_audicao_humana.html

A deficiência ou perda auditiva pode ser distinguida pela redução ou ausência da habilidade deste sistema, sendo caracterizada de distintos tipos e diversos graus, isto significa que, algumas pessoas têm certa dificuldade em manter um diálogo simples por não entender determinadas palavras e outras pela não compreensão total das palavras, contando, assim, com a leitura labial (utilizando-se, ou não, de tecnologias como próteses auditivas ou implante coclear) e/ou com o uso da língua de sinais.

A perda da audição pode ocorrer em ambos ouvidos, chamada de perda bilateral ou em apenas um ouvido, chamada de perda unilateral.

A perda unilateral, dependendo do grau de perda, pode apresentar consequências prejudiciais à comunicação, tais como dificuldade em identificar a direção do som e dificuldade de compreensão da fala em ambientes ruidosos. Segundo pesquisas (Renata R. Oliveira Garcia, 2016; Figueira, 2008 e outros), a grande dificuldade está na aceitação, compreensão e adaptação às mudanças em seu estilo de vida.

Agora sim, poderei dizer como "escuto" com o meu corpo!

Os verbos "ouvir" e "escutar" são comumente apresentados como sinônimos, mas compreendem sentidos bem diferentes. Ouvir, refere-se àquilo que o nosso ouvido capta, portanto, um processo mecânico relacionado a um dos cinco sentidos - a audição; escutar é mais profundo, não depende do ouvir, é sentir, é ultrapassar os limites de si-mesmo. Escutar, portanto, é um fenômeno do corpo. Escuto com o meu corpo, através de sensações, percepções e sentimentos. Para ser mais clara, explicarei o funcionamento deste meu "escutar" em algumas situações.

Bem, eu ammmmmoooo música! Quando estou dirigindo, ao colocar música, junto à porta (nos carros, uma das caixas de som é fixada na porta do motorista) coloco meu cotovelo e sinto o ritmo, a melodia e ... "solto" a voz! Já aconteceu de estar parada no sinal de trânsito e de repente, perceber que o motorista ao lado está olhando pra mim, provavelmente, me achando uma doida. Um detalhe, o som precisa estar nas alturas e eu cantando, naturalmente, nas alturas também! (risos, lembrei-me de algumas caras de motoristas me olhando!)

Outro momento, é quando vou à "balada" - um lugar que addddoorrroooo!!! - Tenho uma estratégia para não pagar "mico". Sempre quando vou pra pista, nunca fico num canto, não! Vou para o centro. É neste espaço que escuto perfeitamente a diferença dos sons e a continuidade da música, seja ela lenta ou rápida. Meu

corpo acompanha, perfeitamente, com movimentos próprios, as batidas de cada música.

Ah, lembrei de uma forma de escutar que sempre acontece em casa! Às vezes, eu não consigo entender uma determinada palavra (a leitura labial "não está funcionando") ou esqueço como se pronuncia uma palavra que desejo falar, então, no pescoço (na parte da frente) da outra pessoa coloco minha mão e escuto! Deixo-me permitir! Sei que é no escutar que meu corpo se potencializa e me desenha como surda.

Como falei em leitura labial, penso que seja importante uma outra pausa para explicar o que é leitura labial e como a faço. Parece tão óbvio!?! Mas não é! Muitos falam mal, como se fosse algo inventado ou quase impossível de fazer. A leitura labial é uma técnica também chamada de Leitura Orofacial que consiste na observação e interpretação dos movimentos dos lábios de quem fala. Esta técnica não é infalível, pois muitos fonemas possuem uma "articulação invisível" ou a mesma articulação, por exemplo /p//a//t//o/ e /m//a//t//o/ o "p" e o "m" podem ser confundidos. Empecilhos também podem comprometer o entendimento, como quando quem fala coloca a mão ou qualquer objeto na boca, movimentos da cabeça, bigode em seus diversos tipos, falar muito rápido, pouca articulação na pronúncia dos fonemas, mais de uma pessoa falando concomitante, proximidade ou distanciamento do falante e iluminação.

Mas como faço uso da leitura labial? Bem, confesso que é a primeira vez que a explicarei de forma didática, pois sempre estive no meu corpo naturalmente! Nunca a vi como "técnica"!

Primeiramente, ao chegar em algum ambiente, preciso me localizar, saber qual o tema da conversa (ler lábios não é a mesma coisa que ouvir), olhar para os lábios de quem fala (falante), me concentrar nos movimentos e compreender a mensagem (neste momento, internamente, as vezes, "coloco" som nos lábios desta pessoa, fica mais interessante!).

Como alguns fonemas "se parecem", vou deduzindo o que se fala, na verdade, não leio palavra por palavra (é muito cansativo e demorado - ao prestar atenção na fala inteira, posso perder uma ou duas palavras e mesmo assim entender o que foi dito), sempre fico atenta ao contexto, ao momento e à pessoa que fala. Então, se "leio": coloque "janela" no arroz doce, rapidamente, corrijo-me internamente, tirando "janela" e pondo "canela" (afinal, ninguém coloca janela no arroz doce - risos - pura dedução!). E quando não entendo, quando não consigo corrigir-me, sem problema, peço para repetir, repetir... até entender.

É claro que as vezes não consigo perceber que fiz uma leitura equivocada! (Risos, por lembrar de algumas situações) Contudo, tenho a leitura labial como uma grande brincadeira, um exercício constante, sem estresse! Obviamente que para uma compreensão mais

profunda do assunto, não abro mão do intérprete de Libras.

[...] temos o direito a ser iguais, sempre que a diferença nos inferioriza; temos o direito de ser diferentes sempre que a igualdade nos descaracteriza (SANTOS, 2006, p.462).

O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), através de dados do Censo do ano 2010, mostra que da população totalizada em 190.755.799 (cento e noventa milhões, setecentos e cinquenta e cinco mil, setecentos e noventa e nove) apresenta um computo aproximado de 9,7 milhões de brasileiros com deficiência auditiva, isto significa 5,1% da população brasileira. Entretanto, esta estimativa não apresenta o múltiplo universo existente dentro da deficiência, Marchesi (1995), considera que a etiologia (estudo acerca daquilo que pode determinar as causas e origens) da surdez seja um fator importante e determinante no grupo das pessoas surdas, assim como Monterde (2004) considera, dependendo do grau de surdez, se bilateral ou unilateral, a idade em que foi adquirida, os recursos tecnológicos e humanos que se teve contato e a reação emocional da família, que todas essas particularidades revelam a existência de uma pluralidade, conseqüentemente, inúmeras maneiras deste surdo ser percebido e se perceber no mundo, determinando, assim, de maneira individual, as suas competências e habilidades de comunicação.

Não é um mundo unívoco, mas antes se constitui como um pluriverso, isto é, um mundo no qual **múltiplas versões de escutar [...] não sendo tecidas.** [...] proliferar as versões da surdez e da audição **para compor um mundo comum:** múltiplo e heterogêneo (Lucila Lima da SILVA e Marcia MORAES, 2019, p.223-224, sem grifo no original).

Por ter adquirido a minha deficiência inicialmente em um dos ouvidos, depois do período de aquisição de linguagem, tanto escrita e falada - e percebendo essa fala como tendo uma função social, em que o outro é peça imprescindível neste processo (Raquel Santos, 2002), posso afirmar que todos esses fatores contribuíram de forma fundamental para minha constituição individual de corpo oralizado. Segundo Vigotsky (1989), à medida que a criança se apodera da linguagem no convívio com o outro, ela se torna

preparada para controlar o ambiente, conectando-se diferentemente com este e estruturando seu comportamento intelectualmente.

Contudo, a deficiência auditiva por não ser percebida visualmente, não apresenta barreiras de início, ela passa despercebida. As barreiras vivenciadas por nós estão na nossa incapacidade de ouvir com os ouvidos e, como resultado, o não compartilhamento do mesmo canal de comunicação, prejudicando, em sua maioria, a relação com o outro. Essa invisibilidade pode tornar o diagnóstico difícil, como também o isolamento da pessoa surda, já que os relacionamentos sociais estão alicerçados nos sons. Viver com essa invisibilidade é sofrido e muito solitário, no meu caso, é como se tivesse tomado um líquido e em alguns momentos me tornasse transparente diante do outro. Experimentei momentos de interações sociais intensas e, como num piscar de olhos, o isolamento social e linguístico em determinados contextos, passam a ser meus companheiros sem um querer de minha parte e sem compreensão do que realmente estava acontecendo. Hoje, sei que este isolamento não estava diretamente ligado, numa inversão perversa da lógica, a "minha perda de audição", mas à violência a qual estava sendo submetida.

Vigotsky citado por Sacks (1999) diz que "uma criança com uma incapacidade representa um tipo qualitativamente diferente e único de desenvolvimento". Isto significa que tais crianças não são deficientes como a sociedade percebe, mas diferentes e apresentam as mesmas condições de atingir o pleno desenvolvimento que as outras crianças, pois elas o alcançam por outra via. Portanto, a deficiência não está no corpo, mas sim na sociedade que não consegue se adaptar à variação corporal humana (modelo social da deficiência, onde "reconhece que o ambiente é moldado pelas políticas públicas e que a política é um reflexo de atitudes e valores sociais dominantes". (Hahn, 1985). Abordarei mais no capítulo 2). Todo corpo que foge aos padrões de perfeição é estigmatizado, de acordo com Anahí Guedes de Mello e Nuernberg (2012, p.644) trazemos da Grécia Antiga a herança de "promoção de beleza harmônica", que, por enaltecer a beleza e a perfeição, coloca o corpo com deficiência como uma intimidação a esta idealização. Pontes et al. (2001) afirmam que o estigma não está no sujeito, nem na deficiência em si, mas nos valores culturais marcados pela sociedade que consente classificar as pessoas diferentes com determinados rótulos sociais. Para os meus amigos e professores daquela época, num determinado momento, "atravessei" a linha da imperfeição, passando a ser personificada de "ô desatenta!", "mundo da lua!", "ô

isolada!" mas por outro lado, ao viver este estigma imposto ao meu corpo, fui me constituindo com um determinado tipo de corpo que me construiu numa determinada pessoa.

As pessoas com marcas corporais específicas [...] experimentam a noção da identidade estranha por serem consideradas como não-pertencentes a determinados ambientes sociais e às expectativas de relações sociais produzidas pelos processos de sociabilização. (SANTOS, 2008, p.504)

Para minha família, acredito que a ideia de surdez não passava pela cabeça de ninguém, exceto de minha mãe quando incentivava um treinamento empírico de leitura labial. Na verdade, uma espécie de véu encobrendo a realidade era o que de fato acontecia, a desconfiança de algo "diferente", como ausência de reações sonoras do meu lado esquerdo frente aos estímulos, a mudança da minha interação do dia a dia com eles comparada a situações anteriores, não tinha como negar; mas a desculpa daquela "distração" ser ocasionada por conflitos familiares, naquele momento, era o mais aceitável. Como diz Karin Strobel (2008a), eles ficam frustrados porque veem nele um sonho desfeito.

O medo é um sentimento que perpassa por toda a existência da surdez com intensidades marcantes e variáveis, tanto com a família quanto com o próprio surdo, quando este já experimentou o ato de ouvir. Mesmo entendendo que existe algo de diferente mediante alguns sinais, muitas famílias seguem não querendo confirmar suas desconfianças, justamente por não desejarem procurar por algo que os afastaria de uma normalidade estabelecida socialmente, e isso causaria um certo desconforto. Sendo assim, passam a viver, internamente, um medo em forma de luto ou de lamentação; mas, externamente, manipulam desculpas para não terem o enfrentamento com a realidade, visto que não aceitam que sua suspeita seja real - a perda para sempre da ilusão do filho perfeito. Luterman (1979), afirma que a surdez, por não ser visível, faz com que os pais comecem a suspeitar de que algo está errado um pouco mais tarde. Em um primeiro momento, apresentam uma reação inicial de descrença, sendo resistentes ao pensamento de que qualquer coisa possa estar errada.

Entretanto, outras famílias conseguem emergir do luto pela "perda" mais rapidamente e, assim, se reorganizam, empenhando-se no desenvolvimento do filho. Estas famílias, abrindo mão de suas fantasias, passam a considerar a surdez como um desafio e buscam medidas práticas e reais para o avanço do filho. Dessa forma, entendem-no como uma

pessoa com deficiência e não mais como uma pessoa deficiente, ou seja, buscam construir a base de um relacionamento em que a deficiência não seja o eixo do existir dessa criança. Josefina Martins Carvalho (2000) afirma que não é difícil pressupor que o fato de alguém da família ser identificado por critérios médicos ou educacionais como surdo, constitui-se numa experiência que marca tanto a criança quanto à família, e que pode alterar o funcionamento intersubjetivo de todos.

Penso que uma pergunta fundamental faz-se necessária agora, e eu? Como me sentia diante das modificações tão repentinas do meu corpo e do corpo de outras pessoas próximas ou distantes? Quais medos me afugentavam? Uma coisa é fato, desde aquela época, com uma perda unilateral até hoje, com perda bilateral de severa a profunda, é difícil falar quando aqueles que nos rodeiam são ouvintes e/ou surdos congênitos; é como falar do tombo da bicicleta com quem nunca andou ou falar de dieta com quem nunca precisou fazer. Não dispomos dos mesmos referenciais. É difícil, mas hoje, a partir do meu encontro com a psicologia, percebo que é preciso falar, é preciso mostrar o que surge num corpo que sente e é, ao mesmo tempo, afetado pelo mundo que o cerca.

As afecções são o corpo sendo afetado pelo mundo. O que pode um corpo? Pode afetar e ser afetado! As afecções são este encontro pontual de um corpo com outro. Somos corpos que se relacionam com outros corpos, quando sofremos suas afecções, quando somos afetados pelos outros corpos, sofremos uma alteração, uma passagem, nossa potência aumenta ou diminui, é estimulada ou refreada. Destas afecções, ocorrem os afetos, uma experiência vivida, é uma transição (ESPINOSA, 2014, s/p).

Enquanto meu corpo vive o estigma de "distraída ambulante" sem um diagnóstico correto, gerado pelas afecções, a sensação era de que o mundo tinha se transformado, de que as pessoas tinham evoluído e eu ficando estagnada, com um corpo que involuiu em determinados ambientes. Nesta época, não me dava conta de que, se virasse sempre o meu ouvido direito para as pessoas, poderia ouvi-las.

[...] todas as formas de afeto contribuem para o crescimento individual de uma forma única, mesmo que tal se valide através de uma forma negativa; todos são uma mudança (Beatriz Vieira Dias FARIA, 2018, p.91).

Esta "involução", experiência que os outros corpos proporcionavam ao meu corpo, me colocava num estado de esforço contínuo: esforço para entender o significado de algumas palavras nas rodinhas de conversa, esforço para compreender o que ouvia,

esforço para não desmoronar quando me apelidavam, esforço para não sofrer com o distanciar dos amigos, esforço para entender a ausência de som em determinados espaços, sem saber que era o som que se ausentava do meu corpo pelo lado esquerdo; esforço contra toda solidão que se aproximou quando precisei me afastar do grupo por não ter mais o pertencimento, enfim, esforços eram produzidos sem uma compreensão do que realmente acontecia. Todos esses esforços e experiências, atravessaram meu corpo tornando-o marcado feito tatuagem. Segundo Ana Cláudia Lima Monteiro (2018, em sala de aula) "os corpos são marcados pelos seus traços constituintes, por tudo que lhe toca". Como também Marcia Moraes et al (2009) "a afecção é aquilo que produz efeito nos corpos: efeitos recíprocos que simultaneamente produzem uma interioridade e uma exterioridade".

Essas tatuagens constituem um nível de potência do meu corpo, o ato de "esforçar-me" gera uma subjetividade atravessada por esta experiência que me aproxima de uma intensidade que afasta o meu corpo do desânimo, do paralisado. O fato de esforçar-me contra todas aquelas situações, constituiu este corpo como uma possibilidade de agir, pois, a cada des-caminho, o meu corpo se estruturava de uma nova forma (na desterritorialização constituir meu território), sempre partindo do que já estava tatuado.

Num mundo em que as coisas são constituídas por relações, nas quais os efeitos e afecções não são dados previamente, há uma constituição constante do corpo a partir das mediações. O corpo se constitui como relação, como conexão, torna-se, cada vez mais sensível ao mundo que o cerca (Ibid. 2009, p.789).

O meu corpo, a princípio, ouvinte, sem perceber, indo de encontro com a surdez se potencializa em seus afetos e, através deles, desenha a vida, sendo capaz de alterar os discursos de rejeição pelos das sensações. Um corpo múltiplo que se re-inventa (não só durante o processo do desconhecimento da surdez) simplesmente porque tem a potencialização de suas singularidades e particularidades.

1.2 - Corpo inquietante ao encontro da surdez!

Passados alguns anos, ainda sem compreender a surdez em minha vida, mas com um entendimento maior das possibilidades do meu corpo para o enfrentamento das situações cotidianas, eu vivia! Sabia que existia uma diferença, porque a sensação de viver numa bolha longe de sons e ao mesmo tempo com sons incompreensíveis era sentida. Na verdade, acho que no fundo sempre desconfiei, mas neguei. Neguei a perspectiva de ser uma doente e ficar horrível, neguei a existência de uma diferença já sentida, neguei a possibilidade de estar fora de lugar. Neguei e neguei muito, até não conseguir conter mais o meu corpo inquietante na busca de saber com exatidão o que de fato acontecia.

Aprendi na escola, no decorrer desse tempo, que só podia me sentar no lado esquerdo bem colada à parede e o mais próximo dos professores, como também participar de grupos pequenos - ter no máximo quatro colegas; dessa forma, entendia e participava de quase tudo que acontecia. Na educação física, fazia atletismo, um esporte individual. Tinha aprendido também que se eu prestasse bem atenção na boca das pessoas, poderia compreender o "bailar" dos lábios e na maioria das

vezes ficava simples de entender, só não gostava quando esses lábios vinham "cortinados" pelo bigode ou com pouca articulação na pronúncia dos fonemas. Tinha a certeza de que, se eu me concentrasse, o meu corpo não seria aquela "distração" ocasionada por "conflitos familiares" como ainda tentavam justificar.

Na família, apesar das "desculpas" persistirem, a impaciência com os meus "hã?", "o que você falou?" e "é o quê?" foi mais forte ou insuportável a ponto de ser conduzida ao especialista e, assim, ser submetida ao exame de audiometria⁹, quando de fato é constatada uma deficiência unilateral acentuada no ouvido esquerdo, com possibilidade de perda total no futuro não só naquele ouvido, mas nos dois.

Naquele instante percebo uma tristeza tão profunda diante da pergunta "E agora mais isso?", hoje entendo, eles estavam diante da verdade desnudada, sem desculpas, frente ao meu defeito que deveria ser "consertado" a todo custo, o que por um bom tempo considerei também um defeito, mas que hoje é a minha identidade, é a minha marca!

⁹ Exame realizado pelo médico otorrinolaringologista ou fonoaudiólogo que tem o objetivo de avaliar a capacidade do paciente em ouvir e interpretar sons.

Seria a surdez uma deficiência incapacitante? Falar de incapacidade na deficiência não é estranho; corpos marcados pela diferença, por um longo período, foram compreendidos como inválidos ou anormais.

[...] os sujeitos surdos eram estereotipados como 'anormais', com algum tipo de atraso de inteligência [...]. Para a sociedade, o 'normal' era que: é preciso falar e ouvir para ser aceito, então os sujeitos surdos eram excluídos da vida social e educacional [...] (Karin STROBEL, 2008b, p.33).

E essa visão ainda é persistente. Hoje, quando digo ser surda, não são poucas as vezes que olhares me percorrem de orelha a orelha com ar de pesquisador ou de julgador em busca da minha "imperfeição" e, logo depois, um sorriso seco vem acompanhado de uma dessas frases: "nem parece!"; "incrível, você fala tão bem!"; "ah, você não é deficiente¹⁰, só tem uma dificuldade!"; "diz a verdade, você escuta um pouquinho!"; "querida, se você fosse deficiente, não seria quem você é!" Como diz Mbembe (2014, s/p): "Marcados são os sujeitos da diferença, tratados constantemente como objetos, coisas, mercadorias [...]".

A história da pessoa com surdez ser estigmatizada como incapaz, um "ser-outro" no sentido de ser aquém, dependente de outras pessoas é uma marca radical da tentativa de aniquilação deste corpo. Esse "não-lugar" construiu um conceito de inferioridade que ainda aflora, quando manifestado sob o véu da invisibilidade, impulsionado pelas invenções tecnológicas (próteses auditivas e implante coclear) na perspectiva de tornar o surdo em ouvinte (neste momento, deixo claro, que compreendo a existência de uma discussão complexa quanto ao uso da tecnologia na comunidade surda, mas neste trabalho não tenho como objetivo trazer essa discussão. Cabe apontar, no entanto, que em nada me oponho a quem deseje fazer uso destas tecnologias, por escolha, afinal, temos este direito). O fundamento desse modelo, impõe aos surdos um modo de se ver e de ser visto: pessoa surda é sinônimo de pessoa doente, desqualificada e ninguém deseja ser sinônimo de inválido.

¹⁰ Esclarecimento: O uso da palavra "deficiente" nas frases representa a fala de algumas pessoas após "investigação" sobre a minha surdez. Deficiente, um termo utilizado por influência do Ano Internacional das Pessoas Deficientes em 1981. No texto aprovado pela Convenção Internacional para Proteção e Promoção dos Direitos e Dignidades das Pessoas com Deficiência, em 2006, estabeleceu a terminologia mais apropriada: "pessoas com deficiência - PcD".

[...] surdos são pessoas que ouvem com ouvidos defeituosos. Se pudéssemos consertar os ouvidos, eles estariam ouvindo. Esta lógica comum na verdade é comum, mas não necessariamente lógica. Os negros são pessoas brancas que possuem pele escura. Se pudéssemos consertar a pele, eles seriam brancos. As mulheres são homens com genitália errada..., e por aí vai. Essas transposições cruas revelam um tecido social de práticas pelas quais nós sabemos quais identidades são tanto disponíveis quanto aceitáveis" (WRIGLEY 1996, p.71).

Ser surdo, portanto, é sinônimo de uma trajetória de segregação, perseguição e em alguns lugares "perder o direito de viver", simplesmente, por ser diferente da maioria ouvinte. A história de apagamento dos surdos, como diz Fanon citado por Rosa (2015) "[...], decisão obstinada em recusar ao outro qualquer atributo de humanidade", não está relacionada apenas ao passado, ainda está presente no nosso dia a dia. Como diz Gladis Perlin (2003), "os ouvintes chegaram e chegam a representar a tentativa de extermínio dos surdos". Portanto, acredito que, neste momento, seja importante trazer um resumo das marcas desta história¹¹ pelos olhares de pesquisadora/es surdas e surdos, e assim deixar claro a minha experiência subjetiva de negar, no início, este não-lugar.

Na antiguidade, todas as pessoas com surdez amargaram uma diversidade de preconceito e crueldade, sendo muitos vitimados de maneira penosa, ao ponto de serem negado o seu direito à vida. Como dizem Gladis Perlin e Karin Strobel (2014, p.20), "um passado imerso na obrigação de serem ouvintes e, em função disto, aceitar que os outros fizessem a sua história, os dominassem, se tornou a marca mais deprimente".

Apenas no final da Idade Média, surgem diversos profissionais, dentre eles, médicos, intelectuais e educadores para tentarem de diversas maneiras ensinar aos surdos. Contudo uma divergência quanto ao método a ser utilizado, uns defendiam o oralismo¹², outros gestos e outros ainda, apenas a escrita.

Na Idade Contemporânea, porém, registra-se uma grande perda para a história dos surdos, pois em Milão, na Itália, em 1880, realizou-se o Congresso Internacional de

¹¹ Para maior aprofundamento na história dos surdos:

http://www.libras.ufsc.br/colecaoLetrasLibras/eixoFormacaoEspecificahistoriaDaEducacaoDeSurdos/assets/258/TextoBase_HistoriaEducacaoSurdos.pdf

http://www.scielo.br/scielo.php?pid=s0101-32621998000300007&script=sci_arttext

<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/etd/article/view/810>

http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-40602014000600006&script=sci_arttext

¹² Oralismo: é um método de ensino para surdos, defendido principalmente por Alexander Graham Bell no qual se sustenta que a maneira mais eficaz de ensinar o surdo é através da língua oral, ou falada.

Surdo-Mudez, a partir do qual ficou estabelecido que o oralismo era o método mais adequado na educação do surdo. Nesse Congresso, a visão oralista defendeu a tese de que só através da reabilitação da fala, o surdo poderia ter seu pleno desenvolvimento e caminhar em direção à normalidade exigida pela sociedade (a busca pela "normalização" do surdo pela oralização). Importante destacar que o emprego do oralismo foi permitido por razões políticas, filosóficas e religiosas. Um verdadeiro genocídio praticado. De acordo com Nembri:

A abordagem oralista, que não admitia estratégias de aprendizagem diferenciadas para os surdos e apostava na aquisição da leitura labial e na expressão através da fala, perdurou por quase um século e não obteve o resultado que, dela, era alardeado [...]. (2016, p. 89)

Nos dias atuais, emergiram para os surdos, depois de muita luta, os seus direitos linguísticos e uma educação bilíngue¹³ quase cem anos após o Congresso de Milão. Esta conquista ocorreu a partir do reconhecimento da Libras - Língua Brasileira de Sinais (Lei da Libras nº 10436 de 24 de abril de 2002), da identidade e da cultura surda. Contudo, apesar dos avanços, que são inegáveis, o que se aponta, ainda hoje, é o que Gladis Perlin (2003) chama de "ignoração", um processo de como transformar o outro em "inexistência". Gladis explica que, "essa forma de 'sedimentação' ouvinte não consegue ouvir além de si e de seu mundo, de sua normalidade, não consegue ouvir a alteridade do surdo".

Enfatizo, que na atualidade, chamada por Nembri (2016) como "século da redenção surda" (e até concordo, pelo aspecto de termos surdos, oralizados e sinalizantes, galgando os níveis mais alto de escolaridade), ainda persistem preconceitos em alguns núcleos sociais, como pode ser atestado aqui nesse relato de Silvia Andreis Witkoski (2011, p.22) ao ser aprovada para o doutorado: "[...] E para que mesmo que você quer fazer Doutorado? Acha que vai ser diferente? Você ainda não entendeu que com ou sem Doutorado sua condição não vai mudar?"

Então, quando meu corpo percebeu a diferença e a possibilidade de percorrer no caminho desse "não-lugar", eu neguei! E neguei com todas as forças! Neguei porque

¹³Bilinguismo - é uma metodologia adotada a partir das reivindicações dos próprios surdos, que possibilita o acesso a duas línguas dentro de um contexto: a Língua de Sinais e a Língua Portuguesa.

estava acostumada a ouvir, tinha as minhas experiências e o meu modo de viver e de me organizar no mundo ouvinte e, sentir essa diferença estabelecia uma relação, somente comigo, de negação. O ato de negar também estava vinculado a uma culpa. Estaria eu sendo "castigada" a viver neste "silêncio"? O que eu teria feito para receber tal punição? Um turbilhão de perguntas silenciosas passa a ser meu companheiro. Momento particular de mudança e dúvida interior.

Na verdade, eu me olhava e não queria me ver daquela forma já sentida, não era desejável, por isso a negação. Entretanto, quando o meu corpo nega esse próprio corpo, é estabelecida uma identificação a partir dessa negação e isso direcionou-me a quem me tornei.

[...] por trás de cada sintoma negativo se oculta um conteúdo positivo que consiste, quase sempre, num passo de uma forma nova e superior no desenvolvimento. (VIGOTSKY, 1996, p.259)

O "defeito", agora conhecido, colocava em mim uma situação de descrédito diante do que eu poderia realizar, o que provocava um sentimento de inferioridade e, conseqüentemente, a negação. Um corpo marcado por uma deficiência, mesmo invisível como a surdez, lembra a imperfeição humana.

Hoje, compreendo que toda essa angústia vivida não teve como peso maior o "resultado" da descoberta da deficiência em si, afinal, somos constituídos em meio a um exercício: eu/outro (Vigotsky, 1984). Assim, a ideia que eu fazia de mim estava construída pelo olhar reconhecedor do outro (amigos, professores e família). Quando aqueles olhares de pressuposição me viam de forma distorcida, a sentença do meu "defeito" e a necessidade do meu "conserto" era eminente. "[...] pode-se dizer que não é a natureza que oprime, mas a cultura da normalidade que descreve algumas performances como indesejáveis" (Paula Gaudenzi e Ortega, 2016, p.3066).

Contudo, diante da descoberta, uma nova perspectiva, apesar de confusa, me conduziu a um novo-lugar que se descortina e que era até então desconhecido. Intensa e marcante a trajetória de re-conhecer-me!

Se não há limite entre a grandeza e a pequenez, e nenhum ser humano é exatamente igual a outro, podemos concluir que ser surdo não é melhor nem pior que ser ouvinte, mas diferente (SALLES et al., 2002, p.37).

Então, passei a ser som, meu som agora dentro do meu corpo, sabia que meu ouvido esquerdo não mais perceberia os sons de fora, comecei a escutar tudo de dentro e manifestar estes sons pelos meus poros, e assim quebrar as limitações impostas e os preconceitos do meu convívio social.

A diferença, e, portanto, a identidade, não é um produto da natureza: ela é produzida no interior de práticas de significação, em que os significados são contestados, negociados, transformados (SILVA, 2001, p.25).

Apesar de entender que poderia "escutar" o mundo sem sons, através de outras conexões, assumir ser uma pessoa com-deficiência era, também, assumir um corpo que é diferente e carregar um estereótipo excludente e, desta forma, não possuir mais a identidade da pessoa sem-deficiência. A identidade de uma pessoa com-deficiência passa a existir quando esta assume não ter o corpo, a sexualidade, a estética.... do não-deficiente, passando a dar visibilidade apenas ao corpo onde a deficiência-diferença é enfatizada. Como diz Ieda Tuchermann (1999), "o corpo é também o limite que separa o sujeito ou o indivíduo do mundo e do outro, lugar de onde se pode determinar a alteridade".

Na verdade, essa diferença da não-semelhança das pessoas "com-sem" deficiência tenta validar a superioridade de um sobre o outro, fazendo com que a pessoa com deficiência assuma sempre a posição de "estranho", de "horrrível", daquele que está "fora do lugar". Ter essa diferença, pautada na falta, nas identidades, colocando uma como superior e outra como inferior (parâmetros de hierarquização), pode ser entendida como ancestral (no sentido de solicitar sempre uma memória e uma história que se aloja no encontro da alteridade, portanto, uma história familiar que requer um posicionar-se e, assim, exigir o debate da diversidade e da diferença), subjetivando os sujeitos em determinados tempos históricos. Quando a falta faz relação a tudo que será excluído, a diversidade não será incluída, será sempre percebida como algo desqualificado.

1.3 - Libras, um despertar em cores numa oralização desbotada

Experienciar a perda de audição me colocava numa verdadeira montanha russa que faziam marcas: ora com um silêncio gritante acompanhado de um zumbido, ora com sons incompreensíveis e desorganizados que tiravam toda minha harmonia. A sensação era a de que havia deixado de ter um corpo para ser "eu-orelha", ou seja, um corpo que se percebe com deficiência na audição e é percebido ao mesmo tempo pelos outros como uma orelha andante. Era estranho e incômodo, mas apesar disso tudo, tentava reconstruir a existência do meu corpo e a sua relação com o mundo; mesmo sem saber que caminho seguir, sabia que estava num mundo diferente, um mundo sem cor.

Certo dia, ao chegar à igreja que frequentava, avistei um casal que "brincava" com as mãos num bailado tão emocionante que não me contive e fui me sentar perto deles. Apesar de introvertida, fui me aproximando, aproximando... até receber o primeiro sorriso daquele que tinha mãos flutuantes. Nesse momento, o pastor apresenta o casal a todos e explica que o "irmão" (tratamento usado na igreja para dizermos que temos o mesmo PAI - DEUS) era surdo e a "irmã", sua esposa, a intérprete dele.

Um sentimento de pertencimento naquele instante acontece, me sinto em família, ali tenho a certeza de que encontro meus iguais.

Libras é a sigla da **L**íngua **B**rasileira de **S**inais, uma língua visual e espacial usada por alguns surdos - chamados sinalizantes, pertencentes da comunidade surda - cuja informação e compreensão linguística é recebida pelo canal visual (olhos) e produzida pelas mãos em um determinado espaço, correlacionado à expressão facial e corporal. Isto significa dizer que, na Libras, o emissor da comunicação são as mãos por meio dos sinais e o receptor são os olhos, diferenciando-se assim das línguas oral-auditivas, usadas pelos ouvintes, em que o emissor é a voz e o receptor, o ouvido.

Reconhecida como língua através da Lei nº 10436 de 24 de abril de 2002, no artigo 1º:

É **reconhecida** como **meio legal de comunicação e expressão** a Língua Brasileira de Sinais - Libras e outros recursos de expressão a ela associados.

Parágrafo único. Entende-se como Língua Brasileira de Sinais - Libras a forma de comunicação e expressão, em que o sistema linguístico de natureza visual-motora, com estrutura gramatical própria, constituem um sistema linguístico de transmissão de ideias e fatos, oriundos de comunidades de pessoas surdas do Brasil (BRASIL, 2002, sem grifo no original).

E regulamentada pelo Decreto 5626 de 22 de dezembro de 2005, no Art. 1º que diz: "Este Decreto regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002 e o Art. 18 da Lei nº 10.098 de 19 de dezembro de 2000" (BRASIL, 2005).

Tal reconhecimento e a posterior regulamentação só foram possíveis porque a Libras (Língua Brasileira de Sinais) é composta de todos os componentes significativos, tal qual os pertencentes às línguas orais como morfologia (formação de palavras), semântica (significado das palavras), sintaxe (disposição das palavras - estrutura) e pragmática (o usual, uso concreto). De acordo com Márcia Honora:

As línguas de sinais [...] podem ser comparadas à complexidade e à expressividade das línguas orais, pois pode ser passado qualquer conceito, concreto ou abstrato, emocional ou irracional [...]. Trata-se de línguas organizadas e não de simples junção de gestos. Por este motivo, por terem

regras e serem totalmente estruturadas, são chamadas de LÍNGUAS (2009, p. 41, destaque da autora).

Semelhante às línguas orais, a Libras (Língua Brasileira de Sinais) não é universal; varia de lugar para lugar e de comunidade para comunidade, isto significa dizer que, cada país possui a sua língua de sinais, bem como as variações regionais (regionalismo) que são os falares ou expressões típicas de cada região.

Em todas as línguas de sinais, cada palavra (item lexical) é representada por um sinal, portanto, é um equívoco distinguir os sinais da Libras como gestos/mímicas ou ainda dizer que são constituídos a partir da datilologia (também chamado de alfabeto manual ou soletração manual das letras).

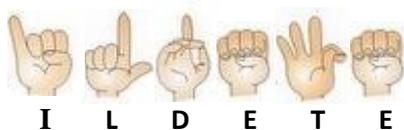
ALFABETO MANUAL



Fonte: <https://escritadesinais.wordpress.com/2010/09/07/alfabeto-manual-ou-datilologia/>

A datilologia é simplesmente um deslocamento dos grafemas da palavra da língua oral para o espaço, realizado através das mãos, usada para expressar substantivos próprios, palavras que não possuem sinal conhecido ou palavras que foram incorporadas à Libras - Língua Brasileira de Sinais, assim como temos na Língua Portuguesa palavras emprestadas, como por exemplo: *pet shop*, *notebook*, *shopping*, entre outras.

Meu nome usando a datilologia:



Podemos dizer então, que empréstimos linguísticos são diálogos existentes entre culturas diferentes e "falantes" de línguas diferentes, já que não existe um domínio exclusivo no que se refere às línguas, mas sim uma socialização.

O meu "nome visual" posso dizer que vem desse diálogo da Língua Portuguesa com a Libras, em que a configuração de mão (forma que a mão assume durante a realização de um sinal) é representada pela letra inicial do meu nome (Ildete ⇒ ) num movimento que representava o corte do meu cabelo - estilo Chanel com franja.



Foto "Meu Sinal" - letra I (mão fechada, palma para dentro com o dedo mínimo levantado), este dedo encostado na testa próximo do cabelo, fazendo o desenho da franja e do corte de cabelo curto).

Lembro que para receber meu sinal, o surdo, interpretado por sua esposa, perguntou-me qual o meu nome. Após minha resposta, fiquei na mira seu do olhar: seus olhos observavam minhas características e meus movimentos. Por estar um pouco embaraçada e emocionada com o momento, passava a mão no cabelo,

levando-o para trás da orelha. Como num piscar de olhos, o surdo diz, numa gentileza, como seria meu sinal, pede-me para repetir e me pergunta se gostei. E um sorriso largo, nesse instante, passa a compor o meu semblante, sem a necessidade de dizer qualquer palavra que afirmasse a minha satisfação. Muitas vezes, basta ser para nos tocarmos!

Mas o que significa este sinal? Assim como na língua oral, o nome é a forma de designar uma pessoa, animal ou objeto, dando-lhe uma identidade única, a sua marca. Na Libras - Língua Brasileira de Sinais, de acordo com a Cultura Surda, este sinal (identificação pessoal) deve ser criado e dado por um surdo e uma vez "batizada" não poderá ser trocado. A pessoa detentora do seu sinal, sempre que no encontro com surdos, usuários da Libras, soletrará o seu nome através da datilologia e apresentará o seu sinal pessoal, isto é, sua característica de identificação.

Dubar (1997) concebe identidade como resultado do processo de socialização, que compreende o cruzamento dos processos relacionais (ou seja, o sujeito é analisado pelo outro dentro dos sistemas de ação nos quais os sujeitos estão inseridos) e biográficos (que tratam da história, habilidades e projetos da pessoa). Para ele, a identidade para si não se separa da identidade para o outro, pois a primeira é correlata à segunda: reconhece-se pelo olhar do outro.

A partir da experiência do meu "batismo", a sensação do pertencimento (conexão estabelecida com os meus iguais), de estar entremeadada a um todo maior numa dimensão não somente concreta, mas também abstrata e subjetiva, sem dúvida foi fundamental para a minha identidade com uma multiplicidade de papéis. O sentimento do pertencimento foi construído pelo compartilhado, pelo vivenciado.

Para Ciampa (1987), a identidade é movimento de transformação, algo que está se constituindo o tempo todo nas relações sociais, na cultura, na coletividade, sem perder a dimensão subjetiva, ou seja, como uma obra sempre inacabada.

Na vida, vários tipos de encontros e desencontros, com as mais diversas pessoas, posso dizer que é comum! E o marcante disso, independentemente do vínculo que nos une, é que o aprendizado que deriva desse contato - bom ou ruim, rápido ou duradouro, direto ou indireto - age como uma mola propulsora de transformação.

E foi do resultado desse encontro, desse momento de aprendizados com o surdo, que meu corpo começa a sentir e ser afetado e, sem perceber, parte para a construção de uma identidade linguística composta pela Cultura Ouvinte e pela Cultura Surda.

[...] continuamente saio de uma cultura para outra, porque eu estou em todas as culturas ao mesmo tempo, alma entre dos mundos, tres, cuatro, me zumba la cabeza con lo contradictorio. Estoy norteadada por todas las voces que me hablan *simultáneamente* (Glória ANZALDÚA, 2005, p.704).

(Tradução: alma entre dois mundos, três, quatro, minha cabeça vibra com o contraditório. Eu sou guiado por todas as vozes que falam comigo simultaneamente).

Ao aprender Libras, comecei a transitar por uma fronteira que na época não tinha ideia do que esse aprendizado poderia me disponibilizar, na minha cabeça estava, simplesmente, aprendendo uma outra língua, me aprofundando em conhecimentos, que davam cores à minha oralização já desbotada pela entrada (input) truncada dos sons nos meus ouvidos.

[...] aquilo no momento de meu encontro com os outros surdos era o igual que eu queria, tinha a comunicação que eu queria. Aquilo que identificava eles, identificava a mim também e fazia ser eu mesma, igual (Gladis PERLIN, 1998, p.54).

Só que ao cruzar essa fronteira (entendendo como um espaço heterogêneo), com possibilidades múltiplas de encontros e diálogos culturais, carregado de sentimento de pertencimento, feito de contínuas travessias internas e externas (que trouxeram uma série de desassossegos e ao mesmo tempo o que se tornou possível), faz-me experimentar "identidades" que revelaram diversas maneiras de ser e, assim, negociar a reconstrução do meu corpo.

O corpo não é mais apenas, [...] a determinação de uma identidade inatingível, a encarnação irredutível do sujeito, o ser-no-mundo, mas uma construção, uma instância de conexões, um terminal, um objeto transitório e manipulável suscetível de muitos emparelhamentos (LE BRETON, 2009, p.28).

Entretanto, diante desse aprendizado, vem a incompreensão dos que antes vai como meus semelhantes; passei a ser rotulada de "surda paraguaia" (apelido com intenção pejorativa dado pelos surdos sinalizantes) ou, ainda, com a mesma intenção, a surda com a "libras defeituosa". Eles esqueceram do meu interior, eu sou o que sou!

Compreendo que por estar neste espaço de fronteira, este desencontro acontece, por eu ter permanecido com a Língua Portuguesa, mesmo tendo aprendido a Libras - Língua Brasileira de Sinais, ou seja, continuava a usar a língua do "colonizador" (no campo da surdez, quando a força ouvinte estabelece a norma de controle da comunidade surda, submetendo-a a expor-se como ouvinte, usamos os termos audismo/ouvintismo que se baseiam na ideia do "colonialismo") e manter-me nesse lugar de fronteira, mostrava o meu desejo de continuar nos dois espaços (de ouvinte, porque continuava a falar; e de surda, porque usava a língua de sinais) e com isso, pagar um preço: o de sujeitar meu corpo a des-encontros (acolhimentos e rejeições inconstantes) tanto dos ouvintes como dos surdos.

Nascida em uma cultura, posicionada entre duas culturas, [...] enfrente uma luta de carne, uma luta de fronteiras, uma guerra interior. Como todas as pessoas, percebemos a versão da realidade que nossa cultura comunica. Como outros/as que vivem em mais de uma cultura, recebemos mensagens múltiplas, muitas vezes contrárias. O encontro de duas estruturas referenciais consistentes, mas geralmente incompatíveis, causa um choque, uma colisão cultural (Gloria ANZALDÚA, 2005, p.705).

Apesar dessas lutas, meu corpo já se sentia confortável nesse "entre-cultura" e já percebera que não haveria outra forma de existir senão pela Língua Portuguesa e pela Libras - Língua Brasileira de Sinais. Posiciono-me, então, como "Surda¹⁴ oralizada e, também, como usuária de Libras". Para mim, não há dúvida da impossibilidade de escolher apenas um lado de identificação cultural, de demarcar limites, identifico-me nesse lugar de transferência de valores. É algo tênue, sou constituída por este composto,

¹⁴ Destaco o termo Surda "com S maiúsculo" como uma forma de empoderamento, de reconhecimento da identidade surda que está em mim e em todo processo histórico e cultural que nos envolve. Segundo Audrei Gesser (2008, p.225), o termo Surdo "rejeita o discurso ideológico dominante construído nos moldes do oralismo, que localiza o surdo em dimensões clínicas e terapêuticas da cura, da reeducação, da normalização", demonstrando o "discurso pautado em paradigmas da diversidade linguística e cultural".

sinto-me profundamente atravessada e, por vezes, não tem como distinguir. Nasci neste "entre-espaço": na fronteira!

Este posicionamento significa dizer que, junto aos ouvintes, passei a usar a língua oral para me expressar, fazendo uso da leitura labial para compreensão quando em pequenos grupos; quando em grandes grupos, uso da Libras com tradução de intérpretes; e junto aos surdos sinalizantes, uso da língua de sinais, fazendo movimento labial, perguntando os sinais quando não entendidos e solicitando para "falar" (sinalizar) devagar, se necessário. Tal qual Glória Anzaldúa traduzida por Joana Plaza Pinto, quando diz:

Eu não vou ter mais vergonha de existir. Eu vou ter minha voz: indígena, espanhola, branca. Eu vou ter minha língua de serpente - minha voz de mulher, [...]. Eu vou superar minha tradição de silêncio. (2009, p. 312)

Por ter esta localização de "estilo fronteiro", mas entendendo esse corpo, nesse momento, como Surdo, vivo no dia a dia as marcas do estigma da surdez. Os surdos historicamente sempre foram considerados como incapazes, seres de menor valor social, afinal, faltava-lhes a característica distintamente humana: a fala e, conseqüentemente, sua capacidade cognitiva. Diante dessa "falta", dessa incompletude eram considerados "seres inferiores" necessitados de uma normalização que aconteceria pela imposição da fala. Essa exclusão e discriminação dos surdos, ainda hoje, é pontual. Francielle Cantarelli Martins (2013) valida essa afirmação e comenta em sua pesquisa ainda que, por mais aperfeiçoamento e *upgrade* tenham sido conquistados no âmbito da surdez, em algumas situações, ainda se observa a não aceitação e o querer normalizar os surdos e, como consequência, as enfáticas manifestações de preconceito. Skliar (1998) também explica que o surdo será sempre visto como o antagônico do ouvinte, com uma conotação negativa, não sendo reconhecido como um sujeito que tem uma diferença específica.

Em relação à língua dos sinais - Libras, apesar do seu reconhecimento legal, ainda sofre preconceitos em relação ao "uso das mãos" para a comunicação, ratificando que não só a cor da pele, o perfil socioeconômico, o gênero, a religião, dentre outros aspectos, a língua também pode determinar uma restrição social. Esta restrição é re-produzida na medida em que toda forma de preconceito e de discriminação é alimentada por uma cultura de apagamento das diferenças, uma forma que alguns "soberanamente" controlam e escolhem o que deve permanecer e o que deve desaparecer da sociedade.

[...] a designação *deficiente auditivo*, usada para demarcar a surdez como uma falta, é uma estratégia para [...] manter inabalada a funcionalidade das demandas culturais dominantes, a fim de restringir ou ocultar as ameaças de desestruturação social (Rubia Carla da SILVA e Sandra E. S. MARTINS, 2020. s/p, destaque das autoras).

Isto significa que, quando me posiciono como Surda que utiliza a língua dos sinais, mesmo sendo oralizada, borro as rotulações dicotômicas entre oralizado/sinalizante que fazem parte de um discurso limitador que busca depreciar as pessoas surdas. Essas rotulações dicotômicas não apresentam uma divisão da sociedade em duas partes harmônicas, não! Nelas, um dos termos é sempre elevado, recebendo uma carga positiva e superior, enquanto o outro, obtém sempre uma carga negativa e inferior. Neste caso, o conceito de dividir, também significa hierarquizar. Portanto, essa divisão contribui para a reprodução de desigualdades e exclusões em relação às pessoas com surdez que, assim como eu, localizam-se nesse lugar de fronteira. Como diz Glória Anzaldúa (2005, p. 704) "[...] continuamente indo de uma cultura para outra, faço parte de todas as culturas ao mesmo tempo”.

Neste caso, vivo numa fronteira, não como uma linha física que define um espaço físico, mas tornando-me fisicamente presente em todos os lugares onde duas ou mais culturas se tocam, "um lugar de misturas e de travessias,[...]" como diz Nubia Hanciau (2005), poderia dizer um lugar que me torna visível.

CAPÍTULO 2

PRESENTE

No meio do caminho

No meio do caminho tinha uma pedra
tinha uma pedra no meio do caminho
tinha uma pedra
no meio do caminho tinha uma pedra.

Nunca me esquecerei deste acontecimento
na vida de minhas retinas tão fatigadas.

Nunca me esquecerei que no meio do caminho
tinha uma pedra
tinha uma pedra no meio do caminho
no meio do caminho tinha uma pedra.

Carlos Drumond de Andrade

2.1 - Onde tudo começou...

A possibilidade de fazer um mestrado acadêmico já não fazia mais parte das minhas perspectivas, algumas tentativas já fracassadas eram fortes o suficiente para manter-me a distância desta composição. Entretanto, nunca deixei de olhar para esse lugar de pesquisa, de descobertas e de transformações, mas pela falta de credibilidade no potencial do meu corpo, devido às marcas feitas por algumas pessoas significativas, que viviam numa atmosfera de total ignorância e preconceito, destituindo-me da competência por ser mulher e ser diferente, deixei a ideia de lado. Não queria mais me desnudar e perceber meu corpo repleto de marcas adquiridas e, constatar algumas ainda abertas, outras cicatrizando e as já curadas com fendas profundas. Não! Definitivamente, não queria mais mexer em minhas cicatrizes. E muros enormes permiti-me construir!

E com isso, alguns anos se passaram...

Até que no ano de 2018, num final de semana, interagindo nas redes sociais, chega aos meus olhos, enviado por uma amiga também surda, um vídeo bem simples, feito por uma mestrande, com uma Libras

muito básica apresentando o mestrado de psicologia da UFF (Universidade Federal Fluminense em Niterói - RJ). Carrraaammmbbaaa, mestrado em psicologia, disse internamente! E vejo, revejo e revejo algumas vezes, não por falta de compreensão da mensagem, o vídeo continha explicações claras sobre as ações afirmativas e a criação, passadas por alguns alunos mestrandos e doutorandos do curso preparatório, onde seriam estudados os temas da prova, como também orientação na elaboração do projeto de pesquisa e outros detalhes importantes. Revejo o vídeo por causa da conexão que o meu corpo estabeleceu com aquele corpo que nunca tinha visto, pelo simples fato de ter sido usada uma comunicação acessível a mim. Uma conexão que me permitiu pensar em compor, em potencializar, em habitar e, assim, somar. Nossssssaaa quantos pensamentos... Após rever o vídeo, uma certeza, eu não era mais a mesma!

Entro em contato com esta mestranda, que hoje carinhosamente a chamo de Lu (Lucila Lima da Silva), recebo diversas orientações, participo de todas as etapas do preparatório, faço todas as etapas do processo de ingresso no mestrado como candidata de ações afirmativas (pessoa com deficiência) e hoje estou aqui

neste relato, re-lembrando e compartilhando, onde tudo começou!

Ações Afirmativas, o popular sistema de cotas ou reserva de vagas, são políticas que determinam recursos que objetivam extinguir as desigualdades sociais a determinados grupos vitimados pela exclusão que os afeta social e subjetivamente, tanto no passado quanto no presente. Tratam-se de providências que têm como base reverter histórica e socialmente situações de discriminação, marginalização, segregação e exclusão cometidas a determinados grupos específicos, tendo como resultado condições desfavoráveis: social, econômica, política e cultural.

Dessa forma, entende-se que ações afirmativas diferem das políticas antidiscriminatórias por agirem preventivamente em prol de grupos que iminentemente são diferenciados, podendo assim, serem entendidas tanto como uma reparação quanto como uma prevenção à discriminação. Já as políticas antidiscriminatórias atuam de forma a coibir os discriminadores ou conscientizar aqueles que sejam capazes de realizar atos de discriminação. Segundo Flávia Piovesan:

[...] insuficiente tratar o indivíduo de forma genérica, geral e abstrata. Faz-se necessária a especificação do sujeito de direito, que passa a ser visto em sua peculiaridade e particularidade. Nessa ótica determinados sujeitos de direito ou determinadas violações de direitos exigem uma resposta específica e diferenciada. (2005, p.46)

No âmbito acadêmico, e isso inclui a UFF (Universidade Federal Fluminense), as ações afirmativas visam garantir o acesso a posições sociais significativas a segmentos da população que, na inexistência desta política, continuariam na exclusão sem condições de uma equidade. Portanto, o sistema de cotas apresenta, como meta principal, numa dimensão coletiva de oportunidade e de pertencimento a determinados grupos, o combate às injustiças sociais.

[...] o objetivo das ações afirmativas é possibilitar que esses grupos excluídos possam acessar determinados equipamentos e oportunidades que devido a este contexto social de exclusão social não conseguem usufruir plenamente (Sabrina MOEHLECKE, 2002, p.202).

Esses grupos excluídos são chamados de minorias sociais (um padrão aparente de invisibilidade e estereotípi), mesmo quando constituem uma maioria numérica de determinada população, ou seja, uma minoria majoritária, pois são concedidas a essa coletividade, condições inferiores de vida em relação à minoria poderosa.

O processo de exclusão é histórico, não está presente apenas neste século, no caso das pessoas com surdez, desde a Antiguidade. Estar excluído contém a noção, de forma implícita, da ideia do "peso morto", conseqüentemente, os "empurrados para fora" e a estes são destinados um lugar inferior, onde há, predominantemente, a falta e a necessidade, impedindo, em sua maioria, a quem ocupa este lugar de conquistar a sua liberdade e potência.

Este quadro de exclusão, marcante em nossa sociedade, permite a existência de um sistema perverso, que dita um padrão binário nos grupos dos que "podem" e dos que "não podem", dos que "são" e dos que "não são", dos que "merecem" e dos que "não merecem", dos "capazes" e dos "não capazes" como "única forma" de estar no mundo e este padrão inclui estudar numa universidade pública.

Os processos e as estruturas que reproduzem a inclusão/exclusão são materiais e objetivos, no entanto, quando internalizados, podem parecer naturais, alcançando a consciência do indivíduo e minando sua resistência. Assim, tais processos não estão referidos somente aos objetos produzidos socialmente, mas também aos valores, às formas de relações social, aos sentidos e significados, isto é, aos sujeitos sociais e à sua subjetividade (Anita Cristina A. RESENDE et al., 2012, p.123).

Desde 2002, as universidades brasileiras, pela política de governo do PT (Partido dos Trabalhadores), passaram por um processo de modificação e isso se dá, em especial, com as ações afirmativas (Sabrina Moehlecke, 2002). Com a atuação inicial da UERJ (Universidade do Estado do Rio de Janeiro) e da UENF (Universidade do Estado do Norte Fluminense), tornou-se cada vez mais frequente nas universidades públicas brasileiras a adoção de alguma modalidade de reserva de vagas permitindo oportunidades a grupos diferenciados, como afrodescendentes, índios, quilombolas, estudantes egressos de escolas públicas, entre outros, para o ingresso nos cursos de graduação.

Na UFF (Universidade Federal Fluminense), o programa de ações afirmativas, especificamente no curso de pós-graduação *stricto sensu*, do qual eu participei,

promoveu o acesso à Universidade mediante a reserva de 50% das vagas sociais para alunos negros (pretos e pardos), indígenas, pessoas com deficiência e pessoas transexuais e travestis.

Neste momento, penso que é de suma relevância realçar a importância de Anísio Teixeira neste contexto, um grande opositor da educação como processo exclusivo de formação da elite: "Educação não é privilégio"¹⁵.

Contudo, apesar de ter sido aprovada através deste programa, onde são compreendidas as dificuldades de acessibilidade desses grupos minoritários à universidade, faz-se necessário também entender que permanecer e concluir, neste espaço, não é uma tarefa nada fácil. Dias Sobrinho (2010) coloca em questão que a democratização do acesso e a garantia de permanência dos estudantes em cursos superiores não podem se delimitar à ampliação das vagas e aumento das matrículas. Isto significa que, o continuar desse estudante cotista também é algo que precisa ser apontado, não basta apenas inserir, é preciso dar condições de igualdade em todo seu processo de permanência até a conclusão sem que estas sejam reduzidas a políticas de cunho assistencialista. Pensar no ir além do acesso: a permanência!

Falar nesse pensar da permanência, é apostar numa política que envolva toda comunidade acadêmica, e não se basear num foco que seja exclusivo ao aluno das vagas sociais. Partindo do meu "lugar de fala" não como experiência ou posicionamento individual, mas como diz Patrícia Hill Collins:

Não estamos falando de experiências de indivíduos necessariamente, mas das condições sociais que permitem ou não que esses grupos acessem lugares de cidadania. [...] não se trataria de afirmar as experiências individuais, mas de entender como o lugar social que certos grupos ocupam restringem oportunidades (2000, p.61).

Falar de acessibilidade e permanência num curso de pós-graduação *stricto sensu* na UFF - Universidade Federal Fluminense está relacionado numa proposição de corpo como um instrumento de subjetividade e de cultura, portanto, um ser histórico e social

¹⁵ Título do livro de Anísio Teixeira publicado no ano de 1957. Para saber mais, acessar os links:
<https://www.infoescola.com/biografias/anisio-teixeira/>
https://www.ebiografia.com/anisio_teixeira/
http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-24782000000200015
<http://www.bvanisioiteixeira.ufba.br/delivro.htm>

(Vigotsky, 2009), deixando de lado a deficiência como uma limitação focada no indivíduo, como também, a conservação dos processos normalizadores.

Mas em quais conceitos de acessibilidade estou fundamentada? De acordo com a Lei nº 13.146 de 06 de julho de 2015, que instituiu a Lei Brasileira de Inclusão da pessoa com deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência), no Art. 3º e com a Lei nº 10.098 de 19 de dezembro de 2000, no seu artigo 2º:

I - acessibilidade: **possibilidade** e **condição** de alcance para utilização, com segurança e **autonomia**, de espaços, mobiliários, equipamentos urbanos, edificações, transportes, informação e comunicação, inclusive seus sistemas e tecnologias, bem como de outros serviços e instalações abertos ao público, de uso público ou privados de uso coletivo, tanto na zona urbana como na rural, por pessoa com deficiência ou com mobilidade reduzida [...] (BRASIL, 2000, sem grifo no original).

Acessibilidade, portanto, é a possibilidade e a condição da pessoa com deficiência desfrutar das relações sociais e dos espaços com segurança e independência, garantindo o seu direito à igualdade. Num pensar coletivo, podemos dizer que é dar condições possíveis para esse grupo transpor barreiras, não pela evidência das limitações do seu corpo, mas pelas restrições e desvantagens provocadas pela sociedade.

[...] a adoção de um conjunto de medidas capazes de eliminar todas as barreiras sociais [...] de modo a assegurar às pessoas com deficiência o acesso, em igualdade de oportunidades com as demais pessoas, às condições necessárias para a plena e independente fruição de suas potencialidades e do convívio social (Ana Paula de BARCELLOS e Renata Ramos CAMPANTE, 2012, p.177).

No caso de estudantes surdos usuários da língua de sinais, a criação de um ambiente linguístico, isto é, o reconhecimento da Libras (Língua Brasileira de Sinais) como primeira língua, e da Língua Portuguesa (oral e/ou escrita), como a segunda língua, poderia ser pensado como uma garantia essencial de acesso e permanência, visto que o meu contato com o vídeo oportunizou-me a participar de todo o processo. Nós surdos possuímos uma experiência visual, distinta como uma peça ímpar, que nos consente ler o mundo de uma maneira diferenciada das pessoas ouvintes, como afirma Ronice Quadros:

[...] ela é visual, ela traduz-se de forma visual. As formas de organizar o pensamento e a linguagem transcendem as formas ouvintes. Elas são de outra ordem, uma ordem com base no visual e por isso têm características que podem ser ininteligíveis aos ouvintes [...] (2003, p. 86).

É pelo olhar que atingimos o mundo, mesmo para os surdos que não usam a língua de sinais, pois o som é, para nós, algo simplesmente dispensável, o que difere nos ouvintes. Portanto, a garantia do acesso e permanência dessas "minorias sociais" na universidade deverá ser pautada no reconhecimento de que as diferenças precisam ser consideradas como direitos estruturais de todos, independentemente da sua condição etnocultural, política-social-econômica e anatomofisiológica.

Na afirmação de Ana Paula de Barcellos e Renata Ramos Campante, acessibilidade:

[...] nesse sentido, é uma pré-condição ao exercício dos demais direitos [...]. Por isso a acessibilidade é tanto um direito em si quanto um direito instrumental aos outros direitos (2012, p.177).

E esse direito não poderá mais depender apenas da nossa capacidade corpórea de reagir às adversidades do meio, mas prever quais recursos são necessários para podermos transpassar as barreiras¹⁶ (urbanística, arquitetônica, no transporte, na comunicação, atitudinal e tecnológica) que são submetidos nossos corpos.

Nesse momento, dou ênfase à barreira intitulada de atitudinal¹⁷ (Lei Brasileira de Inclusão nº 13146/2015, Art. 3º, IV, e) que compreende um comportamento ou postura que se fundamenta em fenômenos emocionais, afetivos e sociais manifestados no convívio entre duas ou mais pessoas, em que uma(s) tem predisposição desfavorável à(s) outra(s).

Entendo que as barreiras atitudinais são determinadas pela soma de afetos relacionadas com as "crenças" (positivas ou negativas) de uma pessoa sobre a outra, ou seja, um conjunto de intenções. Segundo Fabiana Tavares dos Santos Silva:

¹⁶ Para compreender as principais barreiras, LBI - Lei Brasileira de Inclusão nº 13146/2015, Art. 3º, IV. Acessar: <https://www.jusbrasil.com.br/topicos/49550066/inciso-iv-do-artigo-3-da-lei-n-13146-de-06-de-julho-de-2015>

¹⁷ Existem várias formas da barreira atitudinal se apresentar. Veja as formas:
<https://marketingcultural.com.br/barreiras-atitudinais-voce-com-certeza-ja-praticou-alguma/>
<https://www.deficienteciente.com.br/barreiras-atitudinais-obstaculos-a-pessoa-com-deficiencia-na-escola.html>
http://www.cultura.pe.gov.br/wp-content/uploads/2016/12/Livro_Acessibilidade_Cap2.pdf

As barreiras atitudinais são barreiras sociais geradas, mantidas, fortalecidas por meio de ações, omissões e linguagem produzidas ao longo da história humana, [...] envolve cognições, afetos e ações contra a pessoa com deficiência ou quaisquer grupos em situação de vulnerabilidade, resultando no desrespeito ou impedimento aos direitos dessas pessoas, limitando-as ou incapacitando-as para o exercício de direitos e deveres sociais: **são abstratas para quem as produz e concretas para quem sofre seus efeitos** (2012, p.125, sem grifo no original).

Dessa forma, a ação da barreira atitudinal potencializa a ação das demais, por esta ser fundamentada sob a forma de discriminação, ignorância, preconceito e tantos outros desafetos impostos ao outro, sem que de fato, sejam avaliadas suas possibilidades e potencialidades. Apropriando-me das palavras de Disneylândia Maria Ribeiro (2016), barreiras atitudinais se referem a “atitudes e posturas que limitam as possibilidades de desenvolvimento e de relação social [...]”.

Neste sentido, se a Lu não tivesse rompido a barreira atitudinal, certamente nenhum vídeo seria confeccionado, pois as atitudes negativas são materializadas nas e pelas ações ou omissões de cada pessoa e sustentadas pela sociedade quando não aceita a singularidade humana. É importante reconhecer as barreiras atitudinais, a fim de que, pela transformação individual, se alcance a transformação do coletivo, tornando o espaço acadêmico, verdadeiramente, inclusivo.

2.2 - O dia da falta...

Em sala de aula, observo o olhar da professora ao relógio, perguntando-se, num silêncio gritante se os intérpretes iriam demorar; a hora já é avançada e, apesar de ter um número razoável de alunos, também na expectativa da chegada dos intérpretes, não seria possível iniciar a aula. Olhares disfarçados para a porta e para mim atrelados com sorrisos "secos" por parte de alguns colegas e da professora são marcantes. Sinto um desconforto forte diante da situação, não sei o que fazer. Há um amargo profundo! Não sei como reverter esta situação. Apenas disfarço! Nessas horas, o não funcionamento dos meus ouvidos pesa e gera uma incapacidade subliminar e, apesar de oralizada, percebo que uma desconexão linguística é marcada.

Quebrando o silêncio que esteve presente por alguns instantes em sala, pela professora é feita a pergunta, se tenho o conhecimento da demora dos intérpretes, se eles virão ou não! Nessa hora toda a inadequação daquele momento, que deveria ser de uma aula "normal" recai sobre mim. Afinal de contas, o atraso do iniciar da aula não mais estaria na falta de pontualidade da própria professora, na ausência ainda da outra professora, nem

no atraso de alguns alunos. Não! O atraso do iniciar da aula recaía sobre a minha deficiência na forma de ausência dos intérpretes. Minha resposta ao desconhecimento da situação-problema gera um incômodo que é logo interrompido pela entrada da segunda professora informando, de forma indignada, a falta de respeito, por parte dos intérpretes, em não cumprirem o compromisso de estarem em aula, marcado com antecedência, pois participariam de um outro evento dentro da própria universidade.

O clima gera um desconforto ainda maior quando a primeira professora me pergunta se poderíamos ter ou não a aula com a ausência dos intérpretes. Nesse momento, alguns alunos ficam inquietos e atropelam o silêncio inquisidor dizendo que não seria possível ter aula, e que não caberia a mim a responsabilidade de ter aula ou não, visto que não teria intérprete. E as opiniões, nessa hora, ficam divergentes por parte dos alunos e o peso de ser surda é aumentado! Minha vontade era de sumir, desaparecer!

E nesse conflito e perplexidade dos alunos, a primeira professora, numa tentativa de amenizar o fato, dialoga com os alunos e com a outra colega de trabalho, o seu não entendimento daquela situação, bem como, o seu

despreparo para entender a relação da aluna surda oralizada com os intérpretes de Libras.

De acordo com a legislação, educação inclusiva é o acesso e permanência de todos nas mais diversas modalidades educacionais, de forma a potencializar o seu desenvolvimento acadêmico e social, independente de suas características de corpo ou condição individual. Segundo Maria Teresa Égler Mantoan:

[...] escolas abertas à diversidade são aquelas em que todos os alunos sentem respeitados e reconhecidos nas suas diferenças, ou melhor, [...] ambientes educacionais que se caracterizam por um ensino de qualidade, que não excluem, não categorizam os alunos em grupos arbitrariamente definidos por perfis [...] (2003, p.84).

Entende-se por essa categorização de alunos ligada à exclusão, não só as pessoas com deficiência, dentre elas as com deficiência auditiva e as surdas, mas também aquelas por sua condição social. Entretanto, apesar da legislação legitimar a obrigatoriedade, no espaço escolar, independentemente do nível, ainda se percebe muita fragilidade e dificuldade na implementação das políticas públicas de inclusão. Em sala de aula, muitos professores sentem-se inseguros e ansiosos com a presença de alunos com diferenças, alegando não terem formação adequada e específica para lidar com essa diversidade. Penso que essa alegação não é mais cabível, afinal, falamos de inclusão antes dos anos 90, e com mais ênfase ainda, a partir de 1994, com a Declaração de Salamanca¹⁸. De acordo com Freire:

[...] o educador já não é o que apenas educa, mas o que, enquanto educa, é educado, em diálogo com o educando que, ao ser educado, também educa. Ambos, assim, se tornam sujeitos do processo em que crescem juntos e em que os “argumentos de autoridade” já, não valem. Em que, para ser-se,

¹⁸ Documento elaborado na Conferência Mundial sobre Educação Especial, em Salamanca, na Espanha, em 1994, com o objetivo de fornecer diretrizes básicas para a formulação e reforma de políticas e sistemas educacionais de acordo com o movimento de inclusão social. O Brasil foi um dos países signatários da declaração, assumindo o compromisso de incluir todas as crianças.

Para saber mais, acessar os links:

<http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/salamanca.pdf>

<https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000139394>

funcionalmente, autoridade, se necessita de estar sendo com as liberdades e não contra elas.

Já agora ninguém educa ninguém, como tampouco ninguém se educa a si mesmo: os homens se educam em comunhão, mediatizados pelo mundo (1980, p. 78-79, destaque do autor).

Contudo, essa dificuldade também não seria diferente no Departamento de Psicologia da UFF (Universidade Federal Fluminense), visto que desde o início da primeira turma de mestrado¹⁹ em 1999 até 2018, nunca houve matrícula de aluna/o Surda/o na pós-graduação *stricto sensu*. De acordo com Silva (2009a), o que se almeja dos professores é que "com a educação inclusiva sejam abandonadas definitivamente as barreiras seletistas de aprendizagem" e que o meio social se ajuste ao aluno incluído ao contrário de buscar que este se molde à sociedade. Assim como Célia Regina Vitaliano (2010) enfatiza que "[...] as próximas gerações de professores se percebam responsáveis pela aprendizagem de todos os alunos e não somente daqueles que não apresentam deficiência".

Quando se pensa numa inclusão destinada à singularidade faz-se necessário pensar em propostas alicerçadas não só no reconhecimento das diferenças individuais, como também nas identidades que são marginalizadas, nas minorias que são silenciadas, bem como aqueles que são esquecidos. Na verdade, para alcançar uma sociedade mais justa e equitativa presume-se um atendimento universal sem restrições e limites a todos, estando além de superações sociais, ambientais e atitudinais ou na eliminação do diferente; o que precisa é acordar uma construção da unidade do "nós" e não no de apontar "aqueles" e "eles". A luta pela inclusão é uma maneira de garantir o abandono da "anormalidade" e, assim, garantir a aproximação das minorias normais embora diferentes.

A educação inclusiva [...] amplia seu conceito na construção de novas rotas epistemológicas que respeitem e reconheçam a diversidade humana (Ana Cristina de A. C. BASTOS, 2018, p.188).

¹⁹ A história do Departamento de Psicologia da UFF (Universidade Federal Fluminense) encontra-se no link: <http://gsi.sites.uff.br/historia/>

Para analisar o peso da minha surdez neste episódio, penso que seja necessário trazer a questão dos estudos da deficiência²⁰, não com o intuito de esgotar os princípios que cada um deles desloca consigo, mas neste momento, evidenciar qual visão de deficiência é mais recorrente e, por conseguinte, entender o que realmente vivi em sala de aula. Estes estudos são compreendidos por duas vertentes: uma como um fenômeno do corpo, no qual a ausência de partes ou limitações funcionais são elementos definidores da dependência na sociedade onde vivem, gerando discriminação, opressão e exclusão. A deficiência, nesse caso, é uma ocorrência patológica e a medicina precisa restaurar o corpo doente à condição considerada normal. E a outra, analisando as barreiras e dificuldades impostas pela sociedade às pessoas, com uma especificidade na diversidade, o que as colocam em situação de vulnerabilidade, vivenciando, notadamente, a exclusão; portanto, o foco, não é nas limitações funcionais deste corpo, mas na sociedade em ajustar-se à diversidade. Sob este olhar os dois modelos: o médico (ou biomédico) e o social.

O modelo médico da deficiência entende-se como um fenômeno biológico, uma consequência do corpo lesionado, do déficit que deve ser consertado para se tornar “normal”, curado. Esta compreensão do corpo banalizado como anormal e defeituoso, acontece quando o campo do biológico - ou mais especificamente, da medicina passa a ter o controle sobre este corpo, entendendo-o no âmbito do patológico, da anormalidade ou da enfermidade que necessita de tratamento (Canguilhem, 1995).

Dessa maneira, a deficiência é vista como uma incapacidade física, cognitiva ou sensorial; como tragédia pessoal, uma concepção fatalista ou uma condição anormal dependente de cuidados, centrada numa "abordagem reabilitacional" (Striker,1999), ou seja, uma vez identificada a deficiência, uma série de intervenções sobre o corpo são feitas para proporcionar seu melhor funcionamento e, assim, quando possível, reduzir as desvantagens a serem vividas. Neste modelo, as violências e barreiras que a pessoa com deficiência defronta, diariamente, tendem a ser oriundas enquanto produto de suas próprias limitações corporais, baseada numa hegemonia cultural da normalidade determinado pelo senso comum. De acordo com Luciana Neves Bampi et al (2010, p.3):

²⁰ Os Estudos da Deficiência (*Disability Studies*) - deve muito ao ativismo das pessoas com deficiência em denunciar a opressão social das pessoas, como também, relevar as condições estruturais que negligenciam as experiências da deficiência

"A deficiência, nesse modelo, é a expressão de uma limitação corporal do indivíduo para interagir socialmente".

Pelo referido modelo, a maneira como a pessoa com deficiência deve ser inserida na sociedade fundamenta-se na chamada integração, isto significa que as suas limitações, localizadas no seu corpo, são as únicas causas dos "processos de discriminação enfrentados" (Claudia Werneck, 2004), desta forma, cabe somente a ela, pessoa com deficiência, adaptar-se à realidade na qual está inserida.

De modo geral, como crítica, este modelo se distingue em estudar as deficiências, interpretar sintomas, classificar e estabelecer tipologias com o objetivo de curar ou medicalizar o corpo com deficiência para que possa se aproximar de um padrão de normalidade dominante. Entretanto, não se pode negar a importância que o modelo médico, através de um diagnóstico precoce, proporciona na redução da deficiência, no que se refere aos benefícios físicos e sensoriais, no caso as próteses, órteses e os implantes.

O modelo social da deficiência é entendido como o "resultado das interações pessoais, ambientais e sociais da pessoa com seu entorno" (Anahí Guedes de Mello, Nuernberg e Pamela Block, 2014). Isto significa que a deficiência é uma situação que acontece durante a interação social e não no corpo, é uma singularidade da diversidade humana. Este modelo retira da deficiência a ideia de cura, passando a ser uma condição de vida, uma possibilidade da existência humana, oportunizando as pessoas com deficiência a declarar o controle de suas vidas.

Percebo que este modelo, ao ser estabelecido um novo olhar de que os problemas implicados pela deficiência estão atrelados às estruturas sociais e não às funcionalidades do corpo, proporciona uma preparação identitária, pois concede às pessoas com deficiência uma mudança de sua posição social, posicionando-se contra os valores que antes as desqualificavam e as colocavam afastadas da vida social. A deficiência, portanto, passa a ser do campo das humanidades e, desta forma, uma questão de direitos humanos (Santos, 2010). De acordo com Débora Diniz et al:

Deficiência não se resume ao catálogo de doenças e lesões de uma perícia biomédica do corpo (Débora DINIZ et al, 2009, p. 21); [...] é um conceito que denuncia a relação de desigualdade imposta por ambientes com barreiras a um corpo com impedimentos (2009, p.65).

De acordo com esse modelo, a importância concedida às limitações funcionais do corpo são atenuadas, admite que a deficiência é algo externo, surge tão somente da relação entre este corpo com impedimentos e as barreiras atitudinais existentes no meio social, no qual este sujeito encontra-se inserido. Dito isto, o referido modelo fundamenta-se na inclusão, isto é, "[...] a sociedade que deve adaptar-se aos sujeitos com impedimentos, eliminando as barreiras que impedem à acessibilidade" (Ana Paula Barbosa-Fohrmann, 2016, p.104).

Diante do exposto, percebe-se que a ideia principal do modelo social é a de que a deficiência deve ser compreendida como uma questão de incapacidade da sociedade em se adaptar às diferenças, um resultado da vida em sociedade; e não ser entendida como um problema individual, daquele que tem limitações ou lesões corporais que necessitam de tratamento, ou seja, para o modelo social a causa está na estrutura social e não no indivíduo. Este modelo, como explica Shakespeare (2006), argumenta do ponto de vista sociopolítico, que a deficiência resulta da falha da sociedade e que este processo une todas as deficiências em torno de um só ponto: a experiência da exclusão.

Mas o que significa ser uma mulher surda, tendo uma boa oralidade (faaaalllooooo pelos cotovelos) e com isso uma independência dos intérpretes de Libras (Língua Brasileira de Sinais) em algumas atividades²¹ existentes no espaço acadêmico da UFF (Universidade Federal Fluminense)? É como se tivesse que escrever minha própria história de forma diferente, pois da maneira que é, não represento a "categoria dos deficientes - surdos sinalizantes".

Preciso, neste momento, dar uma pausa para trazer a escritora nigeriana, Chimamanda Ngozi Adichie (2009), quando apresenta o perigo de se pegar toda diversidade de uma pessoa e de seu contexto e restringi-los a um só aspecto, como ela gosta de chamar "o perigo de uma história única".

No episódio da aula, quando a professora tenta explicar a sua não compreensão da minha relação com os intérpretes, teria eu que representar a categoria de mulher surda sinalizante? Se assim representasse, desta forma ficaria claro para a professora a minha relação com os intérpretes? Essa minha "diferença" de ser Surda e falar muito bem, ou seja, habitar este espaço de fronteira, bagunça o que a sociedade conceitua como deve

²¹ Como já mencionei, anteriormente, no Cap. 1.3, junto com os meus colegas que são ouvintes, uso a língua oral e faço uso da leitura labial; em grandes grupos, assistindo a uma aula, por exemplo, preciso dos intérpretes de Libras.

compor o corpo de uma mulher surda sinalizante. Na verdade, desvio-me da maioria dos corpos engessados nesta categoria, ou seja, destoo da dicotomia vendida pela nossa sociedade, em que surdo que não faz uso de tecnologia, não fala com a boca, só usa a Libras (Língua Brasileira de Sinais). Esse é o perigo de uma história única! Nesse sentido, como diz Chimamanda, muitas histórias importam. Segundo Alves e Tainá Alves:

perigo da história única – termo cunhado por ela – faz referência à construção do estereótipo de pessoas [...] numa perspectiva de construção cultural e de distorção de identidades (2012, p.1).

Quando falo de categoria, essa palavra soa de forma esquisita! Na verdade, horrrrííveeeellll!!!! Me sinto fazendo parte de um catálogo, de uma classificação! Mas falar em mulher com deficiência, no meu caso com surdez, é isso! É trazer à tona os impedimentos deste corpo, é listar as faltas! E escrever esta história de maneira diferente (sou uma surda que fala com a boca!), opondo-me ao que determina a "categoria" de deficiente (surda não pode falar!), é sofrido e, às vezes, muito doloroso! Pensar na mulher surda, portanto, um corpo com deficiência, é ser marcada pelo estigma do negativo, ou seja, do incompleto e da indignidade pela deficiência e, ainda, pela dupla posição de subalternidade (no sentido de opressão), isto é, pela junção das categorias (mulher/deficiente) e, desta forma, estar sujeita ao desacato do meu corpo, determinado pela corponormatividade. De acordo com Anahí Guedes de Mello:

[...] para desconstruir as fronteiras entre deficientes e não deficientes é necessário explorar os meandros da corponormatividade de nossa estrutura social a dar nome a um tipo de discriminação que se materializa na forma de mecanismos de interdição e de controle biopolítico de corpos com base na premissa da (in)capacidade, ou seja, no que as pessoas com deficiência podem ou são capazes de ser ou fazer (2014, p.55).

Assim, ser uma mulher com deficiência é ser vista como uma pessoa defeituosa e, por isso, ser depreciada, desvalorizada e tratada, por vezes, com desrespeito. Ao dizer que sou surda, afasto-me dos padrões de leitura e de interpretação de corpo estabelecido pela sociedade e passo a compor um corpo inferior, incompleto e passível de reparação. É comum questionarem por que não faço uso de próteses auditivas, como também, apresentarem os avanços tecnológicos na área da surdez, como um atrativo. Certo é, com o uso de tecnologia estaria na "hierarquia de corpos" (Id.,2014) mais próximo da

normalidade e, assim, provavelmente, agora estaria contando, aqui, uma outra história! No que diz respeito à deficiência e corpo, Judith Butler (2003, p.16) expõe: "habitar um corpo deficiente é viver em um corpo marcado socialmente pelo estigma, pela desvantagem social ou pela rejeição estética."

E o final daquela aula, no que resultou?

Bem, nada foi fácil, uma aula em que todos os corpos, ali presentes, foram marcados e mediados pela falta. Contudo, depois de muita conversa, chegamos à conclusão de que juntos poderíamos construir um espaço verdadeiramente aberto às diferenças. Então, como proposta, o tema da próxima reunião de colegiado seriam as questões relacionadas às pessoas com deficiência, em que eu e Camila Alves (doutoranda com deficiência visual) compartilharíamos nossos saberes - cada uma no seu lugar de fala e ao mesmo tempo num lugar de fala comum - "trocaríamos figurinhas" com todos, professores e alunos, tanto do mestrado quanto do doutorado.

Depois, num outro espaço, junto com a minha orientadora, Ana Claudia Lima Monteiro, sugiro a elaboração de um projeto de sensibilização da Libras (Língua Brasileira de Sinais) que seria oferecido em forma de oficina a todos os professores, funcionários e

alunos, não só da graduação como da pós. E, é óbvio que Ana acha ma-ra-vi-lho-so!

Noooooossssaaaa, só agora me dei conta de um detalhe importantíssimo!

Tenho que compartilhar!

Diante de todas as discussões, com falas e mais falas acaloradas e, convenhamos, quando estamos diante de situações efervescentes, não existe um fala, depois outro fala... Não! As pessoas simplesmente querem falar! E eu não tinha intérprete! Pois bem, só não fiquei totalmente "boiando" em todo esse contexto, porque minha amiga "Lu" (Lucila) se prontificou a interpretar tudo ou quase tudo que acontecia, se não fosse assim, ficaria muito incomodada; primeiro, porque estariam discutindo assuntos nos quais eu fazia parte, mas seria desacolhida na minha presença e segundo, pelo total despreparo em lidarem com a minha especificidade. O-bri-ga-da Lu! Muito obrigada!

De acordo com algumas estudiosas (Fiona K. Campbell, 2001; Anahí G. Mello, 2016, dentre outras) o preconceito contra pessoas com deficiência, como já compartilhei anteriormente, vem do que chamamos de corponormatividade. Isto expressa que a sociedade tem um padrão de corpo funcional perfeito para raça humana e, sendo assim, não tolera a diversidade corporal que existe na realidade. Então, o ato de diminuir e discriminar a pessoa com deficiência por conta de uma característica e condição dela que não está de acordo com a corponormatividade, é chamado de capacitismo.

O problema deste tipo de preconceito está na sutileza através da qual ele se apresenta, quase imperceptível a olho nu, vindo, inclusive, em grande parte, escondido sobre uma capa de boas intenções, de preocupação, de desconhecimento ou por uma "solidariedade" muito difícil de ser questionada.

Trata-se de uma categoria que define a forma como pessoas com deficiência são tratadas como incapazes (incapazes de amar, de sentir desejo, de ter relações sexuais, etc.), aproximando as demandas dos movimentos de pessoas com deficiência a outras discriminações sociais como sexismo, o racismo e a homofobia (Anahí Guedes MELLO; NUERNBERG, 2013, p.6).

E foi justamente sobre esta categoria que define as pessoas com deficiência que nós, eu e Camila Alves, trouxemos para conversar na reunião do colegiado.

Bem, digo, de passagem, que a sala destinada para o evento não estava lotada, mas composta de pessoas interessadas em entender sobre esta minoria das minorias que agora compunha a pós-graduação stricto sensu.

Abrimos o seminário com o vídeo: "Stella Young: Eu não sou sua inspiração, muito obrigada"²². A partir daí, conversamos sobre o que nossos corpos sentem, através de relatos que foram para além da nossa condição pessoal, ou seja, saiu do local para o global; desenrolamos, também, como são feitas as fronteiras que separam os corpos com-deficiência dos corpos sem-deficiência; o

²² O vídeo encontra-se no endereço: <https://www.youtube.com/watch?v=8K9Gg164Bsw>

que pode um corpo se articulado longe dos parâmetros da normalidade. Outro ponto também marcante foi apresentar um pouco da LBI (Lei Brasileira de Inclusão), da acessibilidade no contexto social e na própria UFF (Universidade Federal Fluminense).

Muita participação... muita troca... Um momento que certamente ficará na história do Departamento de Psicologia da UFF (Universidade Federal Fluminense).

Falar sobre atos capacitistas nesse Seminário, por mais dolorido que tenha sido expor essas vivências de atitudes veladas de violência, foi importante para atingir novos olhares, novas percepções e entendimentos de como são produzidas as hierarquias e as desigualdades, e dessa forma, conquistarmos parceiros e alianças no enfrentamento dos embates sociais.

De acordo com a Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência, da ONU, esta discriminação pode ser definida

como qualquer diferenciação, exclusão ou restrição baseada em deficiência, com o propósito ou efeito de impedir ou impossibilitar o reconhecimento, o desfrute ou o exercício, em igualdade de oportunidades com as demais pessoas, de todos os direitos humanos e liberdades fundamentais nos âmbitos político, econômico, social, cultural, civil ou qualquer outro. Abrange todas as formas de discriminação, inclusive a recusa de adaptação razoável (Art. 3º).

Embora já existam documentos que definem estes atos discriminatórios, ainda temos muito o que alcançar (um verdadeiro "trabalho de formiguinha"), o capacitismo, como preconceito social, sustenta a existência de um tipo de corpo peculiar à espécie humana e ao corpo que destoa à condição de menos apto, ou ainda, aquele incapaz de gerir a própria vida. Segundo Fiona K. Campbell, capacitismo é definido como:

uma rede de crenças, processos e práticas que produz um tipo particular de compreensão de si e do corpo (padrão corporal), projetando um padrão típico

da espécie e, portanto, essencial e totalmente humano. A deficiência para o capacitista é um estado diminuído do ser humano (2001, p.44).

E o meu projeto de sensibilização da Libras (língua Brasileira de Sinais), como foi?

Após elaboração e a divulgação, uma grande expectativa foi gerada por mim. Caramba! Compartilhar minha língua com psicólogos, que máximo! Fato que não estava propondo um curso de Libras, porém, a simples ideia de psicóloga/os ou estudantes de psicologia terem contato com a língua de sinais e, assim, quem sabe, despertar o interesse para um aprendizado mais específico, já me deixava muito radiante!

Para a oficina, disponibilizei 20 vagas. No meu interior, entretanto, já pensava em como iria fazer se tivesse que disponibilizar mais vagas ou até mesmo abrir outra turma (trazia a marca da vivência na educação, quando proposto um curso ou uma oficina de Libras, o número de inscritos é enorrmmmmeeee!!).

Chegado o dia... chegada a hora...

Que decepção! Fiquei sem saber o que fazer!

Uma sala super espaçosa com, simplesmente, quatro alunas! Chorei internamente! Perdi o rebolado!

Por dentro, me perguntava: _ e as pessoas que disseram: Que bom!; Quero aprender Hil! (meu apelido); Nós estávamos precisando deste aprendizado, Hil! Vou me organizar pra participar! Onde elas estavam?

Depois de conversar com algumas pessoas e com a Ana (minha orientadora), me refiz. Hoje, posso dizer que foi uma oficina importantíssima, muito aprendizado, muita troca! Valeu! E valeu muuuitttoooo!!!

A legalidade da Libras (Língua Brasileira de Sinais) como meio de comunicação e expressão da comunidade surda (Lei 10.436/02) e a sua regulamentação (Decreto 5626/05) a desloca não só do lugar de "um monte de gestos" para o status de língua, mas também traz uma visibilidade a todos os surdos que dela faz uso, como um corpo social, um corpo com direitos de igualdade. Antes, faltava a este surdo a característica distintamente humana: a língua e, conseqüentemente, a sua habilidade cognitiva. Assim, não só por esta razão, às vezes, os surdos, ainda são discriminados e considerados como incapazes e destinados a viverem à margem do mundo considerado normal, ou seja, uma espécie de *apartheid* entre os ouvintes e os surdos no que diz respeito à aceitação social. Segundo Gladis Perlin:

O estereótipo sobre o surdo jamais acolhe o ser surdo, faz com que as pessoas se oponham, às vezes disfarçadamente, e evite a construção da identidade surda, cuja representação é o estereótipo da sua composição distorcida e inadequada (1998, p.54).

Com essa legalidade e regulamentação, a Libras - Língua Brasileira de Sinais não só proporcionou uma consequência linguística favorável a todos os surdos sinalizantes, mas também um resultado social, pois, se ser "normal" significa ter uma língua e com isso ter pensamento, comunicação e tudo mais que compõe um ser com competência linguística; e ser "anormal" é ter a ausência de língua e tudo de negativo que a compõe, a partir do momento que a Libras recebe o status de língua, e esta oriunda de

comunidades surdas, nós surdos, saímos da anormalidade. Isto significa que a Língua Brasileira de Sinais retira o surdo do patamar da invisibilidade, do subumano e o legitima como sujeito que tem língua, e isso é um grande marco no processo de transformação social.

Hoje, a língua de sinais é reconhecidamente uma língua [...] como tal, é transparente e icônica o que significa que mesmo os que não a dominam são capazes de compreendê-la ainda que superficialmente. Portanto, **é preciso que os profissionais** de um modo geral, **compreendam estas questões e transformem suas concepções a respeito da pessoa surda** (Sandra A. Silva SANTIAGO & Ana Lucia de SOUZA, 2009, p.3, sem grifo no original).

Portanto, penso que a minha oficina resultou numa mensagem: não podemos ser neutros ou indiferentes às transformações pelas quais passa a sociedade, bem como às necessidades e demandas atuais. Não podemos visualizar corpos como unidades isoladas; ao contrário, devemos nos posicionar diante das políticas públicas, de maneira a nos preocuparmos com a dimensão social e com a inclusão a todos os grupos minoritários que dela se aproximam, considerando os atravessamentos que os compõem e os posicionam no mundo.

2.3 - Muralha humana, possível e real!

Desde o início, alguns embates, tanto em sala de aula quanto nos corredores da universidade, minavam dia após dia a minha vontade de estar naquele lugar, pois o meu corpo não atendia aos padrões estabelecidos como normais.

Estaria eu no lugar correto? O que fazer? Deveria eu abrir mão daquela conquista pelo preconceito alheio? Por mais que eu soubesse que não existe "culpa" em ter deficiência e que eu não tinha um "defeito" a ser consertado para atender o outro, na verdade, aquele espaço é que precisava já estar pronto para receber as diferenças... mexer nas minhas cicatrizes era muito sofrido!

Uma questão de imensa perplexidade era saber que o entendimento de uma educação inclusiva parecia não fazer parte do contexto de alguns professores e alunos da pós-graduação em psi-co-lo-gia, isso mesmo, naquele espaço de psicólogos, alguns se colocavam "desconhecedores" de qualquer política inclusiva.

Comentários dos mais absurdos "escutei" com os meus olhos: Intérpretes de Libras, por que você precisa, afinal você fala tão bem! Vim de tão longe para estudar e não

ter aula por falta de intérprete é um absurdo, mas entenda, isso não é com você! Já que não tem intérprete, você não pode fazer uma "forcinha" pra ouvir? Acho que você precisa lutar pelos seus direitos... mas não esqueça, estamos juntos! O que você irá fazer agora, deve ser muito ruim estar nesse lugar!

Quantas colocações equivocadas! Quanto preconceito!

Ser excluída de forma sutil, mas profundamente violenta, tudo expresso nos olhares, risos, abraços "solidários", tapinha no ombro, já não estava suportando mais, a vontade de sair correndo e nunca mais retornar estava ficando muito forte. Contudo, diante desse "terror" algumas alunas e alunos cotistas, do mestrado e do doutorado, começam a se posicionar contrariamente a todo esse processo de exclusão e como "tijolos" posicionados para construção de muro foram se erguendo, um após o outro, assumindo uma posição para mostrar e firmar que estariam ali juntos, verdadeiramente, juntos comigo. Passaram a ser a muralha humana da resistência! Uma muralha viva em oposição ao preconceito, contra as atrocidades que ainda são fortes, no espaço acadêmico e fora dele, contra as minorias. E, no caso, ali, eu era e ainda sou a minoria das minorias no mestrado.

A democratização do ensino superior, no caso, em curso de pós-graduação *stricto sensu*, a partir das ações afirmativas (o sistema de cotas), tanto para o acesso quanto para a permanência desses alunos está relacionado enormemente ao enfrentamento das discriminações nessa trajetória, principalmente, quando se trata de pessoas com deficiência (minorias das minorias). De acordo com Santos:

[...] a universidade não parece preparada para defrontar os desafios, tanto mais que estes apontam para transformações profundas e não para simples reformas parcelares. Aliás, tal "impreparação", mais do que conjuntural, parece ser estrutural, na medida em que a perenidade da instituição universitária, [...] está associada à rigidez funcional e organizacional, à relativa impermeabilidade às pressões externas, enfim, à aversão à mudança (2013, p.371, destaque do autor).

Esse espaço acadêmico, para receber mulheres com deficiência sensorial, se apresenta como um "não-lugar social", uma vez que, alguns profissionais e alguns alunos da universidade, ainda não nos concebem a função de pesquisador, pois seguem um conjunto de representações ajustado aos padrões reconhecidamente como superiores e capazes. Afinal, sendo a pesquisa entendida como um campo destinado a produção de conhecimentos e contribuições para o avanço da sociedade, passa a ser um local demarcado por critérios exclusivistas, direcionado somente a "pessoas que possuem habilidades e competências".

[...] a atribuição da diferença está sempre implicada em relações de poder, a diferença é nomeada a partir de um determinado lugar que se coloca como referência (Guacira L. LOURO, 2003, p.46-47).

Esta visão equivocada da participação das mulheres com surdez e/ou deficiência auditiva no campo de pesquisa é histórica. Se desarticulamos, didaticamente, por um instante, as categorias "mulher" e "deficiência sensorial", percebemos que, às mulheres cabiam o espaço privado (doméstico), constituído como um lugar privilegiado para permanência feminina e, aos surdos, cabia o desprezo e isolamento pautado em regras e padrões de normalidade. Neste caso, se para as mulheres em situação de ausência de surdez, sua condição era desfavorável, para as mulheres com surdez, significava a inexistência; e hoje, algo desafiador, pois a incapacidade atribuída às mulheres se potencializa pela deficiência, negando-lhes seus direitos. Portanto, o acesso de mulheres com deficiência sensorial nesse espaço de pesquisa, revela experiências que destacam o

preconceito e a discriminação nas categorias de "gênero" e de "deficiência" e que esse comportamento não surgiu de casualidade, é alicerçado a partir de heranças históricas, culturais e ideológicas presentes na sociedade e, conseqüentemente, na universidade. Como diz Simone de Beauvoir (1970, s/p): " Que nada nos defina, que nada nos sujeite. Que a liberdade seja nossa própria substância, já que viver é ser livre".

Essas experiências, a partir das marcas corporais e das subjetividades, remetem ao conceito de interseccionalidade que, apresentado com base nos estudos e pesquisas feministas, como de Patrícia Hill Collins (2014), de Anahí G. de Mello (2016), de Carla Akotirene (2018) e de tantas outras de grande relevância, pretende compreender como a articulação de múltiplas diferenças das identidades (gênero, raça, classe social, etnia, orientação sexual, religião, idade, deficiência física, sensorial ou intelectual, bem como outras formas de identidade) podem se cruzar, como também as desigualdades que se encontram inter-relacionadas e se estruturam interferindo direta/indiretamente na vida dos sujeitos, produzem a não-humanização, repressão e poder em determinados grupos de pessoas. E, além disso, de acordo com Helena Hirata (2014, p.69), "a interseccionalidade é vista como uma das formas de combater as opressões múltiplas e imbricadas e, portanto, como um instrumento de luta política" sem a qual as diversas formas de diferentes elementos de opressão seriam facilmente apagados ou simplificados, contribuindo ainda mais para a reprodução de ações discriminatórias e preconceituosas.

Apresentar de forma interseccional os entraves que aconteceram comigo no mestrado da UFF (Universidade Federal Fluminense), possibilita um entendimento mais preciso da mulher que atravessada pela surdez tem vivências, experiências e demandas diferentes das que não são e, desta forma, compartilhar a respeito das possíveis causas e efeitos das discriminações e exclusões em suas diversas combinações. Segundo Pocahy (2011, p.28): "Interseccionalidade [...] como um modo de problematizar o que nos faz humanos ou não".

Estes entraves, posso dizer que correspondem à experiência de grande parte das mulheres com deficiência sensorial nas estruturas educacionais, seja de qual nível for, a invisibilidade feminina que se potencializa quando se trata de uma mulher com deficiência pode ser observada, claramente, também em outros contextos.

Em geral, nós, mulheres, com deficiência sensorial, sofremos graduações de julgamentos que nos colocam no campo da "diminuição" pela nossa condição. O

mínimo de aparência da deficiência (no meu caso, a surdez, uma deficiência invisível e, mais invisível ainda, por eu ser oralizada) já é o suficiente para ser desacreditada e vivenciar processos de exclusão em função de ter uma lesão e, assim, ser incapaz de se constituir "mãe", "pedagoga", "provedora", "jiujiteira", "mulher" entre outras (já fui interpelada pelo fato de não ter filhos, se seria pelo motivo de ser surda), e isso exige um esforço interior considerável para superar concepções que excluem o meu corpo, entendido como "estranho" ou incapacitado.

[...] as mulheres com deficiência estão em dupla desvantagem devido a uma complexa combinação de discriminação baseada em gênero e deficiência (Anahí Guedes de MELLO e NUERMBERG, 2012, p.639).

Nesse sentido, podemos pensar em dois aspectos. O primeiro, que esses atravessamentos são como "nós-cegos" para as marcas corporais e subjetivação nas condições mencionadas, proporcionando espaços de marginalização e não aceitação das diferenças como forma de vida histórica e social. E o outro, que a interseccionalidade trata da forma como ações específicas geram opressões que decorrem ao longo de tais eixos, convergindo e, nesse ponto comum, constituem aspectos ativos do desempoderamento. De acordo com Silva (2009b, p.22): "O empoderamento é o oposto à vulnerabilidade, ou seja, quanto mais empoderada está a pessoa, menos vulnerável ela estará".

A abordagem interseccional, além de permitir o entendimento não só em relação à complexidade das mulheres com deficiência, considerando a coexistência e a subordinação de diferentes elementos que atingem concomitantemente estes corpos, expõe uma "fábrica" de opressão e desigualdade com efeitos múltiplos que surgem quando estas categorias se interseccionam, reforçando que estas diferentes dimensões não podem ser desassociadas, e, também, o que poderá ser feito politicamente com essa "fábrica" encarregada de fabricar diferenças depois de percebê-las como identidades (Carla Akotirene, 2018).

A Convenção dos Direitos das Pessoas com Deficiência (CDPD) no seu artigo 6, introduzida no ordenamento jurídico brasileiro pelo Decreto Legislativo nº 186/2008, faz menção em dois itens à "mulher com deficiência" afirmando que:

[...] reconhecem que **mulheres e meninas com deficiência estão sujeitas a múltiplas formas de discriminação** e, a este respeito, se **comprometem a**

adotar medidas para assegurar-lhes o pleno e igual desfrute de todos os direitos humanos e liberdades fundamentais.

[...] deverão tomar todas as medidas apropriadas para assegurar o pleno desenvolvimento, avanço e empoderamento das mulheres,[...] (BRASIL, 2008, sem grifo no original)

Este reconhecimento do atravessamento das categorias "gênero" e "deficiência" sugere, na verdade, que a compreensão da deficiência (física, sensorial e intelectual) seja vista apenas como um aspecto constitutivo da subjetividade e ou como condição de uma minoria específica (categoria distinta), mas compreender a ação da opressão e da desigualdade como produção de diferenças interseccionalizadas, isto significa que, eu, mulher com deficiência, não sou somente um corpo "mulher" e nem somente um corpo com "deficiência sensorial", mas pela minha condição de mulher com deficiência sensorial, sofro discriminações específicas, já que estas convergem simultaneamente. E para libertar-me destas ações de discriminação, preciso travar uma dupla e difícil luta: a primeira, contra a minha baixa autoestima (a sensação de ser incapaz para estar no espaço acadêmico como pesquisadora é muito forte!) e a segunda, com quem age para baixar a minha autoestima.

[...] "dupla desvantagem" com que vivem as mulheres com deficiência em relação a participação social, [...]. Ao se constituírem mutuamente e se retroalimentarem, os efeitos do duplo estigma potencializam a exclusão das mulheres com deficiência (Anahí Guedes de MELLO; NUERNBERG, 2012, p.641).

Contudo, justamente no momento em que meu corpo se torna tão vulnerável naquele contexto, quando pretendo "jogar a toalha", outras minorias, cotistas, também imersas sob o prisma da interseccionalidade, isto é, determinadas pelas formas de subalternização localizadas não somente no gênero, mas na raça, na classe social, na orientação sexual e em outras identidades, se unem comigo, para que de forma coletiva mostrássemos resistência ao desrespeito humano e, assim juntos, como protagonistas e pesquisadores em psicologia, demarcássemos nosso espaço na UFF (Universidade Federal Fluminense), pois esta, apesar de adotar um marco normativo favorável à diversidade (o processo seletivo para ações afirmativas), conserva processos de inclusão aparente, já que na prática, para alguns, a inclusão ainda se mantém tão somente no campo do discurso.

Penso que é preciso modificar os espaços acadêmicos para o acolhimento e respeito às diferenças; por isso, a importância de tencionar a interseccionalidade. Ela é como uma chave investigativa para o alcance de como atuam as articulações entre as camadas de opressão que se sobrepõem às histórias e às marcas dos corpos das mulheres com deficiência.

Os silenciamentos pelo desprezo aos direitos ou pela desvalorização da condição de humanidade, precisam, com urgência, ser rejeitados, por meio de condições e oportunidades que reconheçam cada pessoa em sua singularidade.

FUTURO

Se eu tivesse fechado os olhos para o vídeo

Talvez teria sido melhor...

Será?!?!

Só que não... só que nunca.

A vida sempre pulsou em mim, mesmo quando tentou ser embaçada.

A vida sempre pulsa.

E meu corpo, depois de se conhecer, se aceitar e se "metamorfosar"

pulsa ainda mais.

Agora ele sabe, ou melhor, sempre soube, que por mais que eu finja,

meu caminho será esse mesmo - fatigante, intenso, resolutivo, audaz,

com rumo a diversos lugares sempre fazendo composições

com surdos e ouvintes.

Pois é, aqui estou!

Hil Soares

3.1 - Futuro.

Um passo a nossa frente? O amanhã? O que há de ser? Hummmm!

O fato é que sempre falamos do "futuro"! Uns, até tentam prenunciá-lo, outros dizem temê-lo, mas o certo é que ele está sempre pronto a se tornar presente. Isto significa que, numa "linha do tempo" imaginária, o futuro depara-se à frente, aquilo que ainda não aconteceu.

Mas afinal, o que significa precisamente esta palavra, além de alguma coisa que parece indefinida e distante?

Bem, a palavra futuro, do latim *futurus*, remete a algo que há de ser. Segundo Perissé (2011), "[...] é tudo que temos pela frente". É! De fato, é isso!

Mas, aqui neste espaço, compartilharei o futuro de algo que já aconteceu. Como disse Dylan (2001) na música *Bye and bye*: "[...] o futuro para mim já é uma coisa do passado [...]". Opa, como assim?? Parece estranho, mas é real! Esse futuro representa o resultado da minha descoberta do meu corpo. Entenda este corpo como um lugar em que as experiências, as subjetividades, as emoções e o aprender se exteriorizam, permitindo experimentar momentos...

de re-significação e percepção,

de autoconhecimento e conhecimento do outro,

de fragmentação e re-composição,

de delimitar o lugar do meu corpo e ao mesmo tempo, vinculá-lo à experiência de continuidade,

de cuidar de mim e olhar para o outro,

de encontros comigo e com o outro,

de ser afetada e afetar o outro, de modo que possibilite mudanças internas e externas, consequentemente, momentos de vida.

Ciampa entende identidade como metamorfose, ou seja, em constante transformação, sendo o resultado provisório da intersecção entre a história da pessoa, seu contexto histórico e social e seus projetos (1987a, p.1).

Penso que identidade não é biológico, ela se compõe da relação comigo mesma e da relação com o outro (sociedade), por esta razão está sempre em movimento, em transformação; mesmo quando a identidade é entendida como inerte, supondo que não

sofre transformação, ela está se modificando à medida que, por meio das próprias ações, se re-compõe daquilo que o outro (sociedade) impõe como certo ou o mais adequado. Isto significa que, se as minhas condições subjetivas não interferissem nas minhas ações, e assim, aceitassem as convenções sociais que vê como natural e consequentemente, histórico, o estigma e o estereótipo da pessoa com surdez seria como se esta metamorfose não existisse e me deixasse "paralisada", prisioneira do personagem que me foi atribuído e com o qual teria me identificado. Só que não! Eu não me deixei ser "algo", fui e sou autora e personagem que se construiu e se constrói através da atividade social em um determinado momento histórico.

[...] considere que o indivíduo à medida que vai adquirindo a capacidade de agir [...], vai também passando a se reconhecer e a ser reconhecido pelo outro como alguém que pode afirmar "eu" de si mesmo, com uma identidade em constante transformação, ou seja, identidade entendida como metamorfose. (Id, 2005, p.6, destaque do autor)

E é esse "metamorfosear" que estarei, aqui, compartilhando. É um futuro que já aconteceu! Então, vamos lá?!?!

Da mesma forma, não! Não era mais! Nada mais era daquela forma!

Eu não mais ouvia com os meus ouvidos, "ouvia" com os meus olhos! Falava tanto com a boca, como com as mãos! Tal qual Teixeira (1999) diz na música "*Transformação*":

Eu não sou mais quem você conheceu / Não existe mais em mim os velhos tempos / Não diga nada pois tudo é assim / Todo caminho tem um mesmo fim / Transformação pra poder existir / Não estranhe [...]

Uma transformação de des-encontros! Quem passei a ser? Transitava por dois mundos (entenda esses "mundos" como cultura, língua de sinais e corpos), ouvinte e surdo; no entanto, a quem pertencia?

Sabia que era diferente para os dois mundos!

A partir dessa 'transpolinização' [...] cultural, uma consciência outra está em formação – uma nova consciência *mestiza*, [...]. Uma consciência das Fronteiras (Glória ANZALDÚA, 2005, p. 704, destaque da autora).

Meu corpo, agora, se constituía em ser, permanentemente, diferente (um corpo mestiço) por requerer, para meu conforto, receber as informações por via visual (afinal de contas, tinha trazido cores ao meu pensar) e ao mesmo tempo, compartilhar as informações pela via oral (sempre "faleeeeeiiiiii pelos cotovelos"). Ora, ora, ora.... Falando assim, coisa simples de resolver! Ne-ga-ti-vo! De acordo com Geertz (1999, p.21): " O sentimento de ser estrangeiro não começa à beira d'água mas a flor da pele".

Vivenciar neste espaço fronteiro onde compartilho diferentes mundos, causa uma colisão que revela traços de conflitos e tensões, é um espaço onde a incompatibilidade entre ser "igual" ou ser "outro" mostra seus contornos mais definidos.

Estar nesse limite não agradava e nem agrada, até hoje, a nenhum dos dois mundos - para um, não sou surda, sou "paraguaia" e tenho uma Libras "defeituosa"; para o outro, não sou ouvinte, não tenho audição compatível com quem ouve, sou a "incapaz". E isso fazia com que eu, enquanto "surda falante", vivesse num limbo (lugar de esquecimento, vazio): ser um "nada" ou me delimitar a um corpo pertencente a uma das categorias de identidades Surdas ²³(na Cultura Surda, o S com letra maiúscula indica identificação com a identidade e cultura surda). De acordo com Gladis Perlin:

[...] diferentes identidades Surdas são bastante complexas, diversificadas. Isto pode ser constatado nesta divisão por identidades onde se tem ocasião para identificar outras muitas identidades Surdas [...] (2002, p.15).

Mas eu sou surda, aprendi Libras - Língua Brasileira de Sinais e falo também a Língua Portuguesa! Sou um corpo surdo oralizado e que usa a Libras! Eu não sou esse "nada", como também, não me "enquadro" em nenhum desses tipos de identidades Surdas.

Então, quem eu seria? Qual seria meu corpo (identidade)? A qual mundo pertencer? Se surda, teria que usar apenas a Libras - Língua Brasileira de Sinais para comunicação; se ouvinte, teria que deixar de lado a Libras e fazer uso da tecnologia (mesmo com inadaptação ao uso de aparelhos). Teria eu que desconsiderar uma marca em função de outra? Por que aprisionar-me a um mundo? Teria que encaixar-me em um desses mundos ou criar um terceiro?

²³Gladis Perlin, em 1998, na sua dissertação de mestrado "Histórias de vida surda: Identidades em questão" apresentou sete tipos de identidades Surdas. A saber: 1- Identidade Surda, como identidade política; 2- Identidade Surda Híbrida; 3- Identidade Surda Flutuante; 4- Identidade Surda Embaraçada; 5- Identidade Surda de Transição; 6- Identidade Surda de Diáspora e 7- Identidade Surda Intermediária.

Todos esses questionamentos me impulsionaram a estar aqui, no mestrado em psicologia da UFF (Universidade federal Fluminense), para uma proposta de olhar para esse corpo e para seus significados. Como diz Donna Haraway:

Precisamos do poder das teorias críticas modernas sobre como significados e corpos são construídos, não para negar significados e corpos, mas para viver em significados e corpos que tenham a possibilidade de um futuro (1995, p.16).

E nessa possibilidade de futuro, compreendi que preciso seguir nos "caminhos do pertencimento" como disse minha orientadora, Ana Cláudia Lima Monteiro (em sala, 2018). E este pertencer não significa sobrepor marcas, nem tampouco desconsiderá-las, mas compreender que no mundo (ouvinte ou surdo) em que eu transitar, algumas marcas serão destacadas de outras.

Soy un amasamiento, sou um ato de juntar e unir que não apenas produz uma criatura tanto da luz como da escuridão, mas também uma criatura que questiona as definições de luz e de escuro e dá-lhes novos significados (Gloria ANZALDÚA, 2005, p.708).

Sendo assim, não preciso criar um terceiro mundo, nem tampouco delimitar-me a um dos mundos. Na minha condição de "mestiça" poderei compor-me, ou seja, não preciso despir-me desse "*amasamiento*" (mistura) para encontrar uma igualdade entre mim e o outro (ouvinte ou surdo), mas entender que, é a partir dessa mistura, que será possível fazer uma composição, e esta será sempre frágil, localizada e situada no tempo e no espaço. E mais um detalhe, sempre provisória!

Composição não trata de finais felizes para sempre. De fato, não se trata de final algum. A aposta é na possibilidade de construção de um presente espesso em significados e corpos que, ainda que frágil e passível de decomposição, faz-se potente para a construção de um mundo comum. (Lucila L. da SILVA; Marcia MORAES, 2019, p.228)

A partir do momento que me entendi na fronteira, percebi que não queria apenas transitar, não! Hoje digo: quero ha-bi-tar! Para habitar em fronteira faz-se necessário obter conexão, des-aprendizagens, desviar dos caminhos mais seguros e óbvios e, assim, aceitar as tensões diárias; como também, exige-se a construção de um corpo que se permite ser posto em movimento, afetar e ser afetado por conexões múltiplas.

Portanto, este corpo constituído dessa mistura linguística (Língua Portuguesa + Língua Brasileira dos Sinais), em vez de resultar em um corpo "inferior" e "paraguaio", transforma-se num corpo com uma consciência de fronteira. Podendo dizer, hoje, com toda certeza, **Eu sou uma mestiça!**

Como *mestiza*, eu não tenho país, minha terra natal me despejou; no entanto, todos os países são meus [...] (Glória ANZALDÚA, 2005, p.707).

Agora sei por que eu sou uma mestiça!

Vivo em um espaço de incessante trânsito, numa "entre-cultura" em que vou sempre me modificando, sem a pretensão de me definir (sinto-me confortável em usar a língua de sinais e a língua portuguesa). Com isso, meu corpo vive um processo de conexão e desconexão com os mundos (surdo ou ouvinte). Ou seja, ao usar a Libras (Língua Brasileira de Sinais) como uma possibilidade de compor a minha subjetividade pela linguagem (instrumento de comunicação) e às consequências dessa "composição" nas minhas relações sociais, há uma conexão (teias que se entrelaçam) com o mundo surdo e uma desconexão com o mundo ouvinte; da mesma forma acontece quando faço uso da Língua Portuguesa, há uma conexão com o mundo ouvinte e uma desconexão com o mundo surdo. Isso significa que meu corpo está o tempo todo inserido e mergulhado em conexões, desconexões e, conseqüentemente, em reconexões não permanentes, precárias e inconstantes; sou ao mesmo tempo parte e totalidade na relação comigo e com os mundos.

[...] cada posição minha me determina, fazendo com que minha existência concreta seja a unidade da multiplicidade, que se realiza pelo desenvolvimento dessas determinações. Em cada momento de minha existência, embora eu seja uma totalidade, manifesta-se uma parte de mim como desdobramento das múltiplas determinações a que estou sujeito. (CIAMPA, 1989, p.67)

Agora sei por que eu sou uma mestiça!

Situada no meio do caminho entre o mundo ouvinte e o mundo surdo, permito-me olhar para meu corpo como não tendo uma identidade fixa, essencial ou permanente, mas concebida socialmente nas interações e, por isso, marcada numa base sócio-histórica e cultural, resultando em um corpo inter-conectado, complexo e em permanente fluxo. Nas palavras de Ana Luiza B. Smolka:

[...] os indivíduos são afetados de diferentes modos, pelas muitas formas de produção nas quais eles participam [...] são profundamente afetados por signos e sentidos produzidos nas (e na história das) relações com outros (2000, p.31).

Diante desta afirmação, não é o que o indivíduo é, a priori, que explicita seus modos de relacionar-se com os outros, mas as relações sociais pelas quais ele está atraído que podem explicar seus modos de ser, de agir, de pensar e de relacionar-se (Vigotsky, 1984).

Agora sei por que eu sou uma mestiça!

Confundo a suposta pureza, legitimidade e insolubilidade dos mundos, pois não sou mais integralmente nenhuma das identidades "nativas", embora apresente traços delas. Isto significa que desestabilizo limites entre os diferentes territórios e desrespeito os "sinais" que demarcam "artificialmente" os limites entre os mundos que estão localizados assimetricamente em relação ao poder, ou seja, borro as distinções das tantas marcas de poder: inclusão/exclusão ("estes são, aqueles não"); indicador de posição ("nós" e "eles"); categorização ("desenvolvidos e primitivos") e normalização ("somos normais e eles anormais"). E de acordo com Silva (2000), estas marcas de poder "nascem de relações conflituosas [...] estão ligadas a histórias de ocupação, colonização e destruição", na comunidade surda, usamos o termo audismo/ouvintismo²⁴.

A normalização é um dos processos mais sutis pelos quais o poder se manifesta no campo da identidade e da diferença. [...] significa eleger – arbitrariamente – uma identidade específica como o parâmetro em relação ao qual as outras identidades são avaliadas e hierarquizadas. [...] A força da identidade normal é tal que ela nem sequer é vista como *uma* identidade, mas simplesmente como *a* identidade [...] (Id, 2000, p. 83, destaque do autor).

²⁴ Audismo e Ouvintismo - no campo da surdez, quando a força ouvinte estabelece a norma de controle da comunidade surda, submetendo-a a expor-se como ouvinte, usamos os termos audismo/ouvintismo que se baseiam na ideia do "colonialismo".

Para entender mais:

<http://www.ucs.br/etc/conferencias/index.php/anpedsul/9anpedsul/paper/viewFile/2951/676>

<https://culturasurda.net/audismo-ouvintismo/>

Relacionado a esta relação de poder, também é disposta a noção de "perda", pois enquanto uma "surda falante" não tenho direitos aqui (mundo surdo - sou "paraguaia"), e não tenho direitos lá (mundo ouvinte - audição incompatível com quem ouve), isto significa que estar neste "entre-lugar" revela traços de opressão e de exclusão sofrida tanto em um mundo quanto no outro. Entretanto, concordo com Santiago (1978, p.24) quando diz: “Nesse espaço, se o significante é o mesmo, o significado circula em outra mensagem, uma mensagem invertida”.

Portanto, hoje afirmo, **sou uma mestiça** porque tenho

[...] a possibilidade de ser uma sucessão de estações, algo em que se fica por algum tempo, mas algo em que se está apenas de passagem, um ponto de duração temporal (e extensão espacial) limitado de onde posso partir para várias direções, não estando mais obrigado a seguir sempre para a frente. Ou para trás (TEIXEIRA COELHO citado por BONFIM, 2008, s/p).

Esta é a potência do meu corpo!

E para finalizar, ou melhor, concluir esse fragmento intitulado "futuro", trago a poesia de Madsen (2005), um escritor surdo, intitulada: "É preciso ser surdo para entender..."

Como é “ouvir” uma mão?

Você precisa ser surdo para entender!

O que é ser uma pequena criança na escola, numa sala sem som com um professor que fala, fala e fala e, então, quando ele vem perto de você ele espera que você saiba o que ele disse?

Você precisa ser surdo para entender!

Ou o professor que pensa que para torná-lo inteligente você deve, primeiro, aprender como falar com sua voz assim, colocando as mãos no seu rosto por horas e horas sem paciência ou fim, até sair algo indistinto assemelhado ao som?

Você precisa ser surdo para entender!

Como é ser curioso na ânsia por conhecimento próprio com um desejo interno que está em chamas e você pede a um irmão, irmã e amigo ajuda, que respondendo lhe diz: “Não importa”!

Você precisa ser surdo para entender!

Como é estar de castigo num canto embora não tenha feito realmente nada errado a não ser tentar fazer uso das mãos para comunicar a um colega silencioso um pensamento que vem, de repente, a sua mente?

Você precisa ser surdo para entender!

Como é ter alguém a gritar pensando que irá ajudá-lo a ouvir ou não entender as palavras de um amigo que está tentando tornar a piada mais clara e você não pega o fio da meada porque ele falhou?

Você precisa ser surdo para entender!

Como é quando riem na sua face quando você tenta repetir o que foi dito somente para estar seguro que você entendeu e você descobre que as palavras foram mal entendidas? E você quer gritar alto: “Por favor, me ajude, amigo!”.

Você precisa ser surdo para entender!

Como é ter que depender de alguém que pode ouvir para telefonar a um amigo ou marcar um encontro de negócios e ser forçado a repetir o que é pessoal e, então, descobrir que seu recado não foi bem transmitido?

Você precisa ser surdo para entender!

Como é ser surdo e sozinho em companhia dos que podem ouvir e você somente tenta adivinhar, pois não há ninguém lá com uma mão ajudadora enquanto você tenta acompanhar as palavras e a música?

Você precisa ser surdo para entender!

Como é estar na estrada da vida e encontrar com um estranho que abre a sua a boca e fala alto uma frase a passos rápidos e você não pode entendê-lo e olhar no seu rosto porque é difícil e você não o acompanha?

Você precisa ser surdo para entender!

Como é compreender alguns dados ligeiros que descrevem a cena e fazem você sorrir e sentir-se sereno com a “palavras faladas” de mão em movimento que tornam você parte deste mundo tão amplo?

Faça-me sentir igual a você!

AINDA TENHO ALGUMAS PALAVRAS... (Considerações Finais ?)

Então...

Seria este o momento de re-afirmar ou de re-considerar as minhas intenções com esta pesquisa e comentar sucintamente esta produção? Segundo Cervo, Bervian e Silva (2007), nesta seção, devemos realizar um apanhado dos elementos registrados no texto, amarrar as ideias e fechar as questões expostas na introdução do trabalho, ou seja, de uma forma mais descontraída, menos formal, poderia dizer que é a última tentativa de convencer você, que está aqui comigo, a re-conhecer tudo que escrevi. Caraaammmbbbaaaa, que missão!!

Mas por que devo concluir aqui minha pesquisa? Onde e quando acaba uma pesquisa? Como saber se é chegada a hora de colocar um ponto final? Por que aqui, nesta seção, preciso encerrar a minha e, conseqüentemente, a sua experiência sobre este tema? Como acabar? Como convencê-lo? Definitivamente, eu não sei!

Fiquei pensando... pensando...

Perdi a conta de quantas vezes sonhei com este momento que se desdobra agora. Imaginei tantos começos de finalização... Tantos modos de encerrar, de acabar... de por um fim... mas, neste exato momento, paira uma grande incerteza. Talvez este tempo de concluir carregue em si algumas dificuldades, provavelmente porque se trata de um desprendimento. Hummmm, essa palavra, desprendimento, lembra-me algo relacionado com a minha perda de audição no passado!

Desprender, segundo o dicionário²⁵, significa apartar, desligar, soltar... mas, como me separar de algo que por tanto tempo compôs os meus dias, meus pensamentos, meus sonhos, meu corpo... É, são muitas marcas!

E falando das marcas relacionadas a minha perda de audição, posso dizer que foram um encontro na ordem do inesperado! De repente, em meu corpo, o aparecimento de uma singularidade que inicialmente eu nem sabia do que se tratava, e que hoje me mantém viva! É minha identidade.

²⁵O dicionário pesquisado foi "Dicionário Online de Português", encontra-se no endereço: <https://www.dicio.com.br>

Para isso acontecer, precisei me desprender daquele corpo ouvinte, mesmo que lentamente, e dar ao meu corpo uma espécie de "sim" duplo para o encontro surpreendente que se iniciava.

Primeiro, o "sim" de um despertar à potência dos afetos *no* e *para* meu corpo de uma diferença invisível que eu não escolhi e nem conhecia. Tal efeito, provocava meu corpo a se aliar ao que me transformava, proporcionando um deslocar, um sair do lugar o qual eu ocupava e, assim, possibilitar uma nova forma de relação com o mundo.

E o segundo "sim" do acolhimento à surdez; o "sim" que provoca meus sentimentos para um pertencimento, consentindo-me ser enraizada e desta forma brotar diferente.

Posso dizer que foram etapas difíceis. Na verdade, muuuuitttoooo difícil!!!!

Foram sins construídos pouco a pouco, em estágios, como algo que se tornava constitutivo e pertencente ao meu corpo, ocorrendo de tal forma que esse pertencimento se tornava único e singular. À medida que o desenraizamento do corpo ouvinte ressoava em mim, o enraizamento do corpo surdo se fazia potente, nutria-me, permitindo des/re-construir-me em territórios de diferentes identidades.

Identidade é movimento, é desenvolvimento do concreto. Identidade é metamorfose. É sermos o Um e um Outro, para que cheguemos a ser Um numa infindável transformação. (CIAMPA, 1993, p.74)

Bem... retornando ao dilema das "considerações finais"...

Certa vez, perguntei-me, quanto a escrita desta pesquisa, que sentimentos estavam ali presentes? Quais eu gostaria de sentir e de compartilhar? Recordo-me que foi um momento muito marcante, de muita reflexão e a resposta foi, que fosse a expressão do meu mundo interior e que compartilhasse sensações salpicadas e contorcidas no meu corpo. Uma pesquisa com várias narrativas pessoais, ou seja, uma pesquisa "encarnada", como diz minha orientadora Ana Cláudia Lima Monteiro, para que se possa pensar o quanto cada uma delas não está apenas em mim, para que se perceba como os nossos corpos têm se des-conectado e como temos nos envolvido; para que se sinta quais forças nos atravessam, nos capturam, nos paralisam e nos conduzem.

E com esta resposta, percebi o quanto escrever é dolorido e solitário. A experiência de efetivar a escrita nesta dissertação não foi nada fácil! Aprendi durante este período que, somente eu, enquanto autora, pertencia ao texto, assim como o texto me pertencia e, desta forma, uma solidão se fez presente de várias formas, em diversos níveis, em

diferentes momentos. Como disse Clarice Lispector (1997), "Não, não é fácil escrever. É duro como quebrar rochas."

Por quantas vezes desabei em lágrimas por não saber como escrever, que caminho percorrer... Quantos momentos tive vontade de fugir, de dar no pé sem olhar para trás, não só pelo ato de escrever, mas também pelo próprio espaço onde é produzida a pesquisa. Fugir do espaço destinado à pesquisa?!?! É, isso mesmo! Parece estranho falar da vontade de sumir do lugar que se produz conhecimento! Mas é verdade... O presente por si só fala!

A universidade, e isto incluindo a UFF (Universidade Federal Fluminense), ainda é um espaço de muita violência. Um lugar que, apesar da existência do programa de ações afirmativas²⁶, do qual participei, reverbera o conceito de "cultura do silêncio" apresentado na obra de Freire (2001), onde minorias sociais precisam permanecer na condição de oprimidos, sem ter sua voz ouvida em função de heranças históricas, culturais e ideológicas de definição das diferenças.

Nesse espaço, para as pessoas com deficiência, ainda não há interesse em deslocar o foco da falta como uma tragédia pessoal catalogado pelo saber médico e localizar no social, na singularidade humana, na acessibilidade, no campo dos direitos humanos e com isso construir o paradigma da inclusão. Não! Este lugar de pesquisa, como diz Grada Kilomba:

[...] não é um espaço neutro nem tampouco simplesmente um espaço de conhecimento e sabedoria, de ciência e erudição, é também um espaço de v-i-o-l-ê-n-c-i-a. (2019, p.51)

Uma violência capacitista, onde corponormativos ouvintes, representado por alguns docentes e discentes, envolto ao manto da preocupação e do desconhecimento, questionam a minha surdez e a necessidade da presença de intérpretes de Libras²⁷ durante as aulas.

²⁶ Por Ações Afirmativas, podemos entender, num sentido mais restrito, como uma política para assegurar o acesso a membros de grupos, que na ausência desta, continuariam excluídos. Para entender mais: <https://gema.iesp.uerj.br>

²⁷ Intérprete de Libras - é o profissional que domina a Língua Brasileira de Sinais - Libras e a Língua Portuguesa (falada); responsável pelo processo de comunicação entre pessoas surdas, que usam a Libras, com pessoas ouvintes que usam a Língua oral, no caso a Língua Portuguesa. Para um conhecimento mais aprofundado sobre esta profissão: <http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/tradutorlibras.pdf>

Sei que ao dizer que sou uma mulher surda bilíngue oralizada, um corpo de "entre-cultura", que utiliza tanto a Libras - Língua Brasileira de Sinais, quanto a Língua Portuguesa, na forma escrita e falada, bagunço com a categorização dicotômica entre oralizado/sinalizante, entretanto, ao desconsiderar a minha surdez, em função da oralidade que tenho, e desdenhar a importância dos intérpretes de Libras como um instrumento de acessibilidade, traz à tona o cerne da discriminação em relação à surdez, que provém da cristalização de um juízo passado e não revisto.

Essa lógica perversa naturaliza a homogeneização dos discursos que identificam o surdo por meio de características universais, a partir da marca da materialidade da surdez (Roseléia SCHNEIDER, 2006, p.39).

Ações violentas veladas me diziam o tempo todo que ali, naquele espaço de produção de saber, há uma seleção canalizada ao que se habituou definir aptidão de fazer ciência e, portanto, não cabia uma mulher surda bilíngue oralizada. A minha permanência deixava nítido que os obstáculos estruturais presentes na sociedade, em relação aos diálogos interseccionais entre gênero (à mulher cabe, somente, o espaço privado, um lugar de existência feminina) e deficiência sensorial (à posição de imperfeição, um lugar de depreciação) também se materializavam no curso de pós-graduação *stricto sensu* da UFF (Universidade Federal Fluminense).

[...] as dificuldades de permanecer no espaço acadêmico que a cada minuto te expurga de maneira agressiva ou, em outras situações, te expela por mecanismos bem sutis, são diversas. São inúmeras as estratégias de exclusão [...] (Marta QUINTILIANO, 2019, p. 23).

Com tudo isso, meu corpo tão individual, tão meu e tão singular se fazia em lágrimas, sentia muita dor... Dor por uma afetação social potencializada pelo duplo estigma, sentenciando-me em um não-pertencimento. Minha presença, naquele ambiente, me apontava o tempo todo que eu tinha um corpo, corpo este marcado (Donna Haraway, 1995). Portanto, a vontade de correr em sentido contrário àquele espaço de pesquisa crescia... crescia e muito!

E, justamente no momento que penso em entregar os pontos, outros cotistas, também com seus corpos de luta, se unem comigo numa verdadeira conexão; numa *access intimacy* (Mia Mingus, 2017 - traduzindo: intimidade acessibilizadora) e, juntos, de forma coletiva, criamos estratégias de enfrentamento para demarcarmos nosso lugar de

pesquisadores na UFF (Universidade Federal Fluminense). Como diz Grada Kilomba (2019), "[...] a opressão forma as condições de resistência [...]".

Posso dizer que fácil não foi! A barreira atitudinal, neste espaço de pesquisa, ainda é muito potente e obstaculiza a permanência de mulheres com deficiência. E, assim, como o ato de escrever, é "[...] algo que pesa e que tem o dom da leveza; algo que chora e que se manifesta em sorrisos [...]" (Clarice Lispector, 2011), o espaço de pesquisa também é!

Nooosssaaa, desviei de novo sobre o que falava; da minha indecisão acerca das "considerações finais"!

Seria, talvez, porque quando se pensa em escrita acadêmica, tradicionalmente se pensa no rigor, na distância - objeto separado do sujeito, na neutralidade, no apagamento de qualquer rastro de singularidade e eu, enquanto pesquisadora, trago uma escrita...

carregada de uma potência de transformação, em que meu corpo não pode esperar e nem ficar para depois, apostando, com isso, num compromisso político e epistemológico feminista no qual o "pessoal é político";

que destaca, em cada citação, nome e sobrenome de outras mulheres pesquisadoras, antagonizando a perspectiva de neutralidade de ciência;

com marca diferente, de forma a não deixar de lado os detalhes, as afetações, os desejos e, assim, apresentá-la de maneira que não seja possível pelo olhar e contar masculino.

Seráááá?!?! Não sei!

Sei que a escrita me invade, me perpassa e, também, me fere. Implode e atormenta, mas, do mesmo modo, me consola. Na verdade, o escrever sinto como um ato poético, uma tentativa de captar o que acontece e eternizar o que não se vê. Quase universal, pois ainda que minha escrita seja utilizada por outros, não deixará de ser uma escrita situada e localizada. Uma escrita recheada de experiência particular com pontos de des-aproximação com a vida de quem lê.

Hummmm... Acho que é isto!!

Pelo fato da minha pesquisa ir na contramão do que se entende por uma escrita acadêmica, com "textos que não nos tiram do lugar, que não nos provocam, ou agradam ou desagradam [...]" (Leila D. Machado, 2004, p. 147) e, seja uma "escrita-corpo" ou um "corpo na ponta do lápis", onde no papel é exposto experiências significativas da minha vida e, só a partir daí, se elegem os referenciais teóricos, eu esteja com tanto questionamento, tanta indecisão e tanta dúvida do que escrever nas considerações finais!

Éééé, descobri! Nem precisei esperar o amanhã chegar! O futuro que já é um passado fez-me entender!

Ah, futuro que é passado?!? Parece uma brincadeira, mas é real! Isto faz lembrar que, na última disposição desta pesquisa, quando escrevi sobre o futuro, na verdade, representou o resultado da descoberta do meu corpo. Um futuro que já havia acontecido!

Quando passei a ser surda oralizada bilíngue, sempre questioneei qual seria minha identidade... A que contexto (surdo ou ouvinte) pertenceria?... Quais seriam as minhas nuances?... Deveria aprisionar-me em apenas um mundo?...

De uma coisa eu tinha certeza, apesar de transitar pelos dois mundos (entenda mundo como cultura, língua, corpo...), de carregar todo o peso e significado desses mundos, era dissemelhante para os dois. Não tinha como negar a minha composição e camuflar a minha existência! Como diz Glória Anzaldúa:

[...] não é suficiente se posicionar na margem oposta do rio, gritando perguntas, desafiando convenções [...] não é um meio de vida. A uma determinada altura, no nosso caminho rumo a uma nova consciência, teremos que deixar a margem oposta, [...] a fim de que estejamos nas duas margens ao mesmo tempo e, ao mesmo tempo, enxergar tudo [...].(2005, p. 705).

E foi justamente isso que descobri com a pesquisa! Tenho um corpo mestiço, um corpo fronteiro! É claro que por estar nas duas margens, existe uma produção de estranhamentos nos dois mundos, afinal, sou um corpo em constante deslocamento; um corpo oralizado que usa a Libras! Minha identidade é necessariamente um processo de metamorfose e metamorfose é vida (Ciampa, 2005), portanto, esta composição não significa sobrepor ou desconsiderar marcas, mas conceber que no mundo (ouvinte ou surdo) em que perpassar algumas marcas serão evidenciadas e outras não.

[...] para a composição, precisamos nos misturar, desmanchar um pouco do que há em nós, borrar com um pouco do que há no outro. Isso não significa buscar uma igualdade, apagando nossas marcas e nossas diferenças. E sim entender que com a diferença é que é possível compor. (Lucila Lima da SILVA, 2018, p. 81).

E a partir do momento que me entendi como um corpo de fronteira que para compor estes mundos não preciso ser igual, mas consentir as tensões diárias, afetar e ser afetada pelas conexões das margens, sem me tornar num corpo "inferior" e "paraguaião", posso

dizer, hoje, com toda certeza, sou uma mestiça! Uma mestiça que não deseja só transitar, quero habitar! E desta forma, como Freire disse:

"Ser capaz de recomeçar sempre, de fazer, de reconstruir, de não se entregar, [...] de entender e de viver a vida como processo, como vir-a-ser [...]" (2001, p. 103).

Por tudo isso... não tenho como colocar um ponto final! Não tenho como acabar ...
Estamos diante de um modo de escrita e de fazer pesquisa no qual o corpo transborda a cada linha, portanto, não cabe um ponto final. Apenas reticências ...

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. *O Perigo de uma história única*. Recorded. At.TEDGlobal, 2009. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ZUtLR1ZWtEY>. Acesso em: 02 fev.2020.

AKOTIRENE, Carla. *O que é interseccionalidade?* Belo Horizonte: Letramento. Justificando, 2018.

ALVES, I. A.; ALVES, Tainá A. *O perigo da história única: diálogos com Chimamanda Adichie*. Trabalho apresentado no I Ciclo de Eventos Linguísticos, Literários e Culturais, realizado na Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – Campus Jequié, Seção F: A abordagem social das identidades culturais. 2012. Disponível em: <http://bocc.unisinos.br/pag/alves-alves-o-perigo-da-historiaunica.pdf>. Acesso em 24 mar. 2020.

ANZALDÚA, Gloria. *Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo*. 2000. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/9880>. Acesso em: 17 jul. 2019.

_____. *La Conciencia de la mestiza/ Rumo a uma nova consciência*. Estudos Femininos, Florianópolis, 13(3), p.704-719, setembro-dezembro, 2005.

_____. *Como Domar uma Língua Selvagem*. Traduzido por Joana Plaza Pinto e outros. Caderno de Letras da UFF - Dossiê: Difusão da Língua Portuguesa, nº 39, p.297-309, 2009.

BAMPI, Luciana Neves da Silva; GUILHEM, Dirce; ALVES, Elíoenai Dornelles. *Modelo social: uma nova abordagem para o tema deficiência*. Rev. Latino-Am. Enfermagem, Ribeirão Preto, v.18, n.4, p.816-823, ago. 2010. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010411692010000400022&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 24 mar. 2020.

BARBOSA-FOHRMANN, Ana Paula. *Os modelos médico e social de deficiência a partir dos significados de segregação e inclusão nos discursos de Michel Foucault e de Martha Nussbaum*. 2 Journal of Institutional Studies, vol. 2, 2, 2016.

BARCELLOS, Ana Paula de; CAMPANTE, Renata Ramos. *A Acessibilidade como Instrumento de Promoção de Direitos Fundamentais*. In FERRAZ, Carolina Valença (et al.) Manual dos Direitos da Pessoa com Deficiência. São Paulo: Editora Saraiva, 2012.

BASTOS, Ana Cristina de A. C. *A Educação Inclusiva sob o prisma da legalidade: um olhar sobre os marcos legais que referendam a inclusão educacional dos alunos público-alvo da educação especial*. In: MENESES, Maria Aparecida Ramos de; ALMEIDA, Simone Jordão; RIBEIRO, Waleska Ramalho (Orgs). *Inclusão social das pessoas com deficiência: entre a garantia e a efetivação dos direitos sociais* [livro eletrônico]. João Pessoa: A União, 250 p. ; E-book. ISBN 978-85-8237-101-5. p.169-192. 2018.

BEAUVOIR, Simone de. *O segundo sexo - fatos e mitos*. Tradução de Sérgio Milliet. 4. ed. São Paulo: Difusão europeia do livro, 1970. Disponível em: <https://materialfeminista.milharal.org/files/2012/08/O-Segundo-Sexo-vol1-Fatos-eMitos-Simone-de-Beauvoir1.pdf>. Acesso em: 04 abr. 2020.

BONFIM, C. *Um camaleão diante do arco-íris: música popular urbana e identidade cultural na América Latina*. In: IV ENECULT - Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura, 2008 Faculdade de Comunicação/UFBA, Salvador-Bahia-Brasil. Disponível em: <http://www.cult.ufba.br/enecult/2008/14476.pdf>. Acesso em 25 abr. 2020.

BRASIL. *Decreto Legislativo nº 186, de 9 de julho de 2008*. Aprova o texto da Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência e de seu Protocolo Facultativo, assinados em Nova York, em 30 de março de 2007. Disponível em: <https://www.oab.org.br/arquivos/a-convencao-sobre-os-direitos-das-pessoas-com-deficiencia-comentada-812070948.pdf>. Acesso em: 30 mar. 2020.

_____. *Decreto nº 5626, de 22 de dezembro de 2005*. Regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002 que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais e o art. 18 da Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 22 dez. 2005. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2005/Decreto/D5626.htm. Acesso em: 17 jun. 2019.

_____. *Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002*. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 25 abr. 2002. Disponível em: <http://planalto.gov.br/ccivil/leis/2002/L10436.htm>. Acesso em: 18 mar. 2020.

_____. *Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000*. Estabelece normas gerais e critérios básicos para a promoção da acessibilidade das pessoas portadoras de deficiência ou com mobilidade reduzida, e dá outras providências. Brasília, 2000. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L10098.htm. Acesso em: 13 jul. 2019.

_____. *Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015*. Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência. Brasília, 2015. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/Lei/L13146.htm. Acesso em: 13 jul. 2019.

BUTLER, Judith. *Bodies that matter: on the discursive limits of “sex”*. Nova Iorque: Routledge, 1993.

_____. *Problemas de Gênero – Feminismo e Subversão da Identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CAMPBELL, Fiona Kumari. *Inciting legal fictions: Disability date with ontology and the ableist body of the law*. *Griffith Law Review*, 10, 42-62, 2001.

CANGUILHEM, G. *O normal e o patológico*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.

CARVALHO, Josefina M. *O ideal de completude narcísica e o adolescente surdo: um estudo clínico*. Dissertação de mestrado não-publicada, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo. p. 69, 2000.

CERVO, A. L.; BERVIAN, P. A.; SILVA, R. *Metodologia científica*. 6. ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2007.

CIAMPA, A. de C. *A estória do Severino e a história da Severina: ensaio da psicologia social*. São Paulo. Brasiliense, 1987a/2005.

_____. *Identidade*. In: W. CODO & Silvia T. M. LANE (Orgs.). *Psicologia social: o homem em movimento* (pp. 58-75), São Paulo: Brasiliense, 1987/1989/1993.

COLLINS, Patricia Hill. *Black Feminist Thought: Knowledge, Consciousness and the Politics of Empowerment*. Nova York: Routledge, 2000.

_____. *Intersectionality: a knowledge project for a decolonizing world?* Comunicação ao colóquio internacional Intersectionnalité et Colonialité: Débats Contemporains, Université Paris Diderot. Trad. Natália Luchini. Seminário: Teoria Feminista, Cebrap, 2014.

DELORY, Christine Momberger. *A pesquisa biográfica: projeto epistemológico e perspectivas metodológicas*. In: ABRAHÃO, M. H. M. B; PASSEGGI, M. (Org.). *Dimensões epistemológicas e metodológicas da pesquisa (auto) biográfica: Tomo I*. Natal: EDUFRN; Porto Alegre: EDIPUCRS, Salvador, EDUNEB, p. 71-93. 2012.

DESPRET, Vinciane. *The body we care for: figures of anthropozoo-genesis*. *Body and Society*, 10(23), 111-134. 2004.

DIAS SOBRINHO, J. *Democratização, qualidade e crise da educação superior: faces da exclusão e limites da inclusão*. *Educação & Sociedade*, vol.31, 2010.

DINIZ, Débora; BARBOSA, Lívia; SANTOS, Wederson Rufino dos. *Deficiência, direitos humanos e justiça*. *Sur, Rev. int. direitos human.*, São Paulo, v. 6, n. 11, p. 64-77, dez. 2009. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S180664452009000200004&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 24 mar. 2020.

DUBAR, C. *A Socialização construção das identidades sociais e profissionais*. Ed. Martins Fontes, 1997.

DYLAN, B. *Bye and bye*. In: *Love and theft*, 2001. Disponível em: <https://www.bobdylan.com/songs/bye-and-bye/>. Acesso em: 23 abr. 2020.

ESPINOSA, B. *Origem e Natureza dos Afetos*. 2014. Disponível em: <https://razaoinadequada.com/2014/07/15/epinosa-origem-e-natureza-dos-afetos>. Acesso em: 16 mar. 2019.

FARIA, Beatriz Vieira Dias. *O Afeto e o Toque*. *Revista Perspectiva Sociológica*, nº. 22, 2º sem, p. 86-92. 2018.

FIGUEIRO, J; EUGÊNIO, Fernanda. *O Encontro é uma Ferida*. 2012. Disponível em: <https://ladcor.files.wordpress.com/2013/06/o-encontro-c3a9uma-ferida.pdf>. Acesso em: 22 fev. 2020.

FIGUEIRA, E. *Caminhando em silêncio: uma introdução à trajetória das pessoas com deficiência na história do Brasil*. São Paulo: Giz Editorial, 2008.

FREIRE, P. *Pedagogia do Oprimido*. 8. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

_____. *A Educação na Cidade*. São Paulo : Cortez, 4a edição. 2001.

GARCIA, Renata R. Oliveira. *Qualidade de vida da pessoa surda no ambiente familiar*. 2016. 145 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Saúde) - Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2016.

GAUDENZI, Paula e ORTEGA, F. *Problematizando o conceito de deficiência a partir das noções de autonomia e normalidade*. *Ciência & Saúde Coletiva*, RJ, v. 21, n. 10, p:3061-3070, 2016. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232016001003061&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 08 set. 2020.

GEERTZ, C. *Os Usos da Diversidade*. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 5, n. 10, p. 13-34, 1999. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-7183199900010002>. Acesso em: 30 mar. 2018.

GESSER, A. *Do Patológico ao Cultural na Surdez: para além de um e de outro ou para uma reflexão crítica dos paradigmas*. *Trabalhos em Linguística Aplicada* (online), vol.47, n.1, pp.223-239. 2008. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-18132008000100013>. Acesso em: 12 mar. 2020.

HAHN, H. *Toward a Politics of Disability: Definitions, Disciplines, and Policies*, 1985. Disponível em: <http://www.independentliving.org/docs4/hahn2.html>. Acesso em: 11 jan. 2020.

HANCIAU, Nubia. *“Entre-lugar”*. In: FIGUEIREDO, Eurídice (org.). *Conceitos de literatura e cultura*. Juiz de Fora: UFJF, 2005.

HARAWAY, Donna. *Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial*. *Cadernos Pagu* (5), Campinas-SP, Núcleo de Estudos de Gênero - Pagu/Unicamp, pp.7-41, 1995.

HIRATA, Helena. *Gênero, classe e raça Interseccionalidade e consubstancialidade das relações sociais*. *Tempo social*. vol. 26 nº.1 São Paulo. Jan./Jun 2014.

HONORA, Márcia. *Livro Ilustrado de Línguas de Sinais: desvendando a comunicação usada pelas pessoas com surdez*. São Paulo: Ciranda Cultural, 2009.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - IBGE. *Censo demográfico 2010: resultados gerais da amostra*. Rio de Janeiro: IBGE, 27 de abril de 2012. Disponível em: <https://ww2.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2010>

[/resultadosgeraisamostra/defaultresultadosgeraisamostra.shtm](#). Acesso em: 27 mai. 2018.

KILOMBA, Grada. *Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano*. Tradução de Jess Oliveira. Rio de Janeiro: Editora Cobogó, 2019.

LE BRETON, D. *Adeus ao Corpo: Antropologia e Sociedade*. Editora Papyrus, S.P. 2009.

LISPECTOR, Clarice. *A Hora da Estrela*. 1997. Obra disponibilizada pela equipe Le Livros. Disponível em: <https://fundbras.files.wordpress.com/2013/04/a-hora-da-estrela-clarice-lispector.pdf>. Acesso em: 22 ago. 2020.

_____. *Ela é assim...* 2011. Disponível em: <https://coisasdanossasvidas.blogspot.com/2011/07/clarice-lispector-ela-e-assim.html>. Acesso em: 22 ago. 2020.

LOURO, Guacira Lopes. *Gênero, sexualidade e educação - Uma perspectiva pós-estruturalista*. Editora Vozes, 6a edição, Petrópolis, 2003.

LUTERMAN, D. M. *Counseling parents of hearing impaired children*. Boston: Little Brown, 1979.

MACEDO, J. P.; DIMENSTEIN, Magda. *Escrita acadêmica e escrita de si: experienciando desvios*. Mental, Barbacena, v. 7, n. 12, p. 153-166, jun. 2009. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S167944272009000100009&lng=pt&nrm=iso. Acesso em 27 fev. 2020.

MACHADO, Leila Domingues. *O desafio ético da escrita*. Publicação Psicologia & Sociedade, vol 16, edição 1, Editora: Associação Brasileira de Psicologia Social, pp.146-150, 2004.

MADSEN, W. J. *É preciso ser surdo para entender*. In: WILCOX, Sherman e Wilcox, Phyllis Perris. *Aprender a Ver - O ensino da Língua de Sinais Americana como segunda língua*. Tradução de: Leite, Tarcisio de Arantes. Coleção Cultura e Diversidade, Editora Arara Azul, 2005.

MANTOAN, Maria Teresa Eglér. *Inclusão escolar: O que é? Por quê? Como fazer?* São Paulo: Moderna, Coleção Cotidiano Escolar, 2003.

MARCHESE, A. *Comunicação, linguagem e pensamento das crianças surdas*. Em C. Coll; J. Palácios & A. Marchesi (Orgs.), *Desenvolvimento psicológico e educação: necessidades educativas especiais e aprendizagem escolar* (pp. 198-214) Porto Alegre: Artes Médicas, V. III., 1995.

MARTINS, Francielle Cantarelli. *Discursos e Experiências de Sujeitos Surdos sobre Audismo, Deaf Gain e Surdismo*. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, RS, 2013.

MBEMBE, A. *Crítica da Razão Negra*. Tradução de Marta Lança. Antígona Editores. 1ª edição, 2014.

MELLO, Anahí Guedes de. *Deficiência, Incapacidade e Vulnerabilidade: do capacitismo ou a preeminência capacitista e biomédica do Comitê de Ética em Pesquisa da UFSC*. Ciência & Saúde Coletiva, v.21, n.10, p.3265-3276, 2016.

_____. *Gênero, Deficiência, Cuidado e Capacitismo: uma análise antropológica de experiências, narrativas e observações sobre a violência contra mulheres com deficiência*. Dissertação (Universidade Federal de Santa Catarina). Florianópolis. 2014.

MELLO, Anahí Guedes de. Nuernberg, A. H. *Corpo, Gênero e sexualidade na perspectiva da deficiência: algumas notas de campo*. In: Seminário Internacional Enlaçando Sexualidade, 3. 2013, Salvador. Anais. Salvador: Universidade do Estado da Bahia, 2013.

_____. *Gênero e deficiência: interseções e perspectivas*. Rev. Estud. Fem. vol.20 no.3, Florianópolis set./dez. 2012.

MELLO, Anahí Guedes de; Nuernberg, Adriano Henrique & Block, Pamela. *Não é o corpo que nos discapacita, mas sim a sociedade: a interdisciplinaridade e o surgimento dos estudos sobre deficiência no Brasil e no mundo*. In Edina Schimanski & Fátima Gonçalves Cavalcante (Orgs.), Pesquisa e Extensão: Experiências e Perspectivas Interdisciplinares (pp.91-118). Ponta Grossa: Editora da UEPG. 2014.

MELO, L. T. *Capacitismo - As pessoas com deficiência em tempos de tanto machismo, homofobia, racismo e outros preconceitos*, 2018. Disponível em: <https://medium.com/@lincolntavaresdemelo/capacitismo-as-pessoas-com-defici%C3%Aancia-em-tempos-de-tanto-machismo-homofobia-racismo-e-outros-4050f9a3e984>. Acesso em: 11 jan.2020.

MINGUS, Mia. *Access Intimacy, Interdependence and disability justice*. 2017. Disponível em: <https://leavingevidence.wordpress.com/2017/04/12access-intimacy-interdependence-and-disability-justice/>. Acesso em: 20 ago. 2020.

MOEHLECKE, Sabrina. *Ação afirmativa: história e debates no Brasil*. Cadernos de Pesquisa, 117, 197-218, 2002.

MONTE, Marisa. Álbum lançado em 2006. Disponível em: <https://www.vagalume.com.br/marisa-monte/discografia/infinito-particular.html>. Acesso em: 20 jan. 2020.

MONTERDE, M. I. *Las personas sordas y la comunicación*. In: Seminario sobre medios de comunicación sin barreras, VII. Anais. Alfara del Patriarca, 2004.

MORAES, Marcia; MANSO, Carolina C.; MONTEIRO, Ana Claudia L. Afetar e ser Afetado: corpo e cognição ente deficientes visuais. Univ. Psychol. Bogotá, Colombia V. 8 n°. 3 PP. 785-792 sep-dic 2009 ISSN 1657-9267. 2009.

MORAES, Marcia; TSALLIS, Alexandra. *Contar histórias, povoar o mundo: a escrita acadêmica e o feminino na ciência*. Revista Polis e Psique, v.6, n.1, p. 39-50, 2016.

NEMBRI, A. G. *Do Silêncio aos Caminhos e Descaminhos de Doutores e Doutorandos surdos: A "fala" sem eco num mundo ouvinte*. Tese. Programa de Pós-graduação em História das Ciências e das técnicas e epistemologia - HCTE/UFRJ, RJ, 2016.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS - ONU. *Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência*. 2008. Disponível em: <https://www.governodigital.gov.br/documentos-arquivosA%20Convencao%20sobre%20os%20Direitos%20das%20Pessoa%20com%20Deficiencia%20Comentada.pdf>. Acesso em: 10 jul. 19.

PERISSÉ, G. *Palavras e Origens: Considerações Epistemológicas*. 2011. Disponível em: <http://palavraseorigens.blogspot.com/search/label/futurar>. Acesso em: 20 jul. 19.

PERLIN, Gladis & STROBEL, Karin. *História cultural dos surdos: desafio contemporâneo*. Educ. rev. [online]. 2014, n.spe-2, pp.17-31. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0104-4060.37011>. Acesso em: 06 mar. 2020.

PERLIN, Gladis. *Identidade Surda*. In Skliar, C. (org.). *A Surdez: um Olhar Sobre as Diferenças*. Porto Alegre: Mediação, pp. 51-72. 1998.

_____. *As Identidades Surdas*. Revista da FENEIS, Ano IV, n. 14 abr./jun. de 2002.

_____. *O Ouvinte: o outro do outro surdo*. Anais do II Seminário Internacional Educação Intercultural, Gênero e Movimentos Sociais. Florianópolis: Fapeu-002. Publicado em 2003.

PIOVESAN, Flávia. *Ações afirmativas da perspectiva dos direitos humanos*. Cadernos de Pesquisa, v. 35, n. 124, p. 43-55, jan./abr. 2005.

POCAHY, A. F. *Interseccionalidade e educação: cartografias de uma prática conceito feminista*. Textura, Canoas, n.23, p.18-30, jan./jun. 2011.

PONTES, B.; NAUJORKS, M. I.; SHERER, A. *Mídia Impressa, Discurso e Representação Social: A Constituição do sujeito deficiente*. In: INTERCOM, 2001. Campo Grande. Anais do Congresso Brasileiro de Comunicação. Campo Grande, 2001.

QUADROS, Ronice Müller. *Situando as diferenças implicadas na educação de surdos: inclusão/exclusão*. In: Ponto de Vista, Florianópolis, nº05, p. 81-111, 2003.

QUINTILIANO, Marta. *Redes afro-indígenaafetivas: uma autoetnografia sobre trajetórias, relações e tensões entre cotistas da pós-graduação stricto sensu e políticas de ações afirmativas na Universidade Federal de Goiás*. Faculdade de Ciências Sociais, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2019.

RESENDE, Anita Cristina Azevedo, Queiroz, Edna Mendonça Oliveira & Faria, Gina Glaydes Guimarães. *A dialética inclusão/exclusão na experiência do programa*

UFGInclui. Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos. Brasília, v. 93, n. 233, p. 120-134, 2012.

RIBEIRO, Disneylândia Maria. *Barreiras atitudinais: obstáculos e desafios à inclusão de estudantes com deficiência no ensino superior*. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Pernambuco, CE. Programa de Pós-Graduação em Educação, 2016.

RIBEIRO, Djamila. *O que é lugar de fala?* Coleção: Feminismos Plurais, Editora: Letramento, edição: 1ª, 2017.

ROSA, J. *Os condenados da terra, de Frantz Fanon*. Cultura [Online], Vol. 34 | 2015. Disponível em: <https://journals.openedition.org/cultura/2585>. Acesso em 06 mar. 2020.

SACKS, O. *Vendo vozes: Uma viagem ao mundo dos surdos*. Tradução: Motta, Laura Teixeira. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

SALLES, et. al. (Salles, H., Faulstich, E., Carvalho, O. & Ramos, A.) *Ensino de Língua Portuguesa para Surdos – caminhos para a prática pedagógica*. Vols. 1 e 2. Brasília, DF: MEC. 2002.

SANTIAGO, S. *O entre-lugar do discurso latino-americano*. In: _____. Uma literatura nos trópicos: ensaios sobre dependência cultural. S. Paulo: Perspectiva, p. 11-29. 1978.

SANTIAGO, Sandra Alves da Silva & SOUZA, Ana Lucia de. *A Leitura de um mundo surdo: uma proposta de inclusão social do surdo*. 2009. Disponível em: <https://docplayer.com.br/26959658-A-leitura-de-um-mundo-surdo-uma-proposta-de-inclusao-social-do-surdo-sandra-alves-da-silva-santiago-1-e-ana-lucia-de-sousa-2.html>. Acesso em: 20 nov. 2018.

SANTOS, B. de S. *A gramática do tempo: para uma nova cultura política*. São Paulo: Cortez, 2006.

_____. *Pela mão de Alice: o social e o político na pós-modernidade*. 14ª ed. São Paulo: Cortez, 2013.

SANTOS, Raquel. *A aquisição da linguagem*. In: FIORIN, José Luiz (Org.). Introdução à linguística I: objetos teóricos. São Paulo: Contexto, 2002.

SANTOS, W. *Deficiência, desigualdade e assistência social: o Brasil e o debate internacional*. In D. Diniz, Deficiência e discriminação (pp. 117-141), Brasília: Letras Livres: EdUnB. 2010.

_____. *Pessoas com deficiência: nossa maior minoria*. 2008. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-73312008000300008. Acesso em: 20 set. 2019.

SARDENBERG, Cecília M. Bacellar. *Feminismo, Feministas e Movimentos Sociais*. In: BINGHEMER, Maria Clara.; BRANDÃO, Margarida. (Org.). *Mulher e Relações de Gênero*. São Paulo: Loyola, p. 81-114, 1994.

_____. *O pessoal é político: conscientização feminista e empoderamento de mulheres*. 2018. Disponível em: <http://revista.ibict.br/inclusao/article/view/4106>. Acesso em: 27 dez. 2019.

SCHNEIDER, Roseléia. *Educação de surdos: Inclusão no ensino regular*. Passo Fundo: Editora Universidade de Passo Fundo, 2006.

SHAKESPEARE, T. *Disability Rights and Wrongs*. Canadá: Routledge, 2006.

SILVA, Fabiana Tavares dos Santos. *Educação não inclusa: a trajetória das barreiras atitudinais nas dissertações de educação do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE/UFPE)*. Dissertação (mestrado) - UFPE, Centro de Educação, Programa de Pós-graduação em Educação. Recife, 2012. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/12854> . Acesso em: 12 jan. 2020.

SILVA, Lucila Lima. *COMPOSIÇÕES POSSÍVEIS: travessias no pluriverso dos encontros com a surdez*. Dissertação de mestrado, Universidade Federal Fluminense - UFF. Niterói/RJ. p. 86, 2018.

SILVA, Lucila Lima da; MORAES, Marcia. *Composições possíveis: travessias no pluriverso dos encontros com a surdez*. *Psicología, Conocimiento y Sociedad*, Montevideu , v. 9, n. 2, p. 154-167, 2019 .

SILVA, L. M. da. *Educação inclusiva e a formação de professores*. Monografia apresentada como pré-requisito para conclusão do Curso de Especialização *Latu Sensu* à distância em Educação Profissional e Tecnológica Inclusiva, Estado do Mato Grosso – Campus Cuiabá – Octayde Jorge da Silva. Cuiabá, 2009a.

SILVA, Rubia Carla da; MARTINS, Sandra Eli Sartoreto. *Surdez e alteridade: “o encontro entre o tilintar das vozes e o tremular das mãos”*. *Pro-Posições*, Campinas, v. 31, 2020. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-73072020000100505&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 12 mai. 2020.

SILVA, T. da. *O Currículo como fetiche: a poética e a política do texto curricular*. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

_____. *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais* / Tomaz Thadeu da Silva (org.), Stuart Hall, Kathryn Woodward.- Petrópolis, RJ: Vozes, 2000/2009b.

SKLIAR, C. B. *Os estudos surdos em educação: problematizando a normalidade*. In: Skliar, C. (Org.). *A surdez: um olhar sobre as diferenças*. Porto Alegre: Mediação, 1998.

SMOLKA, Ana Luiza Bustamante. *O (im)próprio e o im(pertinente) na apropriação das práticas sociais*. Caderno Cedes, ano XX, nº 50, abr/2000.

SOARES, Vera. *Muitas faces do feminismo no Brasil*. 1995.

STRIKER, H. *A History of Disability*. Ann Arbor: University of Michigan Press. 1999.

STROBEL, Karin L. *As imagens do outro sobre a cultura surda*. Florianópolis: Ed. Da UFSC, 2008a.

_____. *Surdos: Vestígios Culturais não registrados na História*. Tese de Doutorado. UFSC. 2008b.

TEIXEIRA, R. *Transformação*. In: Alvorada Brasileira, 1999. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=A-n1a_YqWFI. Acesso em: 23 abr. 2020.

TUCHERMANN, Ieda. *Breve história do corpo e de monstros*. Lisboa: Vega, 1999.

VIGOTSKI, L. S. *El problema de la edad*. In: VYGOTSKI, L. S. *Obras Escogidas*. Tomo IV. Madri, Visor, pp.251-274. 1996.

_____. *A formação social da mente*. São Paulo: Martins Fontes; 1984.

_____. *A construção do pensamento e da linguagem*. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

_____. *Fundamentos de defectologia*. Havana: Editorial Pueblo y Educación, 1989.

VITALIANO, Célia Regina. *Formação de professores para inclusão de alunos com necessidades educacionais especiais*. Londrina, PR: EDUEL, 2010.

WERNECK, Claudia. *Modelo médico x modelo social da deficiência*. In. *Manual da mídia legal 3: comunicações pela saúde*. Escola de Gente – Rio de Janeiro: WVA Editora, 2004.

WITKOSKI, Silvia Andreis. *Educação de Surdos e Preconceito: bilinguismo na vitrine e bimodalismo precário no estoque*. Tese de Doutorado. Universidade Federal do Paraná, 2011.

WRIGLEY, O. *Política da surdez*. Washington: Gallaudet University Press, 1996.